

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

*Cidade e Representação:
a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina*

JANA CÂNDIDA CASTRO DOS SANTOS

**Brasília
2017**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**

JANA CÂNDIDA CASTRO DOS SANTOS

Cidade e Representação:

a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como parte do requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Fernanda Derntl.

Linha de pesquisa: História e Teoria da Cidade e do Urbanismo (THC).

**Brasília
2017**

JANA CÂNDIDA CASTRO DOS SANTOS

Cidade e Representação:
a cidade de Goiás na obra de Cora Coralina

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, como parte do requisito à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Banca examinadora:

Presidente: Prof. Dr. Maria Fernanda Derntl - PPG-FAU/UnB

Prof. Dr. Carlos Henrique Magalhães de Lima - PPG-FAU/UnB

Profa. Dra. Solange Fiuza Cardoso Yokozawa - FL/UFG

Brasília, 19 de dezembro de 2017.

Aos meus pais, minha base de tudo.
E a Cora Coralina (*in memoriam*), fonte de
inspiração desse trabalho.

Agradecimentos

À professora doutora Maria Fernanda Derntl, que me acompanhou nesta jornada com sábias orientações. Agradeço muito todo o empenho e dedicação, que permitiram a condução deste trabalho com tanta maestria.

À Universidade de Brasília por toda acolhida e aos professores que participaram da minha formação da graduação até aqui. Agradeço o apoio.

À biblioteca da Universidade de Brasília pela disponibilidade de seus acervos e à sua equipe de técnicos e funcionários, sempre muito prestativos. E agradeço também a biblioteca da Universidade Federal de Goiás pelas referências que pode disponibilizar para o trabalho.

À equipe de funcionários, técnicos e professores do Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, pela atenção e ajuda que me dispuseram ao longo desses dois anos.

A CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, por custear parte fundamental dessa pesquisa.

Aos meus queridos pais, pelo apoio desde o princípio. Agradeço em especial a minha mãe pelo amor e pela dedicação incondicional. E ao meu irmão pelo incentivo, conversa amiga e palavras de conforto ao longo da caminhada.

À professora doutora Elane Ribeiro Peixoto por acreditar, incentivar e orientar-me desde os primeiros momentos desta empreitada. Muito obrigada pelas observações, comentários e sugestões ao longo das disciplinas cursadas e na banca de qualificação, que enriqueceram tanto o trabalho. Muito obrigada por tudo!

À professora doutora Solange Fiuza Cardoso Yokozawa por aceitar nosso convite e participar da banca de qualificação. Agradeço a leitura atenta e os sábios comentários, que foram fundamentais para a pesquisa.

À professora Camila Gomes Sant'Anna pela acolhida em Goiás, pelo carinho, cuidado e todo o apoio e atenção dispostos. Agradeço o convite para o Ciclo de Palestras e atividades na Universidade Federal de Goiás. Muito, muito obrigada!

À Marlene Gomes de Vellasco, diretora do Museu Casa de Cora Coralina, pela recepção calorosa e conversa amiga. Agradeço todas as referências sugeridas e também os empréstimos cedidos pela biblioteca do museu, foram de grande valia para o trabalho.

À Elder Rocha Lima, arquiteto e artista, pela receptividade, pela conversa amistosa e apresentação de seus livros, que tanto contribuíram com o trabalho.

À Ádria pela recepção calorosa em Goiás e pela caminhada que me permitiu percorrer alguns dos espaços cantados na poesia de Cora Coralina.

À Cássia R. Pereira Rosa pela leitura e revisão gramatical tão cuidadosa. Obrigada pela ajuda!

Aos colegas de mestrado e amigos, pelo apoio e troca de experiências fundamentais para o trabalho, em especial, à Maria Helena que não poupou esforços para ajudar no trabalho. Obrigada pelo carinho e pela bela amizade!

E agradeço também a Phelipe Barros por toda a dedicação e apoio incondicional ao longo de toda a caminhada. Muito obrigada!

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Muito obrigada,

Jana Cândida.

Resumo

Buscamos analisar as representações da cidade de Goiás na obra de Cora Coralina, com objetivo de discutir como a cidade é representada em sua obra e como dialoga com outras representações da cidade goiana, entre elas, as que são construídas pela historiografia regional e pela historiografia da arquitetura e urbanismo. O trabalho propõe explorar o potencial do conceito de representação, proveniente do campo da História Cultural, em articulação com referências da historiografia local e da teoria literária, e assim ir além das características morfológicas do espaço, abarcando as práticas sociais urbanas. Esperamos considerar a subjetividade expressa na dimensão poética para uma análise renovada da cidade em questão, investigando como as representações constroem imagens e nos trazem elementos para o entendimento das várias dimensões espaço-temporais da cidade. Privilegiamos para análise da poetisa seu primeiro livro publicado, *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais*. A autora nos apresenta a cidade de Goiás muito particularmente a partir dos espaços corriqueiros e de personagens que dão vida às velhas histórias. Suas representações poéticas criam uma cidade moldada por memórias pessoais e coletivas, em que diferentes temporalidades se sobrepõem e espaços urbanos preteridos por análises tradicionais, tais como os becos, tornam-se fundamentais para apreender a vida cidadina.

Palavras-chave: Cidade, Literatura, Representação, Cora Coralina, Goiás.

Abstract

We sought to analyze the representations of the city of Goiás in the work of Cora Coralina, with the purpose of discussing how the city is represented in her work and how it dialogues with other representations of the city of Goiás, among them, those built by regional, as well as architecture and urbanism historiography. The paper proposes to explore the potential of the concept of representation, coming from the field of Cultural History, in articulation with references of local historiography and literary theory, and thus going beyond the morphological characteristics of space, encompassing urban social practices. We expect to consider the subjectivity expressed in the poetic dimension for a renewed analysis of the city in question, investigating how the representations build images and bring us elements for the understanding of the various space-time dimensions of the city. We privileged analysing the poet's first published book, *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais* (Poems of the alleys of Goiás and more stories). The author presents us the city of Goiás very particularly from the common spaces and characters that give life to ancient stories. Her poetic representations create a city shaped by personal and collective memories, in which different temporalities overlap and urban spaces deprived by traditional analyzes, such as the alleys, become fundamental to apprehend the city life.

Keywords: City, Literature, Representation, Cora Coralina, Goiás.

Sumário

Introdução	11
 Capítulo I – Cora Coralina e as Representações Sociais	
1.1. Cora, muito prazer	21
1.2. Representações Sociais e a poesia coralínea	22
1.2.1. Representação: um conceito, um entendimento	22
1.2.2. O imaginário	25
1.2.3. O estudo da Cidade	26
1.2.4. História e Literatura	27
1.2.5. Memória e Historiografia	27
1.3. Fortuna crítica de Cora Coralina	28
1.4. As temáticas de sua obra	35
1.4.1. Representação da Cidade em Cora Coralina	37
1.4.2. Cora e a Tradição literária Modernista	39
1.4.3. A Memória em Cora Coralina	40
1.4.4. Cora e o Patrimônio de Goiás	41
1.4.5. Diferentes olhares sobre a poética Coralínea	42
1.4.6. Cora e a mulher	44
 Capítulo II – Cora Coralina e a História em versos	
2.1. Notas sobre a historiografia de Goiás	47
2.2. Análise de Cora Coralina: diálogo com a Historiografia	55
 Capítulo III - Entre ruas e becos: os espaços de Goiás	
3.1. A cidade de Cora Coralina	76
3.2. A morada de Cora: os edifícios e becos goianos	87

3.2.1. A Casa Velha da Ponte	98
3.2.2. Os becos de Goiás	106
3.3. O mapa afetivo de Cora Coralina	112
Considerações Finais	120
Lista de Figuras	124
Lista de Tabelas	124
Referências Bibliográficas	125
Anexos	136

Introdução

No presente trabalho buscamos problematizar como a cidade de Goiás é representada na obra de Cora Coralina, considerando suas possíveis especificidades com relação às outras representações de Goiás. Planejamos discutir como a literatura pode revelar elementos importantes para o estudo da cidade e, mais especificamente, como a obra de Cora Coralina representa a cidade goiana e nos traz dimensões diferentes daquelas da historiografia da arquitetura e do urbanismo.

O tema surgiu de um trabalho desenvolvido para a disciplina Ensaio Teórico, orientado pela professora Elane Ribeiro Peixoto. A pesquisa, guiada pelo interesse na rua como espaço de vivência da cidade, teve inspiração para seu título numa cantiga popular antiga que falava sobre a rua, “Se essa rua fosse minha”, com data e autor desconhecidos. A dimensão poética da rua uniu o sentimento, fruto das memórias de infância, ao anseio pelos saberes urbanos e o interesse pelas questões teóricas que perpassam a temática urbana. E levou-nos a pensar os espaços comuns e públicos que dão suporte à vida urbana, num esforço de compreender os espaços da cidade em uma perspectiva social.

Nosso ensaio teórico uniu a dimensão poética das poesias de Cora à análise morfológica da cidade de Goiás por meio do conceito de representação. O potencial explicativo desse conceito – não de todo explorado para tratar de Goiás - nos conduz a uma compreensão do espaço urbano a partir de seus aspectos sociais. Após a disciplina, o trabalho foi selecionado para a publicação na forma de resumo expandido na revista ARQUI, revista da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília. Para desenvolvimento do estudo aqui proposto, pretendemos aliar o interesse inicial pela rua – desenvolvido preliminarmente no ensaio teórico – a uma possibilidade de entendimento de um espaço mais vasto, o da cidade, cotejando suas diferentes representações.

Cora Coralina proporciona uma visão peculiar da cidade de Goiás, que é apresentada em seus versos a partir da descrição de aspectos sociais e da sua paisagem urbana, ruas e becos. Aponta as tradições goianas, quando se refere aos costumes e ao modo de viver dessa gente; nos fala das pessoas simples e dos personagens vivos em sua memória. Em alguns de seus poemas, os edifícios aparecem por vezes como protagonistas. Os elementos naturais, como o relevo da Serra Dourada e o Rio Vermelho, também são presenças fortes. A leitura de sua obra leva-nos a ver o potencial da abordagem das representações sociais e o possível diálogo entre as diferentes representações da cidade. Buscamos explorar as representações da

cidade na obra de Cora Coralina, não de maneira exaustiva, mas sensível à riqueza dessa literatura.

A partir da seleção de trechos da obra poética, teceremos uma análise atenta às características urbanas e à forma como a poetisa entrelaça temas do imaginário social a suas vivências e lembranças. Nesse sentido, nos indagaremos como a obra da autora entrelaça a memória individual à social, como o discurso literário e o historiográfico se aproximam, e como os versos de Coralina são fontes de conhecimento pertinentes ao estudo da cidade de Goiás.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos almejados pelo trabalho, buscamos o apoio de autores que discutem o conceito de representação social e uma revisão bibliográfica a fim de analisarmos como a poetisa tem sido objeto de inúmeros estudos, identificando os principais temas abordados e estudos relevantes para nossa pesquisa. Com o suporte de tais autores, seguimos para a análise da obra coralineana, privilegiando o livro *O Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais* (1965), por reunir parte importante dos poemas que tratam sobre a cidade, seus elementos naturais assim como seus edifícios e becos. A análise se desenvolveu a partir dos cruzamentos entre os versos poéticos e a narrativa historiográfica regional e da arquitetura e urbanismo.

Esperamos, assim, contribuir para os estudos de Goiás, visto que a história da cidade e literatura de Cora foram pouco explorados pelo viés aqui proposto. Os estudos desenvolvidos na área de Arquitetura e Urbanismo, sobre os processos de urbanização e formação do território goiano, em geral, se direcionam para a análise de elementos da forma, da estruturação do traçado e malha urbana, assim como de sua arquitetura; voltando-se para a definição do desenho das cidades e sua influência no contexto urbano. Buscamos outra abordagem possível para o estudo da cidade, que não se restrinja aos aspectos da forma e do planejamento, mas capaz de apreender vivências cotidianas, memórias e perspectivas subjetivas.

Referencial Teórico

O trabalho se desenvolverá considerando interfaces entre três diferentes campos do conhecimento: o da **História Cultural**, do qual selecionamos os autores que discutem o conceito de representação e suas implicações como instrumento de análise e, portanto, nos traz referências para o método da pesquisa; o da **História de Goiás**, que apresenta os estudos

que serão explorados junto com os poemas de Cora Coralina e o campo da **literatura**, do qual provem nossa fonte e os estudos sobre a obra poética selecionada.

A pesquisa permeia o campo dos estudos culturais, visto que os conceitos de representação social e imaginário mostram-se pertinentes ao trabalho e, nesse sentido, os textos de Sandra Jatahy Pesavento¹ e Serge Moscovici² foram de grande valia para apreendermos as representações da cidade goiana na poesia de Cora Coralina. Além dos conceitos, com o apoio de Pesavento discutimos brevemente a cidade como objeto de estudo, a relação entre História e Literatura e, por fim, a relação da Memória com a Historiografia.

Referentes à história regional de Goiás destacamos autores que foram cotejados junto aos poemas de Cora, entre eles: Luís Palacin, autor de *História de Goiás: (1722-1972)*³ e Joaquim Francisco de Mattos⁴, autor de *História de Goiás*. Também referentes a esse campo destacamos os trabalhos: *No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás*, de Maria Fernanda Derntl⁵; *Anhanguera: mito fundador de Goiás*, de Eduardo Gusmão de Quadros⁶ e *Entre o atlântico e o sertão: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás*, de Tatiana Carvalho Motta⁷.

No campo da Arquitetura e urbanismo, a respeito do processo de urbanização de Goiás e da formação e características de Vila Boa, serão referências importantes os autores: Gustavo

¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 130 p. (História & reflexões; 5).

² MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

³ PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás: (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975.

⁴ MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo, SP: Comercial Safady, 1980.

⁵ DERNTL, Maria Fernanda. No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.). **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo**: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/no-coracao-da-america-portuguesa-aldeamentos-indigenas-e-formacao-territorios-na-capitania>>. Acesso em: 30 out.2017.

⁶ QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Anhanguera**: mito fundador de Goiás. *Temporis(ação)* (UEG), v. 1, p. 198-212, 2008.

⁷ MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o atlântico e o sertão**: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: História Social, 2006. p.17.

Neiva⁸, autor de *O espaço urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular* e Deusa Boaventura⁹, autora de *Urbanização em Goiás no século XVIII*. Os estudos são voltados para as matrizes urbanísticas e para uma análise dos elementos formais da cidade, e investigam sobre o suposto caráter planejado e a hipótese de políticas de planejamento em Goiás. Para além das especificidades de suas discussões, buscamos estabelecer relações entre as representações em Cora Coralina e tópicos da historiografia goiana da arquitetura e urbanismo.

Para tratar especificamente da arquitetura goiana são referências Adriana Mara Vaz de Oliveira¹⁰, autora da tese *A Casa como universo de fronteira*, estudo sobre a casa rural meia-pontense; Maria Diva Araújo Coelho Vaz e Maria Heloísa¹¹, autoras do livro *A casa goiana: documentação arquitetônica*, estudo sobre a casa tradicional goiana e as configurações do edifício residencial na região nordeste do antigo estado de Goiás, antes da sua divisão territorial. E por fim, Fátima de Macedo Martins¹², autora do trabalho *A Arquitetura Vernacular de Goiás: Análise de um patrimônio cultural*, a tratar sobre o conjunto urbano e arquitetônico de Goiás a partir do viés do patrimônio, das modalidades de intervenção e da arquitetura vernacular, entre outras.

E sobre a obra de Cora Coralina, citamos alguns dos autores que trazem contribuições significativas para nossa discussão, como Clovis Carvalho Britto¹³, devido à extensa produção

⁸ COELHO, Gustavo Neiva. **O Espaço Urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2001.

⁹ BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

¹⁰ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280683>>. Acesso em: 4 set. 2017.

¹¹ VAZ, Maria Diva Araujo Coelho; ZÁRATE, Maria Heloísa Veloso e. **A casa goiana: documentação arquitetônica**. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2003.

¹² MARTINS, Fátima de Macedo. **A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural**. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004.

¹³ BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba para cá”**: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

sobre a poetisa, Solange Fiuza Yokozawa¹⁴, com os estudos *A reinvenção poética da memória em Cora Coralina, Estórias da velha rapsoda da Casa da Ponte e Confissões de Aninha e memória dos becos*, discutindo e analisando aspectos da poesia memorialística de Cora Coralina. Destacam-se também os autores Miliana Mariano da Silva¹⁵, José Humberto dos Anjos¹⁶, Paula Pinho Dias¹⁷ e Andréa Figueiredo Leão Grants¹⁸, cujos estudos nos ofereceram grande apoio para a análise dos versos e temas dessa obra poética. Citamos ainda os trabalhos de Thaise Monteiro da Silva Melo¹⁹ e Moema de Souza Esmeraldo²⁰, que se concentram na representação da cidade em vista da proximidade temática com nosso trabalho.

As referências selecionadas no âmbito literário, como podemos ver, enfatizam a construção da obra de Coralina a partir da memória, conceito pertinente à compreensão do modo como se constroem as representações sociais da cidade de Goiás nessa obra poética, interesse de nossa pesquisa, conceito que exploraremos mais à frente.

¹⁴ YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **A reinvenção poética da memória em Cora Coralina**. In: VIII Congresso Internacional da Abralic, 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da Abralic: Mediações, 2002.

¹⁵ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

¹⁶ ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013.

¹⁷ DIAS, Paula Pinho. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

¹⁸ GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

¹⁹ MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

²⁰ ESMERALDO, Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

A obra de Cora Coralina

O conjunto da obra de Cora Coralina é composto pelos livros *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1965), *Meu livro de cordel* (1976), *Vintém de cobre – Meias confissões de Aninha* (1983), *Estórias da casa velha da ponte* (1985), *Meninos verdes* (1986), *O Tesouro da casa velha* (1989), *A moeda que o pato engoliu* (1997), *Villa Boa de Goyaz* (2001) e *O prato azul pombinho* (2002).

Datado de 1965, *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais* foi o primeiro livro publicado e marcou a estreia da poetisa. Em sua primeira edição, pela Editora José Olympo, reuniu vinte e quatro poemas, cujas publicações são de datas esparsas entre as décadas de 1930 e 1960. Segundo Clovis Carvalho Britto²¹, a maior parte da obra seria de escritos após o reencontro de Cora com a cidade de Goiás. Nas palavras do autor:

A experiência e os efeitos desse reencontro não podem ser desprezados: a autora ao se distanciar quarenta e cinco anos de sua cidade e ao se isolar em sua residência conseguiu realizar uma leitura mais descomprometida com os limites ditados pela sociedade reconhecida, da mesma forma que, ao decantar a sociedade da qual testemunhou, pôde revelar a violência simbólica instituída em desfavor dos “obscuros” e que não foi privilegiada nos autos oficiais do passado²².

Aos poemas reunidos em 1965, a autora somou: “Nota”, “As Tranças da Maria”, “Ode às Muletas”, “Ode a Londrina”, “Mulher da Vida”, “A Lavadeira”, “O Cântico da Terra”, “A Enxada”, “A Outra Face”, “Menor Abandonado”, “Oração do Pequeno Delinquente” e “Oração do Presidiário”, provavelmente escritos a partir de 1974 como atestam seus originais²³.

Ao livro *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais* se atribui grande valor e reconhecimento, e em razão de ser o primeiro mostra-se como o “cartão de visita” da poetisa, além de ter tido sua segunda edição publicada somente dez anos depois. Razões que contribuíram para que a obra ganhasse consideráveis análises críticas. Para construção do nosso texto, o elegemos como principal fonte por reunir poemas que apresentam a arquitetura

²¹ BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba para cá”**: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

²² Ibid., p. 76.

²³ Ibid., p. 76.

e configuração da cidade, além das histórias de seus habitantes, costumes e tradições, ao nosso ver indispensável para a discussão.

Como segunda obra da autora, *Meu livro de Cordel* foi editado pela Livraria e Editora Cultura Goiana em 1976. Ao justificar o título, a autora apresenta no início do livro:

Pelo amor que tenho a todas as estórias e poesias de Cordel, que este livro assim o seja, assim o quero numa ligação profunda e obstinada com todos os anônimos menestréis nordestinos, povo da minha casta, meus irmão do nordeste rude, de onde um dia veio meu Pai para que eu nascesse²⁴.

Vemos que o título é uma homenagem de Cora ao pai e aos anônimos menestréis nordestinos, demonstrando a importância da literatura de cordel em sua formação. O que também é confirmado pelos títulos que compunham sua biblioteca pessoal, como pode ser visto no estudo de Andréa Figueiredo Leão Grants²⁵. As quarenta e três produções, exclusivamente de poemas, se dividem em duas partes, uma parte direcionada a temas mais gerais como a natureza, valores humanos, passagens bíblicas, literatura, sobre a cidade Jaboticabal entre outros; enquanto a outra se volta para o viés intimista a partir das lembranças de Cora e Aninha.

O terceiro livro publicado foi *Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha*, em 1983, pela Editora da Universidade de Goiás, nele reúnem-se setenta e cinco poemas divididos em três partes: *Meias confissões de Aninha* (fala sobre aspectos do cotidiano, família, situação da mulher e da criança); *Ainda Aninha...* (revela confissões, recados, considerações e lembranças de sua infância) e *Nos Reinos de Goiás* (onde valoriza aspectos da cidade e o fazer poético). E ao contrário dos antecessores, os poemas dessa obra foram escritos nas proximidades de sua publicação, segundo por Britto²⁶, e revelam muito da “dura caminhada” de Cora Coralina. Desde o título da obra, observamos que a autora busca reunir e apresentar ao leitor uma série de escritos autobiográficos, voltados para a recriação e poetização dos tempos de infância.

Em sua quarta obra publicada, *Estórias da Casa Velha da Ponte* (1985), apresenta sua escrita em prosa. Para compor o livro foram selecionados dezessete produções de datas

²⁴ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G. B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001.

²⁵ GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

²⁶ Ibid., p. 82.

distintas, que apresentam um misto de história, geografia, prosa e poesia²⁷. E seu título tem origem de um conto publicado na primeira edição de 1976 de *Meu Livro de Cordel*²⁸. O livro *O tesouro da casa velha*, por sua vez, faz parte de uma obra póstuma e homônima publicada pela editora Global em comemoração ao centenário de Cora Coralina, em 1989. Nele estão reunidos dezoito textos da poetisa que trazem ao leitor uma gama de experiências inéditas que não morreram com o corpo de Ana Lins, mas que se eternizaram com o pseudônimo de Cora²⁹.

A literatura infantil escrita por Cora apresenta-se nos títulos *Meninos Verdes* de 1986 e *A moeda que um pato engoliu* de 1997. O primeiro foi examinado por Pesquero Ramon, que o caracterizou a representar “a vertente um realismo fantástico”. Enquanto o segundo, no ano de sua publicação, recebeu da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil a premiação de “altamente recomendável para a criança”³⁰.

As últimas publicações são: *Villa Boa de Goyaz* (escrito em prosa e verso) de 2001 e *O Prato Azul-Pombinho* de 2002, vindo de um poema extraído do primeiro livro da poetisa e ilustrado por Ângela Lago. Em *Villa Boa de Goyaz* temos a reunião de textos inéditos de Cora, preservados por sua família. Para Britto, “retratam o patrimônio material e humano do interior brasileiro com suas lendas, tradições e interferências a partir de vinte produções, das quais cinco são poemas”³¹. Nesse livro temos evidente a dimensão cronística dos poemas de Cora Coralina, gênero que muito praticou e que, segundo Ludmila Santos Andrade, “foi a primeira forma de expressão da conhecida poetisa em suas primeiras publicações, que remontam a 1907”³². No entanto, as obras em prosa assim como a literatura para crianças não receberam tamanha atenção e nem análises críticas como as criações em formas de poemas.

²⁷ ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016. p.105.

²⁸ Ibid., p. 84.

²⁹ Ibid., p.105.

³⁰ Ibid., p. 87.

³¹ ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016. p.86.

³² ANDRADE, Ludmila Santos. **Poesia e Crônica em Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2016. p.15.

Apesar de nossa pesquisa privilegiar a análise do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, apresentaremos trechos e seleções também das demais obras de Cora Coralina, inclusive as de prosa, quando forem pertinentes à discussão.

Estrutura da Dissertação

Para concretizarmos os propósitos da pesquisa, estruturamos nossa dissertação em três capítulos. O **capítulo I** – Cora e as Representações Sociais – reúne os conceitos importantes para o desenvolvimento da pesquisa e se divide em quatro partes. Inicia-se a partir da apresentação da poetisa e sua trajetória, para em seguida discutirmos sobre o conceito de representação social. Nas duas últimas partes do capítulo, apresentamos a fortuna crítica de Cora Coralina – uma revisão dos principais textos, trabalhos e autores que se empenharam na análise da poetisa, a fim de compreendermos como tem sido analisada -, e os principais temas abordados de sua obra.

No **capítulo II** – Cora Coralina e a História em Versos – abrimos espaço para uma breve revisão da historiografia de Goiás, ressaltando alguns dos estudos regionais. Em seguida, construímos o diálogo entre os versos poéticos e os tópicos abordados pela historiografia a partir da análise de quatro poemas: “O Palácio dos Arcos”, “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “Trem de Gado” do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* de 1965 e “Anhangüera” publicado na obra *Meu Livro de Cordel* de 1976.

O **capítulo III** – Entre ruas e becos: os espaços de Goiás – se desenvolve a partir da discussão sobre os espaços de maior carga sensível na obra poética coralineana e divide-se em três partes. Na primeira, investigamos como a cidade é representada nos versos de Cora Coralina, destacando o modo como a memória e as vozes femininas têm força em sua obra. Na segunda parte, analisamos os becos e os edifícios poetizados, entre eles, a escola da Mestra Silvina, o Velho Sobrado e a Casa Velha da Ponte, visto que são espaços sobressalentes no imaginário da poetisa. Por fim, apresentamos o Mapa Afetivo, que tem por objetivo representar os espaços que mais se destacam como portadores de sentido simbólico na poesia de Cora Coralina.

Separadamente nos **Anexos**, apresentamos um glossário para elucidar alguns dos termos de arquitetura cantados por Cora em sua poesia e os poemas que foram analisados ao longo dos capítulos transcritos na íntegra.



Figura 1: Cora Coralina. Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Capítulo 1

CORA CORALINA E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

1.1. Cora, muito prazer

Cora Coralina, por batismo Ana Lins do Guimarães Peixoto, nasceu em vinte de agosto de 1889 na Casa Velha da Ponte. Filha de Jacinta Luíza do Couto Brandão Peixoto e do Desembargador Francisco de Paula Lins do Guimarães, foi uma grande contadora de histórias da sua terra. Cora permaneceu quarenta e cinco anos fora dos reinos de Goiás, retornando à cidade somente em 1954, quando passou a produzir doces, ofício que exerceu até os últimos dias de sua vida. Famosos foram os seus doces de abóbora e de figo, e suas várias histórias que agradavam aos amigos e vizinhos. E embora a poetisa escrevesse desde muito jovem, seu primeiro livro *Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais* foi publicado no mais tardar de sua vida, somente aos 76 anos, em 1965.

Da poesia de Cora podem ser extraídas representações diversas, partilhadas por um coletivo goiano; com a sensibilidade que permeia seus escritos e a naturalidade com que tece as descrições ao longo de sua narrativa, não somente resgata a memória da cidade, como dá voz aos homens, mulheres, meninos e becos até então silenciados. Segundo sua biografia no livro *Villa Boa de Goyas*, o cotidiano, os “causos”, a velha Goiás e as inquietações humanas, são temas constantes em sua obra e, no presente estudo, temos o intuito de explorar a riqueza contida nessa literatura poética.

Há três anos conhecia a poetisa que seria minha companheira de uma longa e frutífera caminhada. Durante esses anos fui conhecendo, lendo e relendo seus versos, delicados e tão densos da poesia goiana. Deu-me sua mão, “Mãos pequenas e curtas de mulher”³³ e fomos seguindo suas andanças de outros tempos, percorrendo ruas e becos, lugares recônditos de Goiás. Seus dizeres fizeram-me conhecer uma cidade, a cidade de Cora Coralina, onde “todas as suas vibrações” de sua “sensibilidade de mulher”, “têm, aqui, suas raízes”³⁴.

Cora Coralina, muito prazer!

³³ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G. B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. p.64.

³⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.49.

1.2. Representações Sociais e a poesia coralínea

O presente trabalho orienta-se pelo viés da História Cultural, sendo referência primeira o trabalho de Sandra Jatahy Pesavento³⁵. A autora situa, nas últimas décadas do século XX, a crise dos paradigmas explicativos da realidade que põs em xeque a objetividade e a racionalidade das leis científicas no domínio das ciências humanas³⁶ e o surgimento de uma nova corrente historiográfica denominada História Cultural ou mesmo Nova História Cultural. Pesavento nos convida a pensar a cultura, antes de tudo, como um conjunto de significados que, partilhados e construídos pelos homens, nos leva à explicação do mundo.

A cultura é ainda uma forma de expressão e tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e aos atores sociais se apresentam de forma cifrada, portanto já um significado e uma apreciação valorativa³⁷.

Dessa maneira, inaugurou-se uma vertente significativa à renovação da Historiografia com a utilização de conceitos como de representação social e imaginário³⁸, com a intenção de resgatar sentidos conferidos ao mundo, manifestados em palavras, discursos, imagens, coisas e práticas, ou seja, de traduzir o mundo a partir da cultura³⁹.

1.2.1. Representação: um conceito, um entendimento

A História Cultural tem sua abordagem pautada sobre o conceito de representação, que, segundo Pesavento, foi incorporada pelos historiadores como categoria central a partir das formulações de Marcel Mauss e da sociologia de Émile Durkheim, no início do século XX. Mas é na psicologia social que a representação social ganha uma teorização, desenvolvida por Serge Moscovici.

Serge Moscovici, iniciador do campo de investigação e estudo das representações coletivas e sociais, introduziu o conceito *La Psicanalyse: Son image et son public*, estudo

³⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

³⁶ PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2008/1147>>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

³⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.15.

³⁸ PESAVENTO, 2008 apud MARTINS, 2017. p. 26.

³⁹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.17.

pioneiro das maneiras como a psicanálise investigou o pensamento popular na França. No capítulo inicial do livro, tem-se:

As representações sociais são entidades quase tangíveis. Elas circulam, se entrecruzam e se cristalizam continuamente através duma palavra, dum gesto, ou duma reunião, em nosso mundo cotidiano. Elas impregnam a maioria de nossas relações estabelecidas, os objetos que nós produzimos ou consumimos e as comunicações que estabelecemos. Nós sabemos que elas correspondem, dum lado, à substância simbólica que entra na sua elaboração e, por outro lado, à prática específica que produz essa substância, do mesmo modo como a ciência ou o mito correspondem a uma prática científica ou mítica⁴⁰.

As representações sociais surgem não apenas de uma compreensão do objeto, mas do encontro do sujeito com ele, atribuindo-lhe valor simbólico e identitário. Para Moscovici, as representações são sempre resultantes da interação e comunicação e tomam forma e configuração específicas em um momento qualquer. Em suas palavras:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo, e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social⁴¹.

O autor ainda completa expondo como podem surgir e podem ser compreendidas as representações:

Pessoas e grupos criam representações no decurso da comunicação e da cooperação. Representações obviamente, não são criadas por um indivíduo isoladamente. Uma vez criadas, contudo, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidade ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem⁴².

Ainda que diferentes autores discutam a noção de representação e nos forneçam diferentes abordagens, em nosso trabalho, partilhamos do entendimento de Sandra Jatahy Pesavento. Para a autora, “As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua

⁴⁰ MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p.10.

⁴¹ Ibid., p. 21.

⁴² Ibid., p. 41.

existência”⁴³, ressaltando que o conceito de representação é ambíguo, pois estabelece uma relação de ausência e presença, não como uma cópia do real, mas uma construção feita a partir dele⁴⁴. Pesavento entende que as representações são portadoras do simbólico quando “dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo”⁴⁵. E nesta medida, a força das representações não se expressa pelo valor de verdade, mas por sua capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social⁴⁶ e conclui ao dizer que:

Em termos gerais, pode-se dizer que a proposta da História Cultural seria, pois, decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo⁴⁷.

Os poemas e contos de Cora Coralina revelam representações da cidade de Goiás, que portadoras do simbólico, reatam suas lembranças às de seus contemporâneos. A cidade de sua infância, a cidade dos tempos de escola e aquela evocada pelo passar do tempo. Assim como coloca Thaise Monteiro da Silva Melo⁴⁸:

[...] a cidade como conteúdo de poesia são outras cidades, cidades esteticamente constituídas. Assim, por mais que alguns poemas ofereçam indicações necessárias para se construir uma representação visual, ela jamais será concreta e nem aquela cidade que está situada no espaço geográfico⁴⁹.

Isso se dá, segundo Melo, pois a poetisa lida com representações e imagens, a partir de seu olhar sobre a cidade, percorrendo seus espaços, temas cotidianos e valores sociais. Para a autora, “Cora, ao revelar uma cidade com seus costumes, transformações e hábitos, apresenta

⁴³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.39.

⁴⁴ Ibid., p.40.

⁴⁵ Ibid., p.41.

⁴⁶ Ibid., p.41.

⁴⁷ Ibid., p.42.

⁴⁸ MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

⁴⁹ Ibid., p.85.

uma Goiás feita de gente”⁵⁰. A cidade de Cora é aquela representada por meio das palavras, marcadas pelo imaginário social, é a cidade sobre a qual nos debruçaremos nesta pesquisa.

1.2.2. O imaginário

Sandra Pesavento observa a necessidade de introduzir outro conceito importante para a História Cultural: o imaginário. E assim o coloca: “Entende-se por imaginário um sistema de ideias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo”⁵¹. Segundo a autora, o conceito, amplo e discutido, encontra sua base de entendimento na ideia de representação:

Neste ponto, as diferentes posturas convergem: o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente⁵².

Levar à definição do imaginário a ideia de sistema nos permite compreender o conceito como um conjunto dotado de coerência e articulação, que tanto dá ideia de um mundo paralelo de sinais a partir do real, como sendo uma construção social e histórica, segundo ela. Portanto, o imaginário é histórico e datado porque o homem em cada época construiu diferentes representações para conferir sentido ao real, sejam elas através de crenças, mitos, ideologias ou valores. Para a autora, ele é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta as semelhanças e diferenças no social, ele é um saber-fazer que organiza o mundo⁵³. E, nesse sentido, os poemas e contos de Cora Coralina trazem um olhar particular sobre o imaginário goiano, dada à postura revisionista de “alguém que deve rever, escrever e assinar os autos do Passado/antes que o Tempo passe tudo a raso”⁵⁴, como ela mesma evidencia.

⁵⁰ MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p.79-80.

⁵¹ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.43.

⁵² PESAVENTO, Sandra Jatahy, História & literatura: uma velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], 28 Janeiro 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 28 de nov. 2017.

⁵³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.43.

⁵⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 39.

1.2.3. O estudo da Cidade

A cidade mereceu diferentes abordagens, entre elas a de cidade visível, de cidade sensível ou mesmo de cidade imaginária⁵⁵, abordagens que têm muito a oferecer para investigação do historiador, porque:

Ser cidadão, portar um *ethos* urbano, pertencer a uma cidade implicou formas, sempre renovadas ao longo do tempo, de representar essa cidade, fosse pela palavra, escrita ou falada, fosse pela música, em melodias e canções que a celebravam, fosse pelas imagens, desenhadas, pintadas ou projetadas, que a representavam, no todo ou em parte, fosse ainda pelas práticas cotidianas, pelos rituais e pelos códigos de civilidade presentes naqueles que a habitavam⁵⁶.

Para além da perspectiva quantitativa, evolutiva e espacial, a História Cultural introduz uma abordagem da cidade não só considerada como um *locus*, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão. A cidade torna-se um campo de pesquisa e discussão interdisciplinar, do qual se estudam não somente processos econômicos, mas as representações que se constroem na e sobre a cidade, e como completa Sandra Pesavento:

Indo mais além, pode-se dizer que a História Cultural passa a trabalhar com o imaginário urbano, o que implica resgatar discursos e imagens de representação da cidade que incidem sobre espaços, atores e práticas sociais⁵⁷.

A autora esclarece que o imaginário urbano relaciona-se com as formas de percepção, identificação e atribuição de significados ao mundo, ou seja, diz respeito às representações urbanas. Nesse sentido, se faz pertinente perscrutar as representações de Goiás na literatura de Cora Coralina, buscando estudar a cidade mais do que como um *locus*, como um verdadeiro personagem.

⁵⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias**. Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: 28 de nov. 2017.

⁵⁶ Ibid., p.11.

⁵⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.78.

1.2.4. História e Literatura

Outro campo de investigação expressivo para a História Cultural diz respeito às relações entre a História e Literatura.

Entre as aproximações das duas formas de “explicar o presente, inventar o passado, imaginar o futuro”⁵⁸, estão as estratégias retóricas, como coloca Pesavento, que os homens estetizam em suas narrativas, os fatos dos quais se propõem falar. Assim, propomos discutir como a História e a Literatura dialogam, com intuito de identificar convergências e apropriações entre ambas. A autora enfatiza que a Literatura é uma fonte realmente especial porque pode dar ao historiador “algo a mais” que outras fontes não podem fornecer⁵⁹ e esclarece que:

A Literatura permite o acesso à sintonia fina ou ao clima de uma época, ao modo pelo qual as pessoas pensavam o mundo, a si próprias, quais os valores que guiavam seus passos, quais os preconceitos, medos e sonhos. Ela dá a ver sensibilidades, perfis, valores. Ela representa o real, ela é a fonte privilegiada para a leitura do imaginário⁶⁰.

A partir das colocações, vemos que a Literatura nos fornece elementos significativos para o estudo das cidades e, dessa maneira, é possível entender que há ingredientes privilegiados em Cora Coralina para o estudo do imaginário urbano de Goiás.

1.2.5. Memória e Historiografia

Por fim, ressaltamos mais um dos campos de pesquisa que se apresenta à História Cultural, o da Memória da Historiografia, que, segundo Pesavento, deriva de forma especial da corrente que discute a escrita da História, realizando aproximações com a Memória⁶¹. Para Pesavento, História e Memória são representações narrativas que se propõem a reconstruir o passado e se colocam como um “registro de uma ausência do tempo”⁶².

⁵⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.81.

⁵⁹ Ibid., p.82.

⁶⁰ Ibid., p.82.

⁶¹ Ibid., p.94.

⁶² Ibid., p.94.

A autora alerta o historiador que trabalha com Memória para levar em conta as múltiplas mediações do processo de transformação das lembranças de quem rememora em sua narrativa, em razão da temporalidade entre o tempo vivido, o tempo lembrado e o narrado.

O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele re-elabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, resignação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relembrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer⁶³.

Vemos que a narrativa de Cora aventura-se pelo viés da memória a partir do resgate das lembranças de diferentes tempos da cidade goiana, reorganizadas no momento de sua escrita. Assim como assegura Maurice Halbwachs, a memória se dá como um modo de construir o passado no presente, não como uma recuperação passiva, “mas uma reconfiguração ativa que coloniza o passado obrigando-o a cotejar-se com configurações presentes”⁶⁴.

Nessa medida, ao estudarmos a memória em Cora Coralina e a História de Goiás, pensaremos nas aproximações e distanciamentos entre as duas formas de representação do passado e suas maneiras de se relacionarem com o real.

1.3. Fortuna Crítica de Cora Coralina

As poesias de Cora Coralina deram ensejo a estudos de diversas áreas, atentos, principalmente, aos temas e a forma de sua escrita. Para darmos início à construção de nosso trabalho precisamos, antes, revisitar os textos, trabalhos e autores que se empenharam na análise da obra e autora, a fim de compreendermos como elas têm sido analisadas. Ainda que nossa intenção não seja dar conta de modo exaustivo dos escritos e estudos realizados sobre sua obra, julgamos relevante apresentar, de modo breve, uma seleção desses estudos para desenvolver depois uma análise de acordo com nossos próprios objetivos.

⁶³ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p.95.

⁶⁴ HALBWACHS, 1992 apud Valencia, 2005, p.102. SÁ, Celso Pereira de (Org.). **Memória, imaginários e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. (Coleção Memória Social).

Cora Coralina iniciou sua carreira literária ainda muito jovem. Começou a escrever seus primeiros versos aos onze anos, e aos dezesseis, começou a frequentar os saraus literários, onde lia publicamente seus poemas. Teve seu poema publicado pela primeira vez em 1907, no jornal *O Paiz*. E, em 1910, seu primeiro conto, “Tragédia na Roça”, foi publicado no *Anuário Histórico Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, que segundo Clovis Carvalho Britto, foi o que realmente propiciou seu reconhecimento público⁶⁵.

As primeiras críticas à sua obra foram feitas pelos escritores goianos Josias Santana, em 1908, Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, em 1910 e Henrique Silva, em 1919. Santana, no jornal *A Rosa* número 33, destacou sobre a autora que “sua vasta erudição, a profundidade de conhecimentos literários que tem, pôs em evidência o seu gosto artístico, as suas predileções de estética”. Enquanto Azevedo ressaltou no *Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Estado de Goiás*, que seria Cora Coralina “a maior escritora de nosso Estado”, enquadrando-a “no grupo do terceiro período da literatura goiana”. E na revista *A informação goiana*, o escritor Henrique Silva a definiu como “uma escritora brilhante e uma grande escritora de crônicas”⁶⁶. Posteriormente, Monteiro Lobato, em uma carta que data 10 de janeiro de 1922, destacou sua sensibilidade e descreveu o texto de Cora como sendo “lindamente escrito, cheio de sentimento e saudade”⁶⁷.

Após essas avaliações, que tomaram como base as publicações da poetisa em jornais, começou-se a discutir, de modo mais detidamente, a densidade poética de sua obra, como no trabalho de Gilberto Mendonça Teles⁶⁸. Para ele, seria exagero considerar Cora Coralina como a maior escritora de Goiás, escrevendo que ela “passou do conto ao verso, ou melhor, ao poema-prosa, porquanto, apesar da forma de verso livre, a sua linguagem não possui muita densidade poética, a não ser num ou noutro poema [...]”⁶⁹. Apesar da crítica, Teles reconhece seu talento como uma “exímia contista” e concluiu que Cora seria “mais prosadora do que

⁶⁵ BRITTO, Clovis Carvalho. “**Sou Paranaíba para cá**”: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006, p.32.

⁶⁶ Ibid., p.91.

⁶⁷ Ibid., p.91.

⁶⁸ TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás: (estudo/ontologia)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1964.

⁶⁹ Ibid., p. 136.

poetisa”⁷⁰. É importante ressaltar que o autor, segundo José Humberto Rodrigues dos Anjos, analisou somente uma parte da produção de Cora, uma vez que ela só veio a publicar em 1965, um ano depois da publicação da obra de Teles⁷¹.

Cora lançou seu primeiro livro, *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, em 1965, pela Editora José Olympio, e segundo Paula Pinho Dias⁷², não alcançou sucesso com o público leitor. Para Clovis Carvalho Britto⁷³, o livro foi publicado somente nesta data, quando Cora já estava com 76 anos, porque seus textos haviam se deparado com barreiras e preconceitos. A dificuldade de divulgação e a distância do eixo Rio-São Paulo, possivelmente contribuíram para a restrita divulgação de sua obra. Segundo Britto, como Cora não possuía condições para promover seus livros vendia-os em sua residência sem maiores pretensões. Muitas vezes, as pessoas iam conhecer a famosa doceira de Goiás e acabavam por saber que ela havia também se aventurado nos caminhos da literatura. Após 1965, permaneceu praticamente “esquecida” até a publicação de seu segundo livro, *Meu Livro de Cordel*, em 1976, onde diz:

Quando eu morrer, não morrerei de tudo.
Estarei sempre nas páginas deste livro, criação mais viva
Da minha vida interior em parto solitário.

Tirei-os da minha solidão sem ajuda e sem esperança,
No fundo, o relâmpago longínquo de uma certeza.
Recusada tantas vezes, até o encontro com José Olímpio em 1965.
Depois, treze anos de esquecimento.
Solidão, esperando se fazer a geração adolescente
que só o conheceu na sua segunda edição,
que ao final sensibilizou a geração adulta, que o recebeu na primeira
em escassos cumprimentos.

⁷⁰ TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás: (estudo/ontologia)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1964. p. 137.

⁷¹ ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013. p.16.

⁷² DIAS, Paula Pinho. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁷³ BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba para cá”**: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Univerdade Federal de Goiás, 2006, p.12.

Depois, o que tem acontecido a tantos: a vitória final⁷⁴.

Após a publicação de *Meu Livro de Cordel*, em 1978, a Editora da Universidade Federal de Goiás publicou a segunda edição de *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais*, que foram seguidas pelas críticas de Oswaldino Marques e Carlos Drummond de Andrade, contribuindo para que sua obra ganhasse repercussão nacional.

Oswaldino Marques, crítico respeitado no campo literário nacional, desenvolveu o estudo *Cora dos Goiases – Professora de Existência* – crítica publicada inicialmente no Correio Brasiliense, em 26 de junho de 1970, depois na Folha de Goyaz, em 21 de fevereiro de 1971, e em inúmeros outros veículos –, ressaltando a importância de suas produções. No artigo busca legitimar a obra de Coralina a partir da comparação com o trabalho da poetisa uruguaia Juana de Ibarbourou. Segundo Britto, Oswaldino Marques acreditava que, do mesmo modo como a poetisa uruguaia foi cognominada como Juana da América, “a nação do planalto brasileiro devia, numa festa de consagração nativista, rebatizá-la *Cora dos Goiases*”⁷⁵.

O crítico segue a análise da obra de Coralina, ressaltando alguns de seus poemas, a exemplo: “Vintém de Cobre” e “Do Beco da Vila Rica”, “Evém boiada”, “Rio Vermelho” e “Velho Sobrado”, “O Palácio dos Arcos”. E descreve que “Ao lê-la pensamos, não raro, num Guimarães Rosa transposto para a poesia de Goiás”, em vista da forma extraordinária. Para ele, Cora “assimila o tempo e a geografia desse perdido paraíso dos trópicos, reofertado a nós em sua autenticidade inaugural”⁷⁶. Por fim, assinala que “O Poema do Milho” é indiscutivelmente a obra-prima da autora, e conclui seu artigo com uma análise cuidadosa do poema. Enquanto Drummond, escritor modernista brasileiro e tido como o responsável pela projeção nacional de Cora Coralina, tanto a admirou que lhe endereçou as seguintes palavras:

Rio de Janeiro, 14 de Julho, 1979.

Cora Coralina.

⁷⁴ CORALINA, Cora. **Vintém de Cobre**: Meias confissões de aninha. 3. ed. Goiânia: Ed Universidade Federal de Goiás, 1985. p.62.

⁷⁵ BRITTO, Clovis Carvalho. “**Sou Paranaíba para cá**”: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Univerdade Federal de Goiás, 2006, p.99.

⁷⁶ Ibid., p.99, grifos nossos.

Não tenho seu endereço, lanço estas palavras ao vento, na esperança de que ele as deposite em suas mãos. Admiro e amo você como a alguém que vive em estado de graça com a poesia. Seu livro é um encanto, seu lirismo tem a força e a delicadeza das coisas naturais. Ah, você me dá saudades de Minas, tão irmã do teu Goiás! Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Cora Coralina.

Todo carinho, toda a admiração do seu Carlos Drummond de Andrade⁷⁷.

Alguns autores consideram a carta, um marco fundamental no reconhecimento de Cora perante a crítica, e julgam que Carlos Drummond de Andrade foi responsável por elevar sua obra e inseri-la no circuito literário brasileiro. Mas a verdadeira “explosão discursiva”⁷⁸, como afirma Delgado, ocorreu após a publicação da crônica “Cora Coralina, de Goiás” (ver anexos) por Drummond no Jornal do Brasil em 27 de dezembro de 1980. Na publicação, o autor destaca Cora “como a pessoa mais importante de Goiás” a seu ver, entretanto, uma senhora simples sem grandes posses, rica somente “de sua poesia, de sua invenção”. Para ele, em seus versos, a poetisa ora coloca-se junto aos humildes ora relembra os momentos de infância e também os aspectos do cenário goiano. E conclui ao dizer:

Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilado na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano (grifos nossos)⁷⁹.

A correspondência entre Cora e Drummond perdurou, e o poeta continuou a promovê-la. Vemos que é possível identificar e explorar relações entre Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina, que aqui, ainda não serão desenvolvidas. Para Dias, seria possível identificar

⁷⁷ BRITTO, Clovis Carvalho. “**Sou Paranaíba para cá**”: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006, p.62.

⁷⁸ Ibid., p.62.

⁷⁹ Ibid., p.63.

na leitura do texto de Drummond, o olhar do poeta buscando o Drummond que possivelmente pudesse existir nas poesias de Cora⁸⁰.

A partir das resenhas de Oswaldino Marques e Carlos Drummond, ocorreu a projeção social de Cora na mídia jornalística e seguiram-se assim as inúmeras entrevistas, viagens, prêmios, homenagens e condecorações das mais variadas, dos quais destacamos a de Membro da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Goiânia-GO (1970), o título de Doutora *Honoris Causa*, concedido pela Universidade Federal de Goiás, em 1983, e o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano de 1983, pela União Brasileira dos Escritores e Folha de São Paulo. Mesmo no mais tarde da vida, Cora colheu alguns dos frutos do reconhecimento, alcançando a dimensão nacional.

No entanto, apesar do reconhecimento crítico alcançado, Cora não consta numa historiografia canônica, como por exemplo, a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (1994), com presença restrita na historiografia literária de Goiás⁸¹ e para Britto:

Cora não foi totalmente valorizada por alguns canais competentes e, sua obra ainda é vista com reservas por parte da crítica especializada. A autora foi reconhecida por alguns de seus pares, muitas vezes, críticos mais perspicazes do que a crítica propriamente dita, a exemplo de Drummond que representou um divisor de águas em sua trajetória social⁸².

Além de outros impedimentos, é possível notar que a construção de um mito em torno de Cora Coralina possa ter dificultado uma discussão mais rigorosa acerca de sua obra, assim como afirma Goiandira de F. Ortiz de Camargo:

E, muitas vezes, sua história de vida, o mito que se criou da senhora de cabelos brancos declamando com voz trêmula seus versos, sobrepõe e ofusca a sua poesia, contribuindo para leituras apressadas que não reconhecem o seu valor literário⁸³.

⁸⁰ DIAS, Paula Pinho. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013. p.174.

⁸¹ BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba para cá”**: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Univerdade Federal de Goiás, 2006, p.13.

⁸² Ibid., p.69.

⁸³ CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. Poesia e memória em Cora Coralina. **Signótica**, Goiânia, v. 14, p. 75-85, 2003. p.77.

Outros autores esclarecem também a construção do mito, entre eles, Saturnino Ramon⁸⁴, que entende que a poetisa se constituiu na “épica personagem de si mesma” e sua instituição como símbolo, aliada a outros fatores, contribuiu para a construção de um mito em torno de si. Entre eles, a idade tardia e a dificuldade de enquadramento geracional, pois, segundo Darcy Denófrío, Cora Coralina, de fato, nem está com os dois pés lá no Modernismo Brasileiro, de que muito se beneficiou, e nem nessa geração que coincide com a sua estreia⁸⁵. Para Paula Pinho Dias⁸⁶, a partir da “obra autobiográfica de Cora Coralina e dos textos secundários de Oswaldino Marques e Carlos Drummond, outros textos foram construídos como seus intertextos por discursos diferentes de forma a transformá-la no mito de mulher guardiã da memória histórico-social da cidade de Goiás que, por sua vez, vem se firmando como importante ponto de atração turística do centro-oeste brasileiro”⁸⁷. Segundo o poeta e crítico Gilberto Mendonça Teles:

Quanto a Cora Coralina, os seus poemas constituem um belo mito literário de Goiás e – por que não? – de todo o Brasil. E, como todo o mito foi criando a sua própria estrutura, uma superestrutura, uma linguagem estratosférica, que impede que a obra seja realmente compreendida, e estudada. [...] Desta maneira quem quer que escreva hoje sobre Cora Coralina está ‘dirigido’ pela linguagem mítica, que é simbólica e, como tal, opressora, vertical e impositiva, de cima para baixo. A especulação crítica perde a sua liberdade e o estudioso não se dá conta de que está escrevendo o ‘esperado’. Escreve-se sobre a mulher e não sobre a sua obra, que vai ficando ‘invisível’. [...] A crítica não tem a função emotiva de confirmar o que já se disse, e sim a de examinar a obra, reexaminá-la e trazer contribuições que justifiquem o seu valor⁸⁸.

Vemos que a construção do mito Cora Coralina tem um percurso manifestado linguisticamente por seus próprios textos e um percurso de discursos institucionalizados pela crítica literária, tema de alguns dos estudos sobre a poetisa. Buscamos apresentar aqui um breve apanhando das críticas literárias sobre a obra coralineana. A seguir apresentaremos uma

⁸⁴ RAMON, 2003 *apud* BRITTO, 2006, p.14.

⁸⁵ DENÓFRIO, 2004 *apud* BRITTO, 2006, p.15.

⁸⁶ DIAS, Paula Pinho. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

⁸⁷ *Ibid.*, p.174.

⁸⁸ *Ibid.*, p.15.

seleção de autores que desenvolveram estudos mais extensos e sistemáticos no âmbito acadêmico, para então seguirmos a discussão sobre as principais perspectivas teóricas enfatizadas pelos estudos sobre Cora Coralina.

1.4. As temáticas de sua obra

A conversão de Cora Coralina e sua obra em objeto de estudos mais extensos e sistemáticos realizados no âmbito acadêmico parece ter se iniciado na década de 1990. Cinco anos após sua morte, a professora e atual diretora do Museu Casa de Cora Coralina, Marlene Gomes de Vellasco⁸⁹, defendeu sua dissertação “A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina”, na Universidade Federal de Goiás. Entre os primeiros trabalhos, destacamos o livro *Cora Coragem, Cora Poesia*, de 1995, biografia organizada por Vicência Brêtas Tahan⁹⁰, filha de Coralina. A seguir temos a dissertação de Salustiano Ferreira da Luz⁹¹ defendida na Universidade de Havana, em Cuba, em 1999.

Podemos ver que, sobretudo, a partir dos anos 2000, abriu-se um grande leque de possibilidades e temas discutidos, e desenvolveram-se grande parte dos trabalhos acadêmicos. Os estudos inserem-se, principalmente, nos campos das Letras, como podemos concluir com o apoio do levantamento feito pela professora Darcy França Denófrío⁹² e apresentado no capítulo “Retirando o véu de Isis: contribuição às pesquisas sobre Cora Coralina” de seu livro, e a contribuição e complementação mais recente da Andréa Figueiredo Leão Grants⁹³, apresentada num capítulo de sua tese “(Des)Arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina”.

⁸⁹ VELLASCO, Marlene Gomes. **A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.

⁹⁰ TAHAN. Vicência Brêtas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. 3.ed. São Paulo: Global, 1985.

⁹¹ LUZ, Salustiano Ferreira da. **A poesia de Cora Coralina: enfoques psicopedagógicos e leitura**. Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia). Faculdade de Ciências Sociais e Humanísticas, Universidade de Havana, Cuba, 1999.

⁹² DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina: celebração da volta**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006, p. 15-35.

⁹³ GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

Em 2006, Darcy França Denófrío realizou a primeira sistematização da “fortuna crítica” de Cora Coralina, segundo José Humberto dos Anjos⁹⁴, mapeando as inúmeras teses, dissertações e estudos sobre a poesia e prosa coralineana vinculados às universidades de diversas regiões brasileiras e aos centros acadêmicos internacionais. Ao passo que Andréa Figueiredo Leão Grants buscou estabelecer um critério metodológico para reunir e disponibilizar as novas teses e dissertações, para além das já sistematizadas, de modo a quantificar, demonstrar o aumento dos trabalhos e analisar como se distribuem territorialmente. A autora não contempla, neste caso, trabalhos de final de curso, artigos científicos e comunicações de anais de congresso. Por fim, pôde oferecer uma lista completa para atualização do acervo do centro de documentação do Museu Casa de Cora Coralina, com 35 títulos, dos quais 26 são dissertações e nove são teses, todos eles são frutos de uma produção acadêmica de 1990 a 2014.

A listagem dessa produção nos permite uma análise de como a obra da autora foi e tem sido analisada e sob quais perspectivas, assim como os campos do conhecimento os quais se vinculam. A extensa produção “acena não só para a grande recepção da poeta, mas também para a riqueza de possibilidades interpretativas que sua obra oferece”⁹⁵, como conclui José Humberto Rodrigues dos Anjos. Optamos por discutir e apresentar os trabalhos aqui a partir de algumas temáticas principais por eles desenvolvidas, preocupando-nos em ver como os autores dialogam e trazem contribuições para nossa pesquisa.

Vemos que há autores que permeiam diferentes temas e sem pretender dar conta de todas as temáticas e questões apontadas pela farta produção acerca de Cora Coralina, destacamos aqui alguns caminhos interpretativos enfatizados em trabalhos a seu respeito.

Inicialmente, tratamos de estudos que se aproximam do nosso, ao concentrar-se na representação da cidade. Mencionamos, em seguida, outras perspectivas teóricas, incluindo-se a aproximação de Cora com a tradição literária modernista; a memória na construção de sua obra; sua relação com o patrimônio de Goiás, apontamentos sobre os diferentes olhares sobre sua poética, assim como a ênfase na força da mulher. Dentre elas, a perspectiva que lida com memória, dos estudos que discutem a recriação do passado e a reinvenção lírica da memória coletiva e pessoal da obra poética, e a perspectiva que recupera a expressão da feminilidade

⁹⁴ ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. “**Na minha vida, a vida mera das obscuras**”: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013. p.66.

⁹⁵ Ibid., p.66.

em Cora, ganhando mais força em nosso trabalho, ainda que os estudos englobados em outras perspectivas também sejam importantes referências para o trabalho. Dada à pertinência das perspectivas apontadas, elas serão desenvolvidas mais a frente no capítulo 3.

1.4.1. Representação da Cidade em Cora Coralina

O tema da representação da cidade, especialmente contemplado neste trabalho, foi também desenvolvido por Moema de Souza Esmeraldo⁹⁶ e Thaise Monteiro da Silva Melo⁹⁷. A primeira autora apresenta-nos duas visões sobre o espaço da cidade na poesia goiana – Cora Coralina e Décio Filho – problematizando a relação dos poetas com o espaço da cidade. Enquanto a segunda, propõe, em sua dissertação, verificar como se configuram as representações da Cidade de Recife, Itabira e Cidade de Goiás, cidades natais de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cora Coralina.

O estudo de Moema de Souza insere-se no campo das Letras, tendo sido apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem – nível de Mestrado – da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, em Estudos da Linguagem. Moema apresenta duas visões sobre o espaço da cidade na poesia produzida em Goiás, a partir das obras *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* (1985), de Cora Coralina, e *Poemas e Elegias* (1979), de José Décio Filho. A autora, sob a perspectiva da toponímia, investiga os recursos linguísticos e as imagens poéticas da cidade de Goiás elaboradas pela poesia dos respectivos poetas. Em seu estudo, toma como referências para análise dos poemas a obra *A poética do espaço*, de Gaston Bachelard e os conceitos de estudiosos da geografia, como Milton Santos e Yi-Fu Tuan. Além dos textos críticos, destaca *Outros espaços* (2001), do teórico francês Michel Foucault; *A invenção do cotidiano*, de Michel de Certeau (2003); *Espaços literários e suas expansões* (2007), do crítico literário brasileiro Luis Alberto Brandão; e *Introdução à toponímia*, de Oziris Borges Filho (2007).

⁹⁶ ESMERALDO, Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Departamento de Letras, 2014.

⁹⁷ MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

A autora destaca as semelhanças, relações de confluências e divergências entre os poetas, com intuito de discutir as ferramentas e meios utilizados para representar as cidades onde nasceram e viveram suas infâncias. E apesar de cada autor apresentar características próprias e uma poética única, apresentam semelhanças quanto à valorização de temas do cotidiano e personagens marginalizados, culto à infância e constituição da poesia através da memória.

Thaise Monteiro, por sua vez, desenvolveu uma dissertação que foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Para a construção de seu trabalho, parte de um referencial teórico envolvendo teorias de representação e imagem poética, poesia moderna, representação da cidade, subjetividade, história, memória e autobiografia. A autora destaca referências tais como *O discurso e a Cidade* de Antonio Candido; *O problema do conteúdo* e *O problema do material* de Mikhail Bakhtin; *Todas as cidades, a cidade: Literatura e experiência urbana* de Renato Cordeiro Gomes. Acerca das relações do homem com o espaço vivido, memória, autobiografia e criação literária, cita como referências *A memória coletiva* de Maurice Halbwachs, *Poesia e ficção na autobiografia* de Antonio Candido e *O sujeito lírico entre a ficção e a autobiografia*, de Dominique Combe. Cita os estudos de Solange Fiuza Cardoso Yokozawa sobre a memória tanto em Drummond, quanto em Cora Coralina. E para analisar como as vivências de Cora Coralina se manifestam no texto, destaca, entre outras, a obra *Cora Coralina: raízes de Aninha*, de Clovis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda.

Vemos que os estudos apresentados analisam as representações de Goiás na obra de Cora Coralina a partir de conceitos e referências diferentes das que elegemos para nossa discussão. A pesquisa de Moema de Souza se desenvolve a partir de um levantamento das imagens poéticas e enfatizando os recursos linguísticos utilizados para evidenciar o olhar da poetisa sobre o espaço da cidade. Ao passo que, Thaise Monteiro, busca resgatar algumas teorias da poesia lírica, da representação e da imagem, passando pelas linhas de força e tendências que adquirem na modernidade. Em sua pesquisa, Thaise formula um pensamento acerca da cidade e sua relação com a literatura e a poesia moderna, com a memória e a autobiografia. Vista a aproximação temática, ainda que sob perspectivas diferentes, os trabalhos analisados serão importantes referências para nossa dissertação.

1.4.2. Cora e a Tradição literária Modernista

Uma das discussões pertinentes à análise da obra de Cora é sobre como se estrutura sua poesia e como ela se relaciona com as escolas literárias brasileiras do século XX, sugerida em certos casos sua total independência. Há autores que discutem a aproximação da autora com a tradição Modernista, aproximando-a por vezes às obras de poetas como Charles Baudelaire, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira e Mário de Andrade. Nessa linha, temos como referência os estudos de Solange Fiuza Cardoso Yokozawa e Flávio Pereira Camargo vindos do campo dos estudos literários. Yokozawa discutiu inicialmente a relação da poetisa com a tradição literária Moderna e Modernista no artigo *A reinvenção poética da memória em Cora Coralina*⁹⁸ e Flávio Pereira Camargo abordou, mais tarde, o tema no artigo *Cora Coralina e a tradição poética moderna e Modernista*⁹⁹. Além dos dois trabalhos citados, a dissertação de José Humberto Rodrigues dos Anjos¹⁰⁰ também nos auxilia a compreender como a produção de Cora dialoga com a tradição Modernista, e quais ênfases e temas são abordados. Para o autor, Coralina dá voz aos silenciados pela sociedade e explica:

Ciente de sua consciência social, Cora consegue ver, no cotidiano, a voz marginalizada e excluída. Capta das suas observações do dia-a-dia aquilo que os muitos olhos de Goiás, insensíveis à realidade social não conseguiram ver¹⁰¹.

Para Flávio Pereira Camargo, os temas cotidianos e os personagens marginalizados, e a busca pelo lirismo no “lixo poético” aproximariam Cora do Modernismo, pois o mesmo aparece na obra de Baudelaire, considerado um dos precursores da modernidade a cantar as paisagens modernas do século XIX, configuradas pela modernização das cidades, processo

⁹⁸ YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **A reinvenção poética da memória em Cora Coralina**. In: VIII Congresso Internacional da Abralic, 2002, Belo Horizonte. Anais do VIII Congresso Internacional da Abralic: Mediações, 2002.

⁹⁹ CAMARGO, Flávio Pereira. **Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista**. In: IX Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2005, Porto Alegre. Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2005.

¹⁰⁰ ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013.

¹⁰¹ Ibid., p. 66.

acelerado de industrialização, pela decadência da moralidade e pobreza. E, nesse sentido, Yokozawa assegura que:

[...] Cora encontra-se com a tradição moderna à medida que, distante dos grandes centros culturais do país, vai, por meio de suas reminiscências, construindo, de forma individual, a voz poética capaz de inseri-la na história literária do Brasil, cantando os seus *párias* e dando voz aos (des)vozeados pela história oficial da velha Goiás¹⁰².

Vê-se que o heroísmo visto no “lixo humano” e “nas vidas obscuras” é uma das características que conecta Cora à tradição literária moderna, como sugerem os dois autores. Mas para Yokozawa, além dos fatores mencionados, a faculdade da memória seria ainda o fator essencial para a conexão de Cora com a tradição moderna, como pudemos notar no trecho acima e como desenvolveremos a seguir.

1.4.3. A Memória em Cora Coralina

A memória é uma noção fundamental para analisarmos Coralina, como apontam os trabalhos de Solange Fiuza Cardoso Yokozawa¹⁰³, Goiandira Ortiz de Camargo¹⁰⁴ e Miliana Mariano da Silva¹⁰⁵. As autoras citadas, dentro do campo das Letras, investigam a configuração da memória na obra de Cora Coralina e como se retoma o passado para a constituição da subjetividade em sua produção. Para Anjos, ao dialogar com o passado de forma a reconstruí-lo, Cora, percorre os caminhos também trilhados por Mário de Andrade e Manuel Bandeira¹⁰⁶.

Além da configuração da própria memória tecida na obra poética, há autores que buscam problematizar a relação do Museu Casa de Cora Coralina com a construção de sua

¹⁰² YOKOZAWA *apud* ANJOS, 2013, p. 27.

¹⁰³ YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memórias dos Becos**. Revista Texto Poético, Vol. 2, 1º sem - 2005.

¹⁰⁴ CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. **Poesia e memória em Cora Coralina**. Signótica, Goiânia, v. 14, p. 75-85, 2003.

¹⁰⁵ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012.

¹⁰⁶ ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013. p. 42.

biografia, entre eles, Andréa Ferreira Delgado¹⁰⁷, do campo da História, e Claudia Barbosa Reis¹⁰⁸, do campo das Letras. Reis analisa a casa como um lugar da memória em seu artigo *Cora Coralina e sua casa silenciosa* e em parte de sua tese *A literatura no museu*¹⁰⁹. Enquanto Delgado¹¹⁰, em sua tese, busca investigar e discutir a monumentalização da autora, analisando discursos, agentes e instituições que disputaram a produção de sua biografia hegemônica: a autobiografia de Cora, da memória concebida pela exposição do Museu, da biografia escrita pela filha e da própria memória engendrada em Goiás.

1.4.4. Cora e o Patrimônio de Goiás

Autores como Ana Cristina de Deus e Souza¹¹¹ nos apontam a ligação dos escritos de Cora à questão do patrimônio. O trabalho da autora situa-se no campo da história e parte da análise do documento de tombamento da cidade de Goiás como Patrimônio da Humanidade – o Dossiê de Goiás¹¹² e sua vinculação à poetisa Cora Coralina. Para Ana Cristina de Deus e Souza:

A poesia de Cora, ao expressar a memória e a identidade vilaboenses, serviu de base argumentativa na elaboração do Dossiê quanto à originalidade da cidade como autêntica representante do período colonial brasileiro que ainda conserva a simplicidade e os hábitos de outros tempos. A casa da poetisa tornou-se um dos símbolos de Goiás.¹¹³

¹⁰⁷ DELGADO, Andréa Ferreira. **Museu e memória biográfica**: um estudo da Casa de Cora Coralina. Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 2, julho-dezembro, 2005, pp. 103-117. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

¹⁰⁸ REIS, Claudia Barbosa. **Cora Coralina e sua casa silenciosa**. Revista UFG, Ano XIII nº 11, Dezembro 2011.

¹⁰⁹ Id. **A literatura no museu**. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2012.

¹¹⁰ DELGADO, Andréa Ferreira. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Campinas, 2003.

¹¹¹ SOUSA, Ana Cristina de Deus e. **Entre monumentos e documentos**: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, 2009.

¹¹² DOSSIÊ DE GOIÁS: proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade. Goiânia: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira – FUMPEL, CDROM, 1999.

¹¹³ SOUSA, Ana Cristina de Deus e. **Entre monumentos e documentos**: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, 2009. p. 11.

O dossiê foi um importante documento para convencimento do Comitê do Patrimônio Mundial quanto à singularidade da cidade de Goiás. E nele fica clara a estreita relação dos escritos de Cora com o patrimônio e sua importância para o imaginário e a memória coletiva da cidade. E, por isso, destacamos essa perspectiva de análise que se mostra pertinente ao tema.

1.4.5. Diferentes olhares sobre a poética Coralineana

Há autores que desenvolvem suas análises a partir de diferentes perspectivas teóricas, como Saturnino Pesquero Ramón¹¹⁴, da área da literatura, mas ligado à psicologia e à filosofia. Saturnino em seu trabalho *Cora Coralina: o mito de Aninha* analisa a obra coralineana sob a perspectiva da psicologia, a partir da visão de Jung e outros clássicos. Citamos também Clovis Carvalho Britto, que analisa em sua dissertação “*Sou Paranaíba pra cá*”: *literatura e sociedade em cora coralina*¹¹⁵, sob a perspectiva sociológica, como a poetisa retrata a história e a realidade em seus escritos.

Britto é um autor importante para esta pesquisa devido ao extenso trabalho desenvolvido junto ao acervo da escritora, sua estreita relação com as pessoas que conviveram com a poetisa em seus últimos trinta anos de vida, e sua análise desenvolvida a partir de então sobre o tema. Assim, destacamos também os artigos: “Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina”¹¹⁶, “Lembranças de mulher: literatura, História e sociedade em Cora Coralina”¹¹⁷, “Dar que falar às bocas de Goiás: Estratégias e repercussões do projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro”¹¹⁸, “A ironia como projeto: movimentos da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro”¹¹⁹, “A estética dos

¹¹⁴ RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina: o mito de Aninha**. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

¹¹⁵ BRITTO, Clovis Carvalho. “**Sou Paranaíba para cá**”: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

¹¹⁶ BRITTO, Clovis Carvalho. **Das cantigas do beco: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina**. Sociedade e Cultura, Vol. 10, No. 1, jan/jun 2007, 115-129.

¹¹⁷ Id. **Lembranças de mulher: Literatura, História e Sociedade em Cora Coralina**. OPSIS, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 297-314, mar. 2010.

¹¹⁸ Id. “**Dar que falar às bocas de Goiás**”: Estratégias e repercussões do Projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, p.339-357, 2009.

¹¹⁹ BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia. **A ironia como projeto: movimentos da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n.º. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 95-116.

becos em Cora Coralina ou Um modo diferente de contar velhas estórias”¹²⁰, “Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras: educação, história e sociedade em Cora Coralina”¹²¹; a tese “A economia simbólica dos acervos literários: Itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César”¹²²; assim como o livro *Cora Coralina: raízes de Aninha*¹²³.

Vê-se que, no campo da Literatura, é vasto e diversificado o elenco de escritos sobre a vida e obra de Coralina. Além dos autores citados, destacam-se Perciliana Chaves Pereira¹²⁴, Iêda Maria Vilas Bôas Pereira¹²⁵, Ludmila Santos Andrade¹²⁶ e Andréa Figueiredo Leão Grants¹²⁷, as últimas com trabalhos mais recentes e todos com diferentes chaves interpretativas. A primeira autora, em sua dissertação *O universo simbólico coralineano – As hierofanias da natureza*, buscou sob a ótica do Sagrado desenvolver um estudo analítico da religiosidade presente nos escritos de Coralina, destacando sua representatividade no cenário das letras goianas e as multifaces de suas simbologias.

Por sua vez, em *A mulher-poeta e suas múltiplas vozes*, Iêda Maria busca analisar os temas que permeiam a obra de Cora, contribuindo para a prática de leitura crítica, reflexiva e valorizada da mulher poeta e do ser humano. E Andrade, em *Poesia e crônica em Cora Coralina*, propõe a discussão da escrita em crônica de Coralina, mostrando como os princípios fundadores do fazer cronístico estão intrinsecamente ligados e evidentes em sua obra poética, que pode ser dividida em três fases, como sugere no trecho:

¹²⁰ Id. **A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas estórias”**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2013, n.º. Julho-Dezembro, p. 113-127.

¹²¹ Id. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras: Educação, história e sociedade em Cora Coralina**. HISPANISTA – Fundada em abril de 2000.

¹²² Id. **A economia simbólica dos Acervos Literários: Itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César**. (Tese Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, UnB, jun. 2011.

¹²³ BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

¹²⁴ PEREIRA, Perciliana Chaves. **O universo simbólico coralineano: As hierofanias da natureza**. Dissertação (Mestrado) – Ciências da Religião, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2004.

¹²⁵ PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. **Cora Coralina: a mulher-poeta e suas múltiplas vozes**. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009.

¹²⁶ ANDRADE, Ludmila Santos. **Poesia e Crônica em Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2016.

¹²⁷ GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

Quando morou em Goiás e ainda era apenas uma adolescente, escrevia apenas em prosa e as primeiras publicações abordavam suas impressões sobre a natureza, a literatura e sobre seus sentimentos. Este foi o momento inicial de sua escrita. Ao se mudar para o interior de São Paulo, Cora Coralina começou a escrever crônicas, contribuindo para os jornais das cidades por onde passou, e neste segundo período de sua escrita os temas e o tom de denúncia social modificaram seu estilo de escrita, configurando assim uma nova fase. Por último, ao retornar para a cidade, Cora Coralina também passou a se dedicar à escrita de poemas, o que indica um terceiro momento em sua obra com a publicação de seus livros¹²⁸.

Para Andrade é possível identificar três momentos nas publicações da poetisa, e cada qual com um estilo diferente de escrita. E a última autora aqui considerada, Andréa Figueiredo Leão Grants¹²⁹, construiu uma discussão em sua tese sobre a biblioteca da escritora. Assim, pela dupla proposta de trabalho, catalogou o acervo bibliográfico da poetisa, ou seja, sua biblioteca particular; e analisou os resíduos encontrados, tanto no arquivar/desarquivar dos fragmentos quanto em textos poéticos de sua escritura. O estudo abre caminho para analisarmos e fazermos cruzamentos entre os escritos de Cora e algumas das referências literárias que circulavam na época.

1.4.6. Cora e a mulher

Através do olhar feminino da poetisa, temos autores que estudam sua obra, aliando a condição de mulher à escrita literária. Cora solidariza-se com as diferentes mulheres, e busca se expressar através do plural do gênero. Destacamos os trabalhos de Adriana Sacramento¹³⁰, Andréa Ferreira Delgado¹³¹ e Clovis Carvalho Britto¹³². Sacramento, em seu trabalho *A culinária de sentidos: corpo e memória na Literatura Contemporânea*, do campo da teoria

¹²⁸ ANDRADE, Ludmila Santos. **Poesia e Crônica em Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2016. p. 16.

¹²⁹ GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

¹³⁰ SACRAMENTO, Adriana. **A culinária de Sentidos: Corpo e Memória na Literatura Contemporânea**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009.

¹³¹ DELGADO, Andréa Ferreira. **Memória, trabalho e identidade: as doceiras da cidade de Goiás**. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 13, p. 293-325, 2000.

¹³² BRITTO, Clovis Carvalho. **Lembranças de mulher: Literatura, História e Sociedade em Cora Coralina**. OPSIS, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 297-314, mar. 2010.

literária, busca relacionar a representação do feminino nos textos de autoras brasileiras, dentre elas, Coralina poeta e doceira, e nesse caso, relacionando-as com o espaço da cozinha e preparação dos alimentos.

A questão feminina e do ofício de doceira em Goiás também estrutura o artigo dos outros dois autores. No artigo *Memória, trabalho e identidade: as doceiras da cidade de Goiás*, do campo dos estudos de gênero, Delgado busca registrar um conjunto de lembranças, gestos, ritos e códigos e saberes femininos que compõem o ofício de doceira na cidade de Goiás, a partir da convivência e entrevista com cinco mulheres, entre elas Cora Coralina. E Britto, no artigo *Lembranças de Mulher: Literatura, História e sociedade em Cora Coralina* observa como a poetisa, através das memórias dos becos, registra a história de mulheres do interior brasileiro nos séculos XIX e XX. Para isso, analisa o poema *Do Beco da Vila Rica* de Cora Coralina.

A presença da mulher tem força nas inúmeras personagens (a cozinheira, a mulher do povo, a parideira, que cuida da casa, se atém ao lar e aos vários filhos, a que ensina ou que se tornou mulher da vida) que permeiam os versos de Coralina e até mesmo quando se refere a si mesma, como Cora ou Aninha. Vê-se que há um número reduzido de trabalhos com esta perspectiva principal de análise, ainda assim, essa temática permeia diferentes trabalhos.

Como se vê, há várias chaves para a discussão sobre a obra coralineana, e seu trabalho foi objeto de estudos diversos no campo de pesquisas da Linguagem, Literatura e Teoria Literária. Buscamos apresentar os temas tratados sobre a obra poética, os quais julgamos serem os principais e mais pertinentes à sua análise. Os estudos citados, de alguma maneira, trazem significativas contribuições para nossa pesquisa e dentre eles destacamos: Clovis Carvalho Britto, Goiandira Ortiz de Camargo, Andréa Ferreira Delgado, José Humberto dos Anjos, Solange Fiuza Yokozawa, Paula Pinho Dias e também as autoras que investigam as representações de Goiás. Esperamos com o apoio dos autores, desenvolver uma análise de acordo com nossos próprios objetivos.



Figura 2: Edifício da cidade de Goiás. Disponível em: Acervo da Autora.

Capítulo 2

CORA CORALINA E A HISTÓRIA EM VERSOS

2.1. Notas sobre a Historiografia de Goiás

Buscamos aqui estabelecer um possível diálogo entre representações da cidade em Cora Coralina e os tópicos ou narrativas da historiografia goiana, com o intuito de identificar convergências e apropriações que possam, talvez, indicar as especificidades da poetisa ao tratar da história e da memória locais. Antes de seguirmos à discussão e nos aproximarmos propriamente da historiografia de Goiás, optamos por revisitar alguns dos principais estudos e autores da literatura histórica regional, ainda que nosso trabalho não almeje dominar em sua totalidade as fontes e documentos dessa historiografia.

O interesse em perscrutar as diferentes representações da cidade goiana nos motivou a revisitar sua historiografia. Os escritos poéticos, por sua vez, revelam uma cidade vivida a partir de suas histórias e personagens. Neles, Cora revela não somente características dos espaços urbanos e de seus edifícios, como reforça a ação do tempo e as entrelaça às suas vivências e experiências pessoais. Contudo, como coloca Thaise Monteiro, o sujeito, quando inserido numa sociedade, tem na memória individual interferências da sociedade e da memória coletiva. Para a autora, Coralina, a partir de suas vivências pessoais, reconstitui a memória da coletividade, resgatando o passado social, a memória grupal¹³³, e nesse sentido, traz elementos partilhados pela história tradicional, como mostraremos à frente.

Segundo os autores Cristina de Cássia e Danilo Rabelo¹³⁴ é possível reunir os documentos manuscritos e impressos da História Regional de Goiás em três períodos, a produção durante o século XIX; a produção entre os anos de 1900 e 1960 e o que se produziu a partir de 1960 até hoje. Com base na categorização apresentada pelos autores, em *Inventário de fontes para História Regional em Goiás*, e tendo em vista os temas da poética de Cora Coralina, selecionamos alguns dos importantes trabalhos de cada período, e a seguir, alguns

¹³³ MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p.84.

¹³⁴ MORAES, Cristina de Cássia Pereira; RABELO, Danilo. Inventário de fontes para História Regional em Goiás. **História Revista**, Ed UFG, v. 1, n.2, p. 19-35, 1996.

estudos mais recentes que se mostram pertinentes à nossa discussão. A seleção também contou com a ajuda dos autores: Deusdedith Alves Rocha Junior¹³⁵, com o trabalho *Historiografia goiana: quando a história escrita se torna Documento* e de Gilka Vasconcelos¹³⁶, com o trabalho intitulado *A pesquisa histórica em Goiás*, entre outras fontes.

Podemos ver que a história de Goiás passa, esquematicamente, por três principais momentos que se interligam, como coloca Enderson Medeiros¹³⁷. Durante o século XIX temos os relatos dos viajantes e dos primeiros historiadores, que a partir de uma linguagem descritiva, expõem os fatos e os acontecimentos ocorridos no território goiano, além de apresentarem uma visão sobre a fauna e a flora do estado, e enfatizarem a situação de pobreza e miséria da região. A ideia de decadência que permeou a visão dos autores associava-se à noção de atraso, como coloca Nars Chaul¹³⁸, o que se tornou estigma para a região. Na fase seguinte, passamos para o início do século XX, quando os intelectuais despertam para as questões identitárias com base no viés nacionalista. Para, num terceiro momento, passarmos à escrita acadêmica, que se consolida na segunda metade do século XX¹³⁹. Assim a história de Goiás volta-se para “uma escrita motivada e formalizada em metodologia, teorias e conceitos e vinculada aos ideais acadêmicos, circunscritos a sua natureza institucional”¹⁴⁰.

O primeiro grupo apresenta os trabalhos produzidos no século XIX, dos quais predominam memórias, crônicas, relatos de viajantes e de governantes ou autoridades. Entre eles, destaca-se Luiz Antonio da Silva e Souza¹⁴¹, autor de *Memória sobre o descobrimento*,

¹³⁵ ROCHA JUNIOR, Deusdedith Alves. **Historiografia goiana: quando a história escrita se torna Documento**.

¹³⁶ SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. A pesquisa Histórica em Goiás. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 453-491, 1971.

¹³⁷ MEDEIROS, Enderson. **A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

¹³⁸ CHAUL, Nars, 1997 Apud. MEDEIROS, 2016, p.74.

¹³⁹ MEDEIROS, Enderson. **A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016, p.73.

¹⁴⁰ Ibid., p. 75.

¹⁴¹ SOUZA, Luiz Antonio da Silva e. **Memória sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz**. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo XII, nº 16 - 4º trimestre de 1849, p. 429-510. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107706-revista-ihgb-tomo-xii.html>>. Acesso em: 17 de out. 2017.

governo, população e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz¹⁴² escrita 1812 e publicada em 1849; José de Martins Pereira de Alencastre¹⁴³, autor dos *Annaes da Província de Goyaz* (1864)¹⁴⁴; Raimundo José de Cunha Matos¹⁴⁵, autor de *Chorographia da Província de Goyaz* (1875); e as obras *Memórias Goianas*¹⁴⁶ e *Memórias goianienses*¹⁴⁷. Silva e Souza, considerado o primeiro historiador de Goiás, discorre em sua obra sobre os fundadores dos núcleos urbanos setecentistas, as populações, as matrizes e capelas filiais, os governadores e algumas de suas atuações, além dos aspectos geográficos e administrativos da Capitania. Por sua vez, Alencastro buscou analisar o período do descobrimento e conquista e a implantação da colônia, através do sistema administrativo advindo da capitania de São Paulo. E, segundo Gilka Vasconcelos F. de Salles¹⁴⁸, o estudo editado em 1854, estende-se até o período da Independência do Brasil e apresenta documentos originais, sendo valorizado pelos pesquisadores atuais. Cunha Matos apresentou, em sua obra publicada em 1874, dados estatísticos de alguns dos povoados da época. Os três historiadores são considerados “clássicos” devido ao estilo, disposição dos temas e à forma interpretativa de suas obras¹⁴⁹.

Dentro desse grupo também se apresentam alguns dos títulos da Literatura de viagem. Os viajantes percorreram o território goiano deixando testemunhos sob a forma de diários, memórias, guias de viagens ou relatórios sobre suas cidades, dentre eles, pode-se destacar

¹⁴² Apesar de existir partes deste trabalho no jornal *O Patriota: jornal literario, politico, mercantil do Rio de Janeiro*, entre os anos de 1813 e 1814, a publicação integral, de acordo com Medeiros, somente veio a público na revista do IHGB em 1849. SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. A pesquisa Histórica em Goiás. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 453-491, 1971.

¹⁴³ José Martins de Alencastre foi escritor, geógrafo e governador de Goiás entre 1861 e 1862 e em seu livro apresenta dados advindos de raros manuscritos setecentistas transcritos.

¹⁴⁴ ALENCASTRE, José Martins Pereira de. *Annaes da Província de Goyaz*. **Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil**, Rio de Janeiro, tomo XXVII p. 229-349, 1864. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>. Acesso em: 17 jan. 2017.

¹⁴⁵ Raimundo José de Cunha Matos, o Governador das Armas e ex-deputado da Província.

¹⁴⁶ **Memórias Goianas**: vários n. 1, 2, 3. Goiânia: UCG, 1986.

¹⁴⁷ **Memórias goianienses**: vários, Goiânia: Ed. UFG.

¹⁴⁸ SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. A pesquisa Histórica em Goiás. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 453-491, 1971.

¹⁴⁹ *Ibid.*, p. 455.

Johann Emanuel Pohl¹⁵⁰, com sua *Viagem ao Interior do Brasil*. A obra divide-se em dois volumes e apresenta o relato da passagem de Pohl pela região aurífera, revelando a situação de desamparo e decadência econômica da população, ao fim do ciclo do ouro. A partir da experiência do dia a dia de suas viagens e o contato com os habitantes da região, descreve as particularidades dos costumes e do sistema de vida de época. Evidencia-se também Auguste de Saint-Hilaire¹⁵¹, cujo roteiro situou-se nas mesmas regiões de seu predecessor com poucas diferenças. Em sua obra, *Viagem às Nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goyaz*, Saint-Hilaire descreve as vias de comunicação, os aspectos administrativos em 1819, bem como o sistema agrícola e a vida da população¹⁵². Numa leitura dos escritos dos viajantes percebemos a construção de uma imagem negativa da cidade, ressaltando a precariedade de suas estradas e acessos. Seus escritos contribuíram para que Goiás fosse vista e entendida “a partir do século XIX, numa situação de penúria, atraso e total isolamento em relação às demais regiões desenvolvidas do Brasil”¹⁵³.

Os relatos dos viajantes do século XIX tiveram fundamental importância para os estudos da história brasileira do período colonial, e conforme assegura Fátima de Macedo Martins, particularmente no caso da história de Goiás dos séculos XVIII e XIX¹⁵⁴. Vistos que traziam em seus escritos a descrição de como eram “postas em prática” as políticas coloniais, em contraposição aos projetos e leis definidos, e às correspondências oficiais, que compõem, em grande parte, a documentação historiográfica da época em Goiás¹⁵⁵. Sendo assim, estamos cientes de que tópicos da literatura dos viajantes foram assimilados pela historiografia goiana tradicional e estaremos atentos a essas referências no presente estudo.

¹⁵⁰ POHL, Johann Baptist Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1976. 417 p. (Coleção reconquista do Brasil; v. 14).

¹⁵¹ SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 158 p. (Coleção reconquista do Brasil; 8).

¹⁵² Ibid., p. 456.

¹⁵³ BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. p.28.

¹⁵⁴ MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017. p.3.

¹⁵⁵ Ibid., p.3.

O segundo grupo é composto pelos trabalhos que datam entre 1900 e 1960 e destacamos: Antônio Americano do Brasil¹⁵⁶, autor da *Súmula de História de Goyaz* de 1932; Colemar Natal e Silva¹⁵⁷, autor de *História de Goiás* de 1935; Zoroastro Artiaga¹⁵⁸, autor de *Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás* de 1968, entre outros. Americano do Brasil escreveu o compêndio para inauguração da disciplina *História de Goiás*, da antiga Escola Normal da velha capital do Estado e “sua anuência em atender à solicitação, deu-lhe oportunidade de ‘abrir caminho’ para mais apuradas pesquisas nos arquivos inéditos da Capital”¹⁵⁹. Para Enderson Medeiros¹⁶⁰, os três autores se tornaram referências para o estudo da história regional e semearam, no conjunto de suas obras, as representações políticas e culturais da sociedade goiana.

E, por fim, apresentamos o grupo dos trabalhos produzidos a partir de 1960, após a criação da Universidade Federal de Goiás, cujo marco inaugural considera-se Luís Palacín, com o livro *Goiás (1722-1822) Estrutura e conjuntura de uma capitania de minas* publicado em 1972. Destacam-se também os autores: Paulo Bertran¹⁶¹; Joaquim Francisco de Mattos¹⁶²; Nasr Nagib Fayad Chaul¹⁶³; Gilka Vasconcelos F. de Salles¹⁶⁴ e Ledonias Franco Garcia¹⁶⁵ entre outros estudos importantes.

¹⁵⁶ BRASIL, Americano do. **Súmula da História de Goyaz**. Goiás: Imprensa Oficial, 1932, Goiânia: Unigraf, 1982.

¹⁵⁷ SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: Líder, 1935. 1 v.

¹⁵⁸ ARTIAGA, Zoroastro. **Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás**: t. 1. Uberaba: [s.n], 1951.

¹⁵⁹ SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. A pesquisa Histórica em Goiás. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 453-491, 1971. p. 457.

¹⁶⁰ MEDEIROS, Enderson. **A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. p.9.

¹⁶¹ BERTRAN, Paulo. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978. 145 p.

¹⁶² MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo, SP: Comercial Safady, 1980. 190 p.

¹⁶³ CHAUL, Nasr N. Fayad. **Caminhos de Goiás**: da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997. 247 p.

¹⁶⁴ SALLES, Gilka V. F. de. **Economia e escravidão na capitania de Goiás**. Goiânia: UFG, Centro Editorial e Gráfico, 1992.

¹⁶⁵ GARCIA, Ledonias Franco. **Goyaz uma província do sertão**. Goiânia, GO, Brasil: Canone Editorial, 2010.

Luís Palacín¹⁶⁶ possivelmente inaugurou uma nova fase dos estudos históricos em Goiás no século XX, como coloca Boaventura, seu estímulo à pesquisa documental gerou como resultado vários documentos, que foram reunidos na coleção *História de Goiás em Documentos*. Apesar de sua relevante contribuição, sua interpretação se aproxima à dos estudos que defendem a ideia de decadência, como os trabalhos de José Mendonça Teles¹⁶⁷ e Paulo Bertran. O primeiro, considerado um importante historiador, voltou-se à divulgação documental e à frente do Instituto de Pesquisas Históricas do Brasil Central, divulgou *Memórias Goianas*, no qual se encontra a reprodução, na íntegra, de vários manuscritos dos séculos XVIII e XIX.

Se, por um lado, vemos que Palacín principiou uma nova fase na historiografia goiana, assim como afirma no prefácio do livro *O século do Ouro em Goiás* ao dizer que sua obra pode ser vista uma “transição da história narrativa dos memorialistas para uma história baseada em pesquisa documental”¹⁶⁸, por outro, vemos que apesar da mudança, ainda apresenta uma visão tradicional ao considerar os documentos como “vozes do passado”, e partilhar de ideias como a de “decadência” e “prostração”, assim como escrito pelos memorialistas e viajantes sobre a Província em meados do século XIX¹⁶⁹.

À medida que Paulo Bertran¹⁷⁰ se destaca devido à grande produção sobre a Capitania de Goiás, entre eles: *Formação econômica de Goiás*, de 1978; *História da terra e do Homem do Planalto Central*, de 1994 – onde registrou e apontou uma série de documentos a respeito do sistema de distribuição de terras goianas existentes em arquivos paulistas; *Uma introdução à história econômica do Centro-Oeste* (1988) e *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783* (1997) – dando maior visibilidade ao manuscrito mais antigo e completo sobre a Capitania,

¹⁶⁶ PALACIN, Luiz; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. **História de Goiás em documentos: I.** Colônia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1995. (Coleção documentos goianos; 29).

¹⁶⁷ UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Centro de Cultura Goiana; TELES, José Mendonça. **Memórias goianas I.** Goiânia: Centauro, 1982.

¹⁶⁸ PALACÍN, 1994 *apud* MARTINS, 2017, p.31.

¹⁶⁹ MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória.** Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017. p. 31.

¹⁷⁰ BERTRAN, Paulo (Org.). **Notícia geral da capitania de Goiás em 1783.** Goiânia: Univ. Católica de Goiás, 1997.

cujo original encontra-se na Biblioteca Nacional do Rio Janeiro¹⁷¹. O autor é reconhecido por discutir os conceitos de incidentalidade e intencionalidade, princípios que a seu ver ligados aos primeiros momentos de existência dos arraiais portugueses implantados em território americano e ao momento de alteração da organização espacial, respectivamente¹⁷². Pelo mesmo viés interpretativo, e dentro do campo da arquitetura e urbanismo temos o trabalho de Gustavo Neiva Coelho¹⁷³, autor do livro *O espaço urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular*, trabalho que mais avança nessa linha sobre a reflexão do espaço de Vila Boa e no qual aceita as hipóteses de incidentalidade e intencionalidade, elaboradas por Bertan.

Mas, para Maria Lemke, Bertran “foi um dos primeiros a questionar o olhar europeu”. Se num primeiro momento privilegiava os aspectos econômicos da sociedade e partilhava a ideia de ociosidade e decadência, a partir da década de 1990 emerge outro Bertan. Para a autora, ele teria levantado a bandeira inicial contra os discursos da decadência, ainda que, dentro deste campo das críticas revisionistas, Nasr Chaul tenha ganhado maior destaque¹⁷⁴.

Para Nars Nagib Fayad Chaul¹⁷⁵, os escritos desenvolvidos durante o século XIX e a interpretação histórica que se seguiu até meados do século XX – envolvidos pela noção de progresso – marcaram o território de Goiás com os traços da pobreza, confundindo crescimento econômico com desenvolvimento social¹⁷⁶. Assim, seu estudo buscou revisitar a historiografia goiana de modo a analisar as representações que foram expressas nas imagens e análises tecidas sobre Goiás. Como coloca o autor, não como “uma tentativa de refazer a

¹⁷¹ Observações precisas sobre a obra de Paulo Bertran feitas por BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. p.28.

¹⁷² BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. p.28.

¹⁷³ COELHO, Gustavo Neiva. **O Espaço Urbano em Vila Boa: entre o erudito e o vernacular**. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2001.

¹⁷⁴ LEMKE, Maria. **Trabalho, família e mobilidade social** – notas do que os viajantes não viram em Goiás. c. 1770 – c. 1847. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/MARIA_LEMKE.pdf>. Acesso em 4 nov.2017.

¹⁷⁵ CHAUL, Nasr N. Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997.

¹⁷⁶ BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. p.27.

história de Goiás”, mas de propor uma reconstrução das representações assinaladas pelas ideias de decadência e atraso.

Assim como Bertran e Nars Chaul, que se voltaram para um novo eixo interpretativo sobre a história e a formação de Goiás, também se destaca Ledonias Franco Garcia¹⁷⁷, autora de *Goyaz: uma província no sertão*, onde, com base nos relatórios de Presidente da Província, textos dos viajantes que percorreram a região e referências da história regional e nacional, perscrutou os discursos e representações sobre Goiás, entendidos como parte do processo de construção da identidade goiana. Observamos, então, que a historiografia goiana mais recente interessa-se pela noção de representação social para seus estudos sobre o período oitocentista e, principalmente, com um novo olhar para “seus principais interlocutores, os viajantes”¹⁷⁸.

Desse grupo também participam Joaquim Francisco de Mattos, autor de *Caminhos de Goiás*, e Gilka Vasconcellos Ferreira de Salles, autora de *Economia e escravidão na capitania de Goiás*, uma referência que nos oferece uma visão de conjunto da economia goiana em seus cem primeiros anos, como revela Palacín, a partir de um vasto levantamento de dados fruto de uma exaustiva pesquisa documental. Gilka Vasconcellos é uma importante referência àqueles interessados em estudar o século XVIII na capitania goiana. Mattos, valendo-se de farta documentação, refuta a ideia de que Bartolomeu Bueno (pai) tenha estado em Goiás, contestando os cronistas que assim o entenderam. Para José Mendonça Teles, no prefácio de *Caminhos de Goiás*, “Joaquim Francisco de Mattos retoma os caminhos de Goiás, segue a rota dos bandeirantes, ultrapassa os limites do Tordesilhas, mergulha em novas e sugestivas indagações, de onde, possivelmente, muita luz irá surgir”. Assim, o livro coloca-se como uma crítica à historiografia tradicional a partir de um acervo raro de documentos não precisamente estudados, como coloca o próprio autor.

Além dos historiadores, dentro do quadro do pensamento revisionista, podemos citar outros autores, como Deusa Boaventura¹⁷⁹ e Adriana Oliveira¹⁸⁰ com trabalhos no campo da

¹⁷⁷ GARCIA, Ledonias Franco. **Goyaz uma província do sertão**. Goiânia, GO, Brasil: Canone Editorial, 2010.

¹⁷⁸ MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017. p. 34.

¹⁷⁹ BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.

arquitetura e urbanismo. A primeira autora volta-se para as matrizes urbanísticas e análise dos elementos formais da cidade, enfatizando seu caráter planejado e as políticas de planejamento em Goiás. Em seu trabalho, Deusa Boaventura critica a ideia de decadência no período pós-mineração, “refutando a imagem de fausto e opulência do século XVIII”¹⁸¹. A tese de Adriana Oliveira tem como objeto a casa rural goiana do século XIX de Meia Ponte – hoje, Pirenópolis –, e se desenvolve a partir da análise em três vertentes: a casa como artefato, como representação e como lugar de memória.

O conjunto de estudos sobre Goiás será útil ao nosso trabalho para analisarmos o modo como Cora Coralina expressa uma visão particular da História e faz referência a temas fundamentais da formação de Goiás.

2.2. Análise de Cora Coralina: diálogo com a Historiografia

Apresentar um diálogo entre os versos poéticos coralineanos e a historiografia de Goiás foi a tarefa a que nos propusemos, com intuito de destacar o modo como a poetisa incorpora tópicos da historiografia, dando-lhes contornos peculiares. O discurso literário e o discurso historiográfico como veremos aqui, por vezes, se referem a uma mesma série de eventos consagrados e significativos para a história do território e a formação do povo goiano. Se a historiografia tradicional, por um lado, se desenvolve a partir de uma sucessão cronológica de fatos e relatos, em que o autor se coloca a certa distância, por outro lado, Cora Coralina tece uma narrativa que nos aproxima da história e a mostra vivida em seu cotidiano. A construção de seus poemas entrelaça eventos da historiografia a personagens que dão vida à história, a memória coletiva se entrelaça a suas próprias lembranças, articulando memória e história.

Pelas mãos de Cora nos guiaremos sem o compromisso de tecer uma análise linear ou cronológica, visto que o seu “contar a história” é moldado em meio a um universo de tempos, personagens, lembranças e retalhos da história goiana. A poetisa conta um pouco daquilo que viu, ouviu, leu e também viveu. Entre os temas que se entrelaçam a sua poética estão a figura

¹⁸⁰ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280683>>. Acesso em: 4 set. 2017.

¹⁸¹ MARTINS, Fátima de Macedo. **Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017. p. 34.

do bandeirante, os escravos alforriados, o índio civilizado, caminhos e estradas que dão acesso a Goiás. Seus versos lembram a corrida do ouro e o esgotamento das fontes do metal precioso, como poetiza no trecho do poema “Cora Coralina, Quem É Você”:

Nasci numa rebaixa de serra
entre serras e morros.
“Longe de todos os lugares”.
Numa cidade de onde levaram
o ouro e deixaram as pedras”¹⁸².

A partir da leitura da poetisa e com o apoio de autores que se debruçaram sobre a historiografia, apontaremos aqui como os tópicos da história de Goiás e de um imaginário coletivo ganham voz nas palavras de Coralina. Com o intuito de elucidar a discussão analisaremos quatro poemas, sendo eles: “O Palácio dos Arcos”, “Estória do Aparelho Azul-Pombinho” e “Trem de Gado” do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* de 1965, e “Anhangüera” publicado na obra *Meu Livro de Cordel* de 1976, pois a nosso ver abarcam temas expressivos da historiografia regional. Neste capítulo, os poemas serão transcritos na íntegra para que o leitor possa nos acompanhar em sua análise e ver como os poemas entrelaçam diferentes temas.

Tomemos como ponto de partida a análise do poema “Anhangüera”, no qual Cora faz referência à figura mítica do bandeirante e conta o episódio do prato de aguardente, indicando o papel do bandeirante como fundador de Vila Boa, numa ação que contou com toda força e violência, que seguiu “rasgando” e “deflorando” a terra. Nas palavras de Cora:

“... e no terceiro dia da
criação o Criador
dividiu as águas, fez os
mares e os rios e separou
a terra e deu ela ervas
e plantas”.

... e quando das águas separadas
aflorou Goyaz, há milênios,
ficou ali a Serra Dourada
em teorias imprevistas
da lava endurecida,
e a equação do equilíbrio
da pedra oscilante.

Vieram as chuvas

¹⁸² CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. p. 81.

e o calor acamou o limo
na camarinha das grotas.
O vento passou
trazendo na custódia das sementes
o pólen fecundante.

Nasceu a árvore.
E o Criador vendo que
era boa multiplicou a espécie
em sombras para as feras
em fronde para os ninhos
e em frutos para os homens.
Só depois de muitas eras
foi que chegaram os poetas.

Evém a Bandeira dos Polistas...
num tropel soturno
de muitos pés de muitas patas.
Deflorando a terra.
Rasgando as lavras
nos socavões.
Esfarelando cascalho,
ensacando ouro,
encadeiam Vila Boa
nos morros vestidos
de pau-d'arco.

Foi quando a perdida gente
no sertão impérvio.
Riscou o roteiro incerto
do velho Bandeirante.
e Bartolomeu Bueno,
bruxo feiticeiro,
num passe de magia
histórica
tirou Goyaz de um prato
de aguardente
e ficou sendo o Anhanguera¹⁸³.

Vemos que o poema se inicia a partir de uma construção bíblica, marca da religiosidade de Coralina, como coloca Perciliana Chaves Pereira:

Assim, o discurso bíblico empregado por Cora Coralina envereda para a existência, para a contemplação, para a ação, e os elementos da natureza são

¹⁸³ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. p.31-32.

metaforicamente comparados com várias passagens do Livro Santo, propiciando-nos imagens poéticas de rara beleza¹⁸⁴.

A construção bíblica, neste caso, abre espaço para a descrição de Goiás que surge muito antes dos poetas e bandeirantes, desenvolvendo-se de forma natural até a chegada da “Bandeira dos Polistas”. Segundo a interpretação de Perciliana Chaves Pereira, neste poema, Cora apresenta uma analogia entre os acontecimentos que narra e o “mito do princípio” e explica que nele, a poetisa:

[...] apresenta o tempo sagrado da criação do mundo, narrado em Gênesis, o qual é também o tempo original da criação do espaço geográfico de Goiás. Temos, então, a simbologia de dois tempos sagrados que se unem, se sobrepõem e ainda outro tempo primordial que se apresenta: o início do desbravamento das terras goianas pelos bandeirantes paulistas, - que aqui chegaram “deflorando a terra” – marco de uma nova era que encerra também uma mitologia histórica¹⁸⁵.

Segundo a historiografia regional, Bartolomeu Bueno da Silva partiu de São Paulo em 1682 em companhia de seu filho de igual nome, à época com doze anos de idade, para explorar o Brasil Central em busca do ouro. Nessa expedição, Bartolomeu teria se deparado com índios da tribo Goyazes, impedindo a entrada da bandeira em suas terras. Uma anedota histórica reproduzida por autores como Colemar Natal e Silva¹⁸⁶ e Luís Palacín¹⁸⁷ conta que, nesse contato com os índios, Bartolomeu teve a ideia de colocar fogo em um prato de aguardente. Os índios, por acreditarem que a água estava pegando fogo, e diante da ameaça do bandeirante de abrasar todos os rios, teriam se submetido ao domínio do então “Anhanguera”. E, assim, Bartolomeu Bueno da Silva teria recebido dos índios o apelido Anhanguera a significar “Diabo Velho” ou “Espírito Maligno” e ficou conhecido como o “valente” bandeirante a dar início à exploração do sertão goiano, ideia partilhada também pela literatura de viagem, como vemos no trecho de Johann Emanuel¹⁸⁸, narrado em *Viagem no Interior do Brasil*:

¹⁸⁴ PEREIRA, Perciliana Chaves. **O universo simbólico coralineano: as hierofanias da natureza**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, GOIÂNIA, 2004. p. 71.

¹⁸⁵ Ibid. p. 94.

¹⁸⁶ SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: Líder, 1935. 1 v.

¹⁸⁷ PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás: (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975.

¹⁸⁸ POHL, Johann Baptist Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1976. 417 p. (Coleção reconquista do Brasil; v. 14).

Bartolomeu Bueno era ignorante, mas valente, astuto e de caráter perseverante. Uma prova de sua rara presença de espírito demonstrou ele uma vez ante o perigo iminente, quando se salvou das mãos dos índios com a ameaça de que, se não satisfizessem suas exigências, incendiaria todos os rios. Depois da ameaça, pôs fogo numa tigela de aguardente, ao que os pobres índios ignorantes ficaram tão aterrorizados, que consentiram em tudo¹⁸⁹.

Após a primeira expedição com seu pai, Bartolomeu Bueno da Silva – o filho e conhecido como Anhanguera II – em 1722 teria se embrenhado novamente por esse sertão em busca das fontes auríferas encontradas há quarenta anos antes. Para prestar contas de seu sucesso, retornou a São Paulo, sendo contemplado com o título de capitão-mor e com privilégios pessoais. Com o novo título, em 1726, partiu em uma nova bandeira para o interior, fundando vários arraiais, entre eles, o de Sant’Anna¹⁹⁰. Para a historiografia goiana, essa expedição que saiu de São Paulo em 1722 em busca de minérios precisos na região¹⁹¹ marca o início da colonização em Goiás, como confirmado pelos dizeres de Capistrano de Abreu em seus *Capítulos de História Colonial*:

Os descobridores de Cuiabá lembraram a Bartolomeu Bueno da Silva que uns quarenta anos antes percorridos os sertões em companhia de seu pai, o primeiro Anhanguera, vira entre os índios Guaiá pepitas de ouro servindo-lhes de ornatos. Deviam ser muito auríferas aquelas regiões, pois o metal chegara a atrair a atenção do aborígene. Sentiu-se capaz de achá-las outra vez, ofereceu-se a tentá-lo e seu oferecimento aceito, partiu de São Paulo em janeiro de 1722¹⁹².

Essa adjetivação heroizante de Bartolomeu Bueno vem desde Silva e Souza, que afirmou em sua *Memória sobre o descobrimento, Governo, População e cousas mais notáveis da Capitania de Goiás*, que os conterrâneos paulistas consideravam o dito

¹⁸⁹ POHL, 1976 apud SOUSA, Ana Cristina de Deus e. **Entre monumentos e documentos:** Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, 2009. p.122.

¹⁹⁰ Ibid., p. 122-123.

¹⁹¹ DERNTL, Maria Fernanda. No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo:** Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Brasília, DF: Universidade Brasília- Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/no-coracao-da-america-portuguesa-aldeamentos-indigenas-e-formacao-territorios-na-capitania>>. Acesso em: 30 out.2017.

¹⁹² CAPISTRANO DE ABREU, 1907 apud MATTOS, 1980, p.120.

bandeirante um herói¹⁹³, o que contribuiu para a formação do mito fundador da cidade. Nas palavras de Silva e Souza:

Este homem, naturalmente afoito, astucioso e avezado a trabalhos desta natureza, a quem o gentio deu o nome de Anhanguera, que conservam os seus descendentes, que na linguagem do país quer dizer Diabo Velho pelo estratagem de acender aguardente em uma vasilha, com ameaça de abraçar todos os rios e todos os índios que se lhe não rendessem, seguido de um filho do mesmo nome, de idade de doze anos (que veio a ser o descobridor desta capitania)¹⁹⁴.

As origens históricas de Goiás ligam-se à corrida do ouro empreendida pelos bandeirantes paulistas, dando a figura de Bartolomeu Bueno *status* de personagem heroico e tornando-o parte de uma tradição acerca das origens, inclusive reafirmada pela construção da Cruz de Anhanguera, um marco fundador da cidade. Para Moema de Souza Esmeraldo,

[...] no mundo de algumas das representações das cidades goianas perpetua-se a memória de Bartolomeu Bueno, o descobridor e representante dos primeiros tempos de Goiás, de determinadas marcas de materialidades históricas vivenciadas pelas e nas cidades goianas. A origem e formação delas, desde o princípio do povoamento de Goiás pelos paulistas, cujo território, junto com Mato Grosso, pertencia todo à capitania de São Paulo, não deixaram morrer em toda esta região o sentimento de memória saudosista dos feitos dos bandeirantes¹⁹⁵.

Como coloca Eduardo Gusmão de Quadros, em “Anhanguera: o mito fundador de Goiás”, o mito histórico configura-se como “uma narrativa geradora de práticas, apropriada por um grupo social, que traveste um conjunto de valores com um conjunto de eventos”¹⁹⁶. A poetisa, quando menciona “num passe de magia/ histórica,/ tira Goyaz de um prato de aguardente/e ficou sendo o Anhanguera”, mostra que sua poética não simplesmente apropriou-se do mito ou personagem heroico, mas lança um olhar crítico sobre ele, quando lhe afere um tom de ironia, ao reforçar a existência de Goiás milênios antes do passe de “magia histórica”, relevando, sobretudo, a ação violenta dos bandeirantes em busca do ouro “no sertão impérvio”.

¹⁹³ SOUZA, 1849 *apud* QUADROS, 2008, p.3.

¹⁹⁴ SOUZA, 1849 *apud* MATTOS, 1980, p.93.

¹⁹⁵ MORAES, 2005 *apud* ESMERALDO, 2014, p.28.

¹⁹⁶ QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Anhanguera**: mito fundador de Goiás. *Temporis(ação)* (UEG), v. 1, p. 198-212, 2008.

No trecho “Foi quando a perdida gente/ no sertão impérvio/ riscou o roteiro incerto do velho Bandeirante” evoca a procura de Bueno pelas terras que ficaram em sua imaginação, não mais em busca de esmeraldas como seu pai, mas à procura de novos descobrimentos de ouro¹⁹⁷. As palavras de Cora reforçam que os componentes da tropa restavam perdidos pela região, assim como coloca Alencastre ao dizer:

[...] que até às margens do Rio Grande eram já os caminhos conhecidos e frequentados, e nenhum incidente houve; desde, porém que, sem roteiro e apenas auxiliada pela memória do chefe, a expedição seguiu avante, as dificuldades foram surgindo cada vez mais serias, porque com a idade, muito obliterada estava já a memória de Bueno¹⁹⁸.

Cora apropria-se, em seus versos, de eventos significativos para a história de Goiás combinados às suas próprias experiências, atestando a visão de Moema de Souza Esmeraldo, de que os poetas apresentam uma visão própria do espaço, misturada às suas experiências cotidianas e vivências de outros tempos.

Outro poema interessante para nossa análise é “O Palácio dos Arcos” que conta a história de um índio Carajá, que vindo de uma tribo do Araguaia havia sido civilizado na cidade. Nesse caso, assim como no relato poético do episódio de Anhanguera, Cora trata de outro ponto sensível à historiografia, a questão indígena, como vemos no poema a seguir:

O Palácio dos Arcos
tem estórias de valor
que não quero aqui contar.
Vou contar a estória do soldado carajá.

Era uma vez em Goiás
um soldado, carajá civilizado.
Sabia ler e contar.
Estimado no quartel.
Tinha boa disciplina,
divisas de furriel.

Um dia... era no mês de outubro.
A cidade estava baça
de fumaça das queimadas.
Fazia um calor medonho.
O povo clamava chuva.

O soldado carajá

¹⁹⁷ MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo, SP: Comercial Safady, 1980. p. 95.

¹⁹⁸ ALENCASTRE, 1864 *apud* MATTOS, 1980, p.96.

dava guarda no Palácio
aquele dia.
De repente, ouviu um trovão surdo rolar
do lado da Santa Bárbara.
Rolou outro atrás do primeiro.
Levantou-se um pé-de-vento,
redemoinho.
Um cheiro forte de terra.

Um cheiro agreste de mato.
Um cheiro de aguada distante.
O soldado carajá,
ninguém sabe o que sentiu.
Acordou dentro de si
uma dura rebeldia.
Uma rude nostalgia.
O grito de sua raça.
Chamados de sua taba.
Aquele mudança de tempo
despertou os seus heredos.

Acordou seus atavismos.
Certo foi...

O bugrinho carajá,
de uma tribo muito mansa do Araguaia,
tinha vindo pequenino pra Goiás.
Foi criado bem criado
numa casa de família.
Ninguém nunca contou
dondé que ele tinha vindo.
Era mesmo filho da família.
Era igual aos meninos da cidade.

Andou na escola. Aprendeu leitura.
Subiu nos morros, apanhou pequi.
Nadou no rio, físgou cascudo.
Pinchou pedra. Quebrou vidraça.
Vendeu tabuleiro de bolo de arroz.
Jogou bete na rua.
Empinou arraia.
Lançou corsário.
Brigou na regra. Embolou no aloite.
Escreveu indecência nas paredes.
Cresceu. Se fez homem de bem.
Sentou praça na Polícia.
Vestiu fardão escuro, botão dourado,
daquele tempo.
Calçou bota reiúna-canguru legítima,
ringideira.
Botou correame, quepe, mochila,
cinturão, refle-baioneta.
Encostou fuzil no ombro.
Fazia sentinela. Dava ronda.
Rendia guarda, marchava, desfilava.

Era estimado no quartel.

Tinha boa disciplina,
divisas de furriel.
Um dia (era no mês de outubro)
andavam de noite fogaréus vermelhos
queimando os morros.
A cidade estava baça de fumaça
das queimadas.
Fazia um calor medonho.
O povo clamava chuva.

O soldado carajá dava guarda no Palácio.
De repente, ouviu um trovão surdo rolar
do lado de Santa Bárbara.
Rolou outro atrás do primeiro.
Levantou-se um pé-de-vento,
redemoinho.
Um cheiro forte de terra.
Um cheiro agreste de mato.
Um cheiro de aguada distante.

O soldado carajá, sabe lá o que sentiu.
Acordou dentro de si
uma grande nostalgia.
Uma dura rebeldia.
O grito da sua raça.
Chamados da sua taba.
Aquele mudança de tempo
despertou os seus heredos.
Acordou seus atavismos.

Certo foi que o soldado carajá
(bugre civilizado, sabendo ler e contar)
encostou sua comblém (era no tempo das combléns).
Descalçou a reiúna-canguru legítima, ringideira.
Baixou o quepe, correame,
mochila, refle-baioneta.
Sacou da túnica.
Desceu as calças e o mais que havia,
Saiu correndo pelas ruas.
Nu?
Vestido com seus atavismos.
Coberto com seus heredos.
Alcançou a Barreira do Norte
e sumiu-se no rumo do Araguaia...

Na poeira do bárbaro
atuado pelas forças cósmicas e ancestrais,
ouvira-se o grito selvagem:
...uirerê!... uirerê!... uirerê!...

E era uma vez em Goiás

um soldado de guarda,
civilizado carajá!¹⁹⁹

O poema refere-se ao contexto da civilização dos índios, sobretudo, ao que parece, a partir do terceiro quartel do século XVIII, quando as políticas coloniais para Goiás buscavam a “civilização” dos índios, nos termos da legislação imposta por meio do Diretório dos Índios (1758). Assim, durante o século citado, o discurso das autoridades da capitania manteve-se contraditório sobre os índios, afirmando tanto a necessidade de firmá-los em aldeamentos pacificamente, como a imposição a partir de guerras justas²⁰⁰.

Na história, o Carajá há muito tempo civilizado e então soldado do Palácio dos Arcos, como revelado nos versos “Era uma vez em Goiás/ um soldado, carajá civilizado./ Sabia ler e contar./ Estimado no quartel./ Tinha boa disciplina,/ divisas de furriel”, resolve voltar às suas raízes indígenas rumo ao Araguaia, acordando “seus atavismos”. Episódio que nos leva a pensar que nem sempre os esforços empreendidos em proveito da chamada civilidade fossem efetivos, e principalmente uma civilidade que não se mostrava sensível à cultura indígena. No poema, Cora remete aos limites e mesmo aos problemas da forçosa integração dos índios à sociedade, visto que os padrões civilizados lhe eram totalmente impostos. Assim como feito com o soldado carajá até tornar-se “bugre civilizado”, criado “igual aos meninos da cidade”. Tal alusão parece apontar para um discurso oficial contraditório, que ora visava à civilidade ora à violência, impondo o “saber ler e contar”.

Os elementos explorados pela historiografia apresentam-se em Cora combinados a antigas lembranças, como das histórias contadas por sua bisavó na infância e descritas na *Estória do Aparelho Azul-Pombinho*, na qual são evidenciados costumes da época, cenas de escravidão, os caminhos e o difícil acesso a Goiás. A história era contada por sua bisavó que dava notícias de um aparelho de jantar que tinha sido encomendado “através de uma rede de correspondentes” para o casamento de uma de suas filhas. Sobre o aparelho de jantar temos também o poema “O prato Azul-Pombinho”, onde Cora conta como se perdeu o último prato remanescente do aparelho de 92 peças, e “Nota”, contando como acabou o castigo dos cacós quebrados no pescoço das crianças. Nas palavras de Cora:

Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –
inspirada no passado

¹⁹⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.129-132.

²⁰⁰ KARASCH, 2005 *apud* DERNTL, 2014, p.2.

sempre tinha o que contar.
Velhas tradições. Casos de assombração.
Costumes antigos. Usanças de outros tempos.
Cenas da escravidão.
Cronologia superada
onde havia bangüês.
Mucamas e cadeirinhas.
Rodas e teares. Ouro em profusão,
posto a secar em couro de boi.
Crioulinho vigiando de vara na mão
pra galinha não ciscar.
Romanceiro. Estórias avoengas...
Por sinal que uma delas embalou minha infância.

Era a estória de um aparelho de jantar
que tinha sido encomendado de Goiás
através de uma rede de correspondentes
como era norma, naquele tempo.

Encomenda levada numa carta
em nobre estilo amistoso-comercial.
Bem notada. Fechada com obreia preta.

Carta que foi entregue de mão própria
ao correspondente na Corte,
que tinha morada e loja de ferragem
na Rua do Sabão.
O considerado lusitano – metódico e pontual –,
a passou para Lisboa.
Lisboa passou para Luanda.
Luanda no usual
passou para Macau.
Macau se entendeu com mercadores chineses.

E um fabricante-loiceiro,
artesão de Cantão,
laborou o prodígio (no dizer de minha bisavó).

Um aparelho de jantar – 92 peças.
Enorme. Pesado, lendário.
Pintado, estoriado, versejado,
de loiça azul-pombinho.
Encomenda de um senhor cônego
de Goiás
para o casamento de seu sobrinho e afilhado
com uma filha de minha bisavó.

O cônego-tio e padrinho
pelo visto, relatado,
fazia gosto naquele matrimônio.
E o aparelho era para as bodas contratadas.
Um carro de boi –
15 juntas, 30 bois –
bem fornido e rejuntado
para viagem longa,

partiu de Goiás, no século passado,
do meado, pouco mais.
Levava seis escravos escolhidos
e um feitor de confiança.
Mantimentos para a viagem.
E mais, oitavas de ouro,
disfarçadas no fundo de um berrante,
para os imprevistos da delonga.

E o antigo carro
por ano e meio quase
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira
rechinando
por caminhos e atalhos,
vilas e cidades, campos, sarobais.
Atravessou rios em balsas.
Vadeou lameiros, tremedais.
Varou Goiás – fim de mundo.
Cortou o sertão de Minas.
O planalto de São Paulo.

Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia
em Caçapava –
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –
ali por volta de 1860 e tantos.
Durou essa viagem, ir e voltar,
dezesesseis meses e vinte e dois dias.
– As bodas em suspenso.

Enquanto se esperava, escravas de dentro
fiavam na roda e urdiam no tear.
Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,
sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,
desfiavam, bordavam, crivavam,
repolegavam
o bragal de minha avó.
Sinhazinha de catorze anos – fermosura.
Prendada. Faceira.
Muito certa na Doutrina.
Entendida do governo de uma casa
e analfabeta.
Diziam os antigos educadores:
“– Mulher saber ler e escrever não é virtude”.

Afinal, muito esperado,
chegou a Goiás, sem novidades ou peça quebrada,
o aparelho encomendado
através de uma rede de correspondentes.
Embarcado num veleiro,
no porto de Macau.

As bodas marcadas
se fizeram com aparato.
Fartas comezainas.
Vinho do Espinho – Portugal –

da parte do correspondente.
Aparelhos de loiça da China.
Faqueiros e salvas de prata.
Compoteiras e copos de cristal.

Na sobremesa minha bisavó exultava...
Figurava uma pinha de ilusão.

Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,
cheios de confeitos de ouro em filigrana.
Mimo aos convidados graduados:
Governador da Província,
Cônegos, Monsenhores, Padres-Mestres,
Capitão-Mor.
Brigadeiros. Comendadores.
Juízes e Provedores.
Muita pompa e toda parentela.
Por amor e grandeza desse fasto
– casamento da sinhazinha Honória
com o sinhô-moço Joaquim Luís –
dois velhos escravos, já pintando,
receberam chorando
suas cartas de alforria.

Ficou mais, assentado e prometido
em palavra de rei testemunhado,
que o crioulinho
que viesse ao mundo
com o primogênito do casal
seria forro sem tardança na pia batismal.
E se criaria em regalia
com o senhorzinho,
nato fosse ele, em hora e dia.

Um rebento do casal veio ao mundo
no fim de nove meses.
E na senzala do quintal
nascia de uma escrava
um crioulinho.
Conforme o prometido – libertado
alforriado
na pia batismal.

(Na pia batismal, era, naquele tempo,
forma legal e usual de se alforriar um escravo).
Toda essa estória
por via de um aparelho de loiça da China,
destinado a Goiás.
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
Embarcado num veleiro
no porto de Macau.

Cartas com obreias.
Correspondentes antigos.
Cartuchos de confeitos de ouro.

Alforrias de escravos.
Bodas de meu avô.
Bragal da minha avó.
Roda e tear, marafundas e repolegos.
Coisas do passado...
E – dizia minha bisavó –
tudo se deu como o contado²⁰¹.

Os versos se atêm aos tempos de escravidão, no contexto da exploração aurífera, como revelado ainda na primeira estrofe: “Mucamas e cadeirinhas./ Rodas e teares. Ouro em profusão,/ posto a secar em couro de boi./ Crioulinho vigiando de vara na mão/ pra galinha não ciscar”. E indicam o consumo de itens distintos e sofisticados, como o aparelho de jantar “de loiça azul-pombinho”, por parte de famílias locais, e que segundo Tatiana Carvalho Motta “como tantas outras famílias de diferentes localidades do Brasil oitocentista, buscaram adotar hábitos considerados civilizados segundo os padrões de comportamento postulados pelo Ocidente Europeu”²⁰². Nos retratos da vida urbana, as mucamas a desempenham as tarefas mestreadas por suas donas, enquanto a tropa se embrenhara no sertão, “por caminhos e atalhos”, atravessando “vilas e cidades, campos sarobais” em busca do aparelho de jantar.

No poema temos a descrição de uma cena cotidiana em que se destaca o trabalho escravo, como vemos nos trechos: “Enquanto se esperava, escravas de dentro/ fiavam na roda e urdiam no tear./ Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,/ sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,/ desfiavam, bordavam, crivavam,/ repolegavam/ o bragal de minha avó”. A mineração, assim como a economia açucareira, baseou-se no trabalho escravo e, segundo Luís Palacín, os escravos eram importados da África e constituíram, no início, a maior parte da população das minas. Estimava-se que, nos primeiros tempos de povoamento, podia-se avaliar uma relação de três para um entre escravos e livres, havendo de considerar os livres mulatos e forros²⁰³. Com o declínio das atividades auríferas, a situação foi se modificando, até que, no último período da mineração, o número absoluto e relativo de escravos havia diminuído consideravelmente²⁰⁴. As palavras de Cora descrevem o momento

²⁰¹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.63-67.

²⁰² MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o atlântico e o sertão: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás**. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: História Social, 2006. p.17.

²⁰³ PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás: (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975. p.79.

²⁰⁴ Ibid., p.30.

em que ganhavam a liberdade na pia batismal. Isso evidencia que ainda que ganhassem a liberdade, só deveria ser recebida após a iniciação ao catolicismo, por meio do batismo.

À luz da historiografia, entre as principais razões para redução do número de escravos nos territórios da mineração, estava: a diminuição ou até mesmo o estancamento da importação de Goiás, sobretudo a partir de 1775; a queda da produtividade do trabalho escravo; a compra da liberdade; o tipo de trabalho, árduo e extremamente exaustivo. Mas a estas razões somava-se também a miscigenação, que, segundo Luís Palacín, “filhos de escrava com branco às vezes recebiam a liberdade no momento do batizado”, como também apresentado pelos versos poéticos: “(Na pia batismal, era, naquele tempo,/ forma legal e usual de se alforriar um escravo)”. Cora não somente reporta-se ao trabalho escravo e à tão esperada libertação, como traz personagens que incorporam e personificam a história, os dois “velhos escravos” que emocionados recebiam suas cartas de alforria.

O mesmo poema que conta “toda essa estória por via de um aparelho de loiça da China” revela os costumes e eventos das famílias distintas, a exemplo do “casamento da sinhazinha Honória com o sinhô moço Joaquim Luís”, combinados às cenas de escravidão, do ouro em profusão, revela sobre as longas viagens em busca de encomendas. Um poema que entrelaça diversas histórias e tempos.

Pelos caminhos terrestres percorriam as tropas em suas longas viagens, como essa da louça da China, e que apesar das dificuldades apontadas por Cora, caminhos que permitiam a comunicação entre os diferentes estados e regiões, e as trocas de mercadorias e produtos que vinham pelos distantes portos litorâneos, como foi apresentado pela poetisa. Tatiana Carvalho Motta ressalta que mesmo no “século XIX, após o glorioso período da mineração, a região ainda manteve significativas trocas com os espaços de além-mar, possibilitando a circulação de produtos considerados refinados, a exemplo de porcelanas chinesas e xales da Índia”²⁰⁵. Os caminhos terrestres junto aos rios tiveram um papel importante para o desbravamento e foram de imprescindível ajuda à urbanização do território de Goiás como vemos no trecho:

Esses caminhos de Goiás, tais como os da Capitania de Minas Gerais, além de permitirem o controle e a ocupação da região, bem como o estabelecimento de roças e estalagens que serviam de pouso para os viajantes, eram ainda vias essenciais para os povoados, pois delas dependia o

²⁰⁵ MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o atlântico e o sertão: mulheres e vida urbana na capitania de Goiás**. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: História Social, 2006. p.18.

abastecimento de víveres de populações que se localizavam em lugares ermos e distantes dos portos litorâneos²⁰⁶.

Nos versos de Cora, a história aparece vivenciada e, mais do que generalizações ou descrições distanciadas, é contada por meio de pessoas e animais que percorreram as paisagens. Por fim, temos o poema “Trem de Gado”, no qual Cora se refere às estradas de ferro de Goiás e também ao transporte das boiadas, falando das diferentes paisagens e vegetações que percorriam, os estados, as peças do motor, a movimentação e os sons próprios ao ritmo das locomotivas, como vemos a seguir:

E as boiadas vêm descendo do sertão!
Safra, entressafra...
Mato Grosso. Minas. Goiás.
Caminhos recruzados. Pousos espalhados.
Estradas boiadeiras. Aguada...
Pastos e gerais.
Cerrados. Cerradões...
Compáscuos...
Cercados. Aramados.
Corredores.
Nhecolândia. Pantanal.
Cochim.
Campos de Vacaria. Dourados. Maracaju.
Rio Verde.
Santana do Paranaíba. Serras do Amambaí.
Criatório...
Boiadeiros. Fazendeiros.
Comissários. Criadores.
Invernistas. Recria.
Trem de gado ronceiro...
jogando, gingando
nos cilindros, nos pistões, nas bielas e nos truques.
Rangendo, chocalhando,
estrondando nas ferragens.

Resfôlego de vapor.
Locomotiva crepitando, fagulhando,
apitando, sinalando, esguichando, refervendo.
Chiados, rangidos, golfadas, atritos, apitos.
Bandeira vermelha que se agita.
Bandeira verde da partida.
E o resfolegar do trem que vem, do trem que vai...

Trem de gado engaiolado, parado
na plataforma, na esplanada.

²⁰⁶ BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007. p.128.

Gente que passa
- pára.

Corre os olhos. Conta as gaiolas. Avalia. Sopesa.
Soma. Dá o cômputo.
Espia. Mexe. Recua.
Procura agitar os bois famintos, sedentos.
Cansados, enfarados, pressionados.

Ribombos no tabuado.
Ameaçar inútil.
Coice. Chifres entrechocantes.
Traseiros esbarrondando.
Grades lameadas. Gaiolas estercadas, respingantes.

... e o boi que se deita exausto...
Exaustos, esfomeados, sedentos, engaiolados,
cansados.
Estradas de ferro ronceiras.
Longas viagens demoradas,
rotineiras.
Composição parada nos desvios - tempo
aguardando horário, partida, sinal...
Bandeira verde, apito...

Eu vi
o boi deitado, exausto.
Pisado. Mijado. Sujo. Escoiceado.
Quartos encolhidos. Juntas dobradas. Cabo inerte.
Olhar vidrado.
Vencido.

Encosta na paleta a cabeçorra enorme.
Começa a morrer.
Morre devagar... dias, noites...
Arrancos inúteis.
Mugido parco. Lúgubre...
Estrebuchar de agonia.

Emporcalhado - estira os quartos.
Alonga o pescoço. Encomprida o cabo.
Língua de fora, de lado.
Olhos abertos. Vidrados.
Morre o boi.
Olhos abertos, vidrados
vendo - o pasto verde,
o barreiro salitrado, a aguada fria, cantante,
distante...

Eu vi
a alma do boi pastando, lambendo, bebendo,
nas internadas do Céu.
Eu vi - de verdade -
a alma do boi - boizinho pequenino,
entrando, deitando alegrinho

na lapinha de Belém²⁰⁷.

Era a chegada da estrada de ferro. Vemos que a partir das diferentes regiões e caminhos percorridos - “E as boiadas vêm descendo do sertão!/ Safra, entressafra.../ Mato Grosso. Minas. Goiás./ Caminhos recruzados. Pousos espalhados./ Estradas boiadeiras. Aguada.../ Pastos e gerais./ Cerrados. Cerradões.../ Compáscuos.../ Cercados. Aramados./ Corredores./ Nhecolândia. Pantanal./ Cochim./ Campos de Vacaria. Dourados. Maracaju./ Rio Verde./ Santana do Paranaíba. Serras do Amambaí” - Cora dá ritmo a sua poesia, assim como o ritmo da própria locomotiva, e possivelmente, remetendo-se ao ritmo com que se desenvolviam os trilhos no território goiano.

A locomotiva invade o território à velocidade do gado, cujas boiadas e tropas se movimentam em passos lentos, assim como retratado na *Estória do Aparelho Azul-Pombinho*. Para Cora era: “Trem de gado ronceiro.../ jogando, gingando/ nos cilindros, nos pistões, nas bielas e nos truques./ Rangendo, chocalhando,/ estrondando nas ferragens”. Trens que agora levavam as boiadas. Sobre o transporte dos animais, Palacín assegura que “durante o século XIX o gado constituiu a principal exportação de Goiás, por ser o único produto de fácil transporte”²⁰⁸. E releva que entre os anos de “1920-1929, o gado vivo significou quase metade de todas as exportações e 27,69% da arrecadação total do Estado”²⁰⁹. Vemos que no poema, a estrada de ferro não traz ares de progresso, mas dá ênfase ao ritmo com que se desenvolviam e se movimentam as locomotivas pelo sertão afora.

E mais que os sons e o resfolegar do trem – “Resfôlego de vapor./ Locomotiva crepitando, fagulhando,/ apitando, sinalando, esguichando, refervendo./ Chiados, rangidos, golfadas, atritos, apitos./ Bandeira vermelha que se agita./ Bandeira verde da partida./ E o resfolegar do trem que vem, do trem que vai...” - Cora destaca o sofrimento dos personagens principais, que por vezes morriam durante as longas viagens: “... e o boi que se deita exausto.../ Exaustos, esfomeados, sedentos, engaiolados,/ cansados”.

Se, por um lado, destaca-se a lentidão das estradas que se sobrepunham à lógica dos boiadeiros, “Estradas de ferro ronceiras./ Longas viagens demoradas,/ rotineiras./ Composição

²⁰⁷ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.143-145.

²⁰⁸ PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás: (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975. p.95.

²⁰⁹ Ibid., p.94.

parada nos desvios – tempo/ aguardando horário, partida, sinal.../ Bandeira verde, apito...”, a histografia as privilegia como símbolo do progresso, que segundo Palacín:

Significava o transporte “rápido e barato”, indispensável para o progresso econômico e social. Mas somente chegou a Goiás em 1913. Na última década do século XIX tinha alcançado o Triângulo Mineiro a estrada de ferro Mogiana: Uberaba em 1889 e Araguari em 1896. Deveria ter-se prolongado até Catalão, mas por falta de capitais sua construção ficou paralisada²¹⁰.

Nas palavras de Nars Fayad Chaul:

A estrada de ferro viria para unir os espaços distantes, levar as boas novas, trazer novos produtos e mercadorias, conduzir leva de migrantes, dinamizar o comércio, fazer circular mais capital. Conjuntamente com a pecuária, a agricultura poderia dar seus sinais de vida, elevar ao máximo o tão decantado potencial agropecuário de Goiás. Enfim o sonhado Goiás seria viabilizado pelo “despertar dos dormentes”²¹¹.

Estariam os autores e a poetisa a cantar os mesmos trilhos férreos? Vemos pelos trechos de Palacín e de Nars Fayad Chaul que a implantação dos trilhos abriu espaço para modernização e desenvolvimento do território a partir do aumento das exportações. Nas palavras de Barsanufio Gomides Borges, em sua tese, “Com a chegada do trem-de-ferro, a Maria Fumaça com cauda de aço serpenteando pelo sertão com seu silvo estridente despertava Goiás de séculos de isolamento”²¹². Cora, por outro lado, revela como eram longas as viagens e como os animais de “Língua de fora, de lado./ Olhos abertos. Vidrados” morriam.

Os poemas analisados mostram que Cora apropria-se em sua poesia de tópicos da narrativa historiográfica, de maneira a personificá-los e mostrar uma visão crítica em relação a eles, não somente a reproduzi-los em seus versos. A poetisa se sensibiliza com a realidade do negro e do índio, dá notícias de costumes dos tempos auríferos, nos apresentando outra dimensão de Goiás, que tem suas raízes nas memórias coletivas e personagens que dão vida às velhas histórias. Como coloca Noé Freire Sandes, “Esse tempo longo que se estendeu entre o

²¹⁰ PALACÍN, Luis; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás: (1722-1972)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975. p.92.

²¹¹ CHAUL, Nasr N. Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997. p.123.

²¹² BORGES, 1994 apud NARS, 1997, p.125.

ouro, as tropas e o trem foi recriado pela poesia de Cora Coralina, com o peso e a tristeza de seu vintém de cobre”²¹³.

²¹³ SANDES, Noé Freire (Org.). **Memória e região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002. 211 p. (Coleção Centro- Oeste de estudos e pesquisas; 11). p.31.



Figura 3: Rua da Cidade de Goiás. Disponível em: <<http://cidadedegoias.tur.br/>>. Acesso em: mai. 2014.

Capítulo 3

ENTRE RUAS E BECOS: OS ESPAÇOS DE GOIÁS

3.1. A cidade de Cora Coralina

Como é a cidade representada nos versos de Coralina? Iniciamos nossa análise perguntando: como é a cidade que aparece em seus versos poéticos e que recursos são utilizados para revelar imagens e elementos urbanos dentro do universo poético coralineano?

A cidade de Cora é aquela da Escola da Mestra Silvina, da Rua Direita, do Velho Sobrado, aquela retratada pelas lembranças de seus edifícios, caminhos dos Morros, suas fazendas circundantes, do Rio Vermelho e suas histórias. A cidade dos vários becos, entre eles os “suspeitos” e os “mal-afamados”, os “românticos” e os “pecaminosos”. Becos que permanecem na memória e conservam “estórias das vidas obscuras”. Para discutir as dimensões da cidade apreendidas na literatura de Cora Coralina, destacamos, inicialmente, os modos como a memória e a força da voz feminina estão presentes na sua obra. Retomamos, aqui, alguns dos autores citados no capítulo 1.

Os detalhes e vestígios do passado de Goiás em Cora Coralina são revelados a partir da descrição da cidade que ficou memorizada, aquela dos fragmentos dos edifícios e espaços que remontam a acontecidos de outros tempos. Para Miliana Mariano da Silva, “o discurso literário lança mão da rememoração como um poderoso instrumento de preservação tanto da memória particular do escritor como de uma geração pertencente a uma época, pois a experiência, apesar de individual, também é social”²¹⁴. E, nesse sentido, a memória é uma noção fundamental para analisarmos os versos de Coralina, visto que a memória é resultado de experiências particulares, mas que são capazes de remeter a um grupo; uma vez que o indivíduo carrega suas lembranças consigo, mas está em constante interação com a sociedade²¹⁵. Segundo Maurice Halbwachs:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos²¹⁶.

²¹⁴ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012. p.10.

²¹⁵ Ibid., p.10.

²¹⁶ HALBWACHS, 2006 *apud* SILVA, 2012, p.10.

Cora, no exercício de recordar, traz à luz imagens pretéritas, permeadas por experiências particulares e coletivas. Ainda que essas experiências nos pareçam únicas e isoladas do coletivo, se conectam a um ambiente social, tornando-se inviável então desvincular as recordações pessoais das vivenciadas na coletividade, pois segundo Maurice Halbwachs, os sujeitos carecem das lembranças de grupo para reforçar suas próprias reminiscências²¹⁷. Entende-se que:

A obra literária constitui-se como referência de uma época porque resulta da criação de um sujeito que se encontra inserido numa coletividade, situado num determinado tempo e lugar social, o que determina sua percepção de mundo, suas memórias²¹⁸.

A “memória subterrânea engendrada na cidade de Goiás”, expressão utilizada por Andréa Ferreira Delgado²¹⁹, é aquela que remonta não somente às experiências da poetisa, mas também de um social coletivo, como nos elucida Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo no trecho a seguir:

A memória não é só de Ana Lins, testemunha de um tempo comprovado nas referências históricas, em nomes de pessoas de sua contemporaneidade, datas, lugares e acontecimentos assinalados nos anais da história, como podemos encontrar em vários poemas. A memória, nesse sentido, é de uma coletividade, porque não só traz de volta ao coração as plangências do eu lírico, mas também confronta-se com o mundo, quando toma para si a palavra épica que se inscreve, à mercê do pulsar da poesia, na pedra fundadora da cidade²²⁰.

Cora, em sua poesia, dá voz à mulher anciã, assim como a Aninha, a menina feia da ponte da Lapa a reviver os momentos da infância, unindo, então em sua obra, as duas pontas da vida – a meninice e a idade avançada. Um recurso de afastamento que lhe permite “rever, escrever e assinar os autos do Passado/antes que o Tempo passe tudo a raso”²²¹, como diz ao leitor em seu livro *Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais*. Para Clovis Carvalho Britto:

²¹⁷ HALBWACHS, 2006 *apud* SILVA, 2012, p. 16.

²¹⁸ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras, 2012. p.10.

²¹⁹ DELGADO, Andréa Ferreira. **Cora Coralina: a construção da Mulher-Monumento**. Caderno Espaço Feminino, v.19, n.01, Jan./Jul. 2008.

²²⁰ CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. **Poesia e memória em Cora Coralina**. Signótica, Goiânia, v. 14, p. 75-85, 2003. p. 78.

²²¹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 39.

A longevidade da autora contribuiu para que sua obra manifestasse distintas influências e retratasse elementos que, em conjunto, possibilitam recompor as relações entre gêneros, classes e gerações, as disputas pelo poder, as representações dos modos de vida, valores e crenças, enfim, as mediações entre os indivíduos e a sociedade na qual esteve inserida²²².

As diferentes versões da mesma Ana, quando somadas, apresentam ao leitor uma dimensão poética das ruas e becos de Goiás, que reescreve a história, os costumes, o folclore, as tradições e a geografia da cidade. Mais que recordar acontecimentos e encená-los a partir de um conjunto de impressões pessoais, a poetisa, por meio da memória, busca dar sentido a parte de sua vida. E nesse processo, a obra coralineana mostra-se significativa para o estudo do imaginário urbano, quando no exercício de reviver suas recordações e sua história individual, revela dados da identidade coletiva, como também afirma Miliana Mariano da Silva:

A memória instiga o homem a mergulhar no seu passado, instância em que memórias particulares fundem-se a memórias coletivas, configurando-se como possíveis fontes para o conhecimento histórico. Desta forma, vimos no presente às experiências antigas, inserindo-se numa luta contínua e incansável por transcender o tempo, esforçando-se para manter viva sua cultura e valores²²³.

O acervo de fatos e imagens que se desprendem da linguagem poética, neste caso, nos conduzem “à identificação de importantes aspectos da história e da sociedade goiana”²²⁴. Em seus poemas a poetisa conta daquilo que viu, viveu, ouviu; e pode ser passado de geração em geração e como tais podem ser considerados fontes importantes de conhecimento histórico.

Dessa maneira, podemos entender que a obra de Cora Coralina é plural quando traz à luz experiências individuais somadas as de um coletivo a qual sente pertencer. A poetisa mescla imagens de diferentes tempos da cidade goiana, seja aquele das histórias de sua bisavó – que rememoram os tempos da escravidão –, seja aquele da infância de Aninha e os de sua mocidade. E também fala da cidade e das pessoas simples. Para Michel Pollak, os acontecimentos, personagens e lugares são três importantes elementos constitutivos da

²²² BRITTO, Clovis Carvalho. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras**: Educação, história e sociedade em Cora Coralina. *Hispanista* (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011. p. 1.

²²³ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Departamento de Letras, 2012. p. 125.

²²⁴ BRITTO, Clovis Carvalho. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras**: Educação, história e sociedade em Cora Coralina. *Hispanista* (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011. p. 1.

memória. Assim como coloca Miliana Mariano da Silva, a poetisa constrói sua obra recuperando os marcos de sua existência, elegendo experiências, episódios, pequenos e grandes detalhes que lhe ressurgem à memória em forma de linguagem²²⁵. Os escritos de Cora reforçam a ideia da ação do tempo, da cidade que parou no passado, e também o passado que se mostra tão presente.

Em seus versos a presença da mulher mostra-se nas inúmeras personagens poetizadas por Coralina e até mesmo quando se refere a ela mesma, como Cora ou Aninha, e quando diz que dentro dessa mulher cabem tantas outras. Diferentes imagens da mulher sejam da mulher que batalha, da mulher do povo, da parideira, que cuida da casa, se até ao lar e aos vários filhos, da que ensina ou a que se fez mulher da vida permeiam a obra poética em diferentes poemas. Cora retrata a mulher sofrida, esquecida por vezes pela sociedade, a si e também todas as outras que lhe foram contemporâneas, como vemos no poema em “Todas as Vidas”:

Vive dentro de mim
uma cabocla velha
de mau-olhado,
acorada ao pé do borralho,
olhando para o fogo.
Benze quebranto.
Bota feitiço...
Ogum. Orixá.
Macumba, terreiro.
Ogã, pai-de-santo...

Vive dentro de mim
a lavadeira do Rio Vermelho.
Seu cheiro gostoso
d'água e sabão.
Rodilha de pano.
Trouxa de roupa,
pedra de anil.
Sua coroa verde de são-caetano.

Vive dentro de mim
a mulher cozinheira.
Pimenta e cebola.
Quitute bem feito.
Panela de barro.
Taipa de lenha.
Cozinha antiga
toda pretinha.
Bem cacheada de picumã.

²²⁵ SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Departamento de Letras, 2012. p. 15.

Pedra pontuda.
Cumbuco de coco.
Pisando alho-sal.

Vive dentro de mim
A mulher do povo.
Bem proletária.
Bem linguaruda,
desabusada, sem preconceitos,
de casca-grossa,
de chinelinha,
e filharada.

Vive dentro de mim
A mulher roceira.
- Enxerto da terra,
meio casmurra.
Trabalhadeira.
Madrugadeira.
Analfabeta.
De pé no chão.
Bem parideira.
Bem criadeira.
Seus doze filhos,
Seus vinte netos.

Vive dentro de mim
a mulher da vida.
Minha irmãzinha...
tão desprezada,
tão murmurada...
Fingindo alegre seu triste fado.

Todas as vidas dentro de mim:
Na minha vida –
a vida mera das obscuras²²⁶.

Além de elencá-las, Cora apresenta características próprias de cada mulher, e elementos do cenário e cotidiano que as cercam. Quando remete ao início de cada estrofe “Vive dentro de mim”, reforça que tem um pouco de cada uma dessas mulheres, que partilham de uma vida sofrida. A mulher que narra é a mesma que luta, a mulher que narra é também todas as outras. E como coloca Solange Fiuza Cardoso Yokozawa:

Entre todas as mulheres, gênero condenado por longo tempo ao limbo do esquecimento, a poeta se sensibiliza, sobretudo, com aquelas sobre as quais pesa um silêncio ainda maior, aquelas que, além de mulheres, constituem a escória da sociedade a que pertenceu Cora, a cabocla velha, a lavadeira, a

²²⁶ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.45-46.

cozinheira, a mulher do povo, a mulher roceira, a mulher da vida, de modo a conferir a essas “vidas obscuras” uma dignidade lírica, um caráter heróico²²⁷.

A cidade goiana, muitas vezes, se confunde com a própria autora. Ao cantar a visão de sua terra, revela sua afetividade e amor pelo abrigo de sua infância e de sua velhice. Os adjetivos são empregados quase como para mostrar a face de mulher, expondo seus limites e possibilidades, como notamos no poema “Minha Cidade”:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.
Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,

²²⁷ YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memórias dos Becos**. Revista Texto Poético, Vol. 2, 1º sem - 2005. p.6.

de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
Revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhandos, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Cacinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,
todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha²²⁸.

Cora apresenta-se como a própria morfologia da cidade, cujos caminhos são ruas curtas e estreitas, um traçado urbano à imagem da sensibilidade da mulher. O pronome possessivo “minha” remete à ideia afetiva de Cora Coralina com sua cidade natal. Como coloca Moema de Souza Esmeraldo, o uso do pronome “eu” seguido do verbo “ser”, confere ao poema uma sequência de metáforas – “Eu sou aquele velho muro”, “Eu sou a dureza desses morros” - que reforça a identificação da poetisa com o espaço cantado²²⁹. Cora, quando se refere às casas, apresenta-as como se estivessem a cochichar umas com as outras, como se fossem meninas, crianças a contar segredos. Trata-se também de uma referência à disposição

²²⁸ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.47-49.

²²⁹ ESMERALDO, Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014. p.65.

contínua das construções goianas. Ela é como as casas, como a vegetação, suas características se entrelaçam às características da cidade.

Não podemos deixar de notar o tom de nostalgia que perpassa o texto e as adjetivações que revelam a dureza da vida. Quando evoca as “trepadeiras sem classe” mostra que são “Bravias./ Renintentes./ Indomáveis./Cortadas./Maltratadas./Pisadas./ E renascendo.”, apesar de tantos maus tratos conseguem ressurgir. O mesmo acontece com os morros, que mesmo “Queimados pelo fogo./ Pastados./ Cacinados” conseguem renascer, uma alusão aos próprios percalços da poetisa. Cora se coloca em cada um dos elementos da paisagem goiana, como também o faz ao poetizar o rio, no poema “Rio Vermelho”:

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
Não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba para cá.
E isto chega pra mim.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...
Rio que se afunda de baixo das pontes.
Que se reparte nas pedras.
Que se alarga nos remansos.
Esteira de lambaris.
Peixe cascudo nas locas.

Rio, vidraça do céu.
Das nuvens e das estrelas.
Tira retrato da Lua.
Da Lua quarto-crescente
que mora detrás do morro.
Lua que veste a cidade de branco
e tece rendado de marafunda
na sombra das cajazeiras.

Rio de águas velhas.
Roladas das enxurradas.
Crescidas das grandes chuvas.
Chovendo nas cabeceiras.
Rio do princípio do mundo
Rio da contagem das eras.

Rio - mestre de Química.
Na retorta das corredeiras,
corrige canos, esgoto, bueiros,
das casas, das ruas, dos becos
da minha terra.

Rio, santo milagroso.
Padroeiro que guarda e zela
a saúde da minha gente,
da minha antiga cidade largada.
Rio de lavadeiras lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.
De potes se enchendo da água.
E quem já ficou doente da água do rio?
Quem já teve ferida braba, febre malina,
pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...
Cumprindo sua dura sina.
Raspando sua lazeira
nos cacos dos seus monturos.
Rio, Jô que se alimpa,
pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
nas cheias de suas enchentes
que carregam seus monturos.

Ponte da Lapa da minha infância...
Da escola da Mestra Silvina,
do tempo em que eu era Aninha...

Ponte do Carmo, querida,
dos namorados de longe.
Por onde passava enterro,
dos anjinhos de Goiás,
que iam pro cemitério,
pintadinhos de carmim.
Caixãozinho descoberto.
E a música tocando atrás
A Valsa da Despedida.

Ponte nova do Mercado
- foi pinguela do Antônio Manuel,
banheiro da meninada.
Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
Carioca de nós todos.
Pinguelona dos destemidos,
contando a estória de um sino.

Sino grande, impensado,
nas locas da cachoeira.
Sino da Igreja da Lapa,
que rodou na grande enchente
tocando pro rio abaixo.
Até que parou impensado
nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto
conta estória do sino:
inda toca à meia-noite
quando a cidade se aquieta,

e as águas ficam dormindo.

Tange, pedindo uma graça:
Que algum cristão caridoso,
o salve daquele poço,
o tire debaixo d'água.
Pois seu destino de sino
é no alto de uma torre
abençoando a cidade.
Dando aviso para o povo
- louvar a Deus poderoso.

Poço da Mandobeira...
Poço do Bispo...
Poço da Carioca...
Sombras de velhos banhistas dos velhos tempos.
Sabão do Reino no bolso.
Toalha passada ao ombro.
Cigarro de palha no bico.
A vitamina do banho.
Banho da Carioca.
Águas vitaminadas...

Rio vermelho - meu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
há cem anos...
Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
- “Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim...”²³⁰

Junto às características, Cora apresenta suas lembranças e canta com propriedade o rio, ressaltando que: “Longe do Rio Vermelho./ Fora da Serra Dourada./ Distante desta cidade,/ Não sou nada, minha gente”. Os elementos naturais do “sertão” goiano por ela são revelados como paisagens de suas lembranças. O rio é descrito em suas qualidades, como “mestre da química” - quando leva embora o esgoto das casas, dos bueiros das ruas, e dos becos –, “santo milagroso” – como aquele que cura e zela pela saúde do povo e dá a benção logo pela manhã

²³⁰ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.91-94.

– e “vidraça do céu”. É também aquele “das pessoas que a habitam e usufruem de suas águas”²³¹, como coloca Thaise Monteiro, rio das lavadeiras e dos meninos que nele se banham.

Seguindo seu curso vão surgindo também outras imagens, como as das pontes – Ponte da Lapa – “Ponte da Lapa da minha infância.../ Da escola da Mestra Silvina,/ do tempo em que eu era Aninha...” -; Ponte do Carmo – “Ponte do Carmo, querida,/ dos namorados de longe./ Por onde passava enterro,/ dos anjinhos de Goiás,/ que iam pro cemitério,/ pintadinhos de carmim./ Caixãozinho descoberto./ E a música tocando atrás/ A Valsa da Despedida” - e a Ponte nova do mercado – Ponte nova do Mercado/ - foi pinguela do Antônio Manuel,/ banheiro da meninada./ Ponte do Padre Pio dos potes d’água./ Carioca de nós todos./ Pinguelona dos destemidos,/ contando a estória de um sino”. Rio das pontes e das velhas enxurradas, assim é o rio que corta e faz surgir a Vila Boa, e que é visto “da janela da casa velha” e das pontes que lembram as antigas tradições. O mesmo rio que Cora atravessou antes de partir em direção a São Paulo, quando diz: “Rio vermelho – meu rio./ Rio que atravessei um dia/ (Altas horas. Mortas horas.) / há cem anos.../ Em busca do meu destino”.

Vemos, assim, nas palavras de Cora Coralina, a forte ligação entre o eu lírico e paisagem poetizada, como coloca Moema Esmeraldo, quando afirma que o retrato da cidade goiana é “em sua essência, também um retrato da memória filtrada pelo poeta. A alma do eu lírico funde-se à própria paisagem e deixa claro o quanto os espaços são importantes para rememorar o passado, mesmo que esta fusão seja ocasionada pela transitoriedade entre espaço e memória”²³². Para Esmeraldo, o espaço abre caminho para que a poetisa possa extrair lembranças e imagens para tecer sua poética, mostrando a integração do sujeito com o meio²³³ e conclui dizendo que “Os versos se incorporam na cidade e inscrevem as ações que são compartilhadas com a própria cidade”²³⁴. Assim vemos nos versos dos poemas que permeiam nosso trabalho.

²³¹ MELO, Thaise **Monteiro da Silva. A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina.** 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p.80.

²³² Ibid., p.74.

²³³ Ibid., p.75.

²³⁴ Ibid., p.75.

3.2. A morada de Cora: os edifícios e becos goianos

Vemos que na obra de Cora Coralina ganham destaque os edifícios da vida cotidiana, diferentemente da historiografia que privilegia os espaços monumentais ou que abrigam os edifícios sedes do poder local, aqueles que contribuíram para definir a paisagem e estruturar traçados urbanos. Por outro lado, Cora ilumina a morada de suas experiências e recordações, como a escola da Mestra Silvina, o Velho Sobrado e a Casa Velha da Ponte. Para analisarmos os edifícios versados pela autora selecionamos os poemas “A Escola da Mestra Silvina”, “Velho Sobrado”, transcritos na íntegra e trechos dos poemas “Becos de Goiás”, “Do Beco de Vila Rica”, “O Beco da Escola”, todos eles do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* publicado em 1965.

Entre os edifícios poetizados está a pequena escola do ensino primário, refúgio de lembranças da infância e da antiga professora de Cora, por quem tinha grande estima. A poetisa reconhece que “Foi pela didática paciente da velha mestra que Aninha a menina boba da casa, obtusa, do banco das mais atrasadas se desencantou em Cora Coralina”²³⁵. À mestra Silvina dedica o livro *Vintém de Cobre – Meias Confissões de Aninha* e a homenageia em vários poemas, entre ele, “Mestra Silvina”:

Minha escola primária, fostes meu ponto de partida,
dei voltas ao mundo.
Criei meus mundos...
Minha escola primária. Minha memória reverencia minha velha Mestra.
Nas minhas festivas noites de autógrafos, minhas colunas de jornais
e livros, está sempre presente minha escola primária.
Eu era menina do banco das mais atrasadas²³⁶.

A escola localizava-se na Rua Direita, número 13, uma das três primeiras ruas do arraial, hoje denominada Moretti Foggia. No poema “A Escola da Mestra Silvina”, Cora fala das características da edificação, do espaço das aulas, como ensinavam as velhas mestras, sua rigorosa didática e os castigos aplicados aos desobedientes. Conforme seus versos, a porta da rua era pesada, enquanto a do meio sempre estava fechada, a escola era composta por um corredor de salas à direita, com janelas de rótulas.

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.

²³⁵ CORALINA, Cora. **Vintém de cobre: Meias confissões de aninha**. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1984. p.31.

²³⁶ Ibid., p.123.

Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal – sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado uma geração
antes da minha.

A gente chegava “ – Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos.
escorridos, sem encosto.
Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:
Primeiro, segundo,
terceiro e quarto livros
do erudito pedagogo
Abílio César Borges –
Barão de Macaúbas.
E as máximas sapientes
do Marquês de Maricá.

Não se usava quadro-negro.
As contas se faziam
em pequenas lousas
individuais.

Não havia chamada
e sim o ritual
de entradas, compassadas.
“- Bença, Mestra...”

Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.

Velhos colegas daquele tempo...
Onde andam vocês?

A casa da escola inda é a mesma.
- Quanta saudade quando passo ali!
Rua direita, nº 13.
Porta da rua pesada,
escorada com a mesma pedra
da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
Corredor de lajes
e um cheirinho de rabugem
dos cachorros de Samélia.
À direita – sala de aulas.
Janelas de rótulas.
Messorra escura
toda manchada de tinta
das escritas.
Altos na parede, dois retratos:
Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,
onde andam vocês?

Sempre que passo pela casa
me parece ver a Mestra,
nas rótulas.
Mentalmente beijo-lhe a mão.
“- Bença, Mestra”.
E faço a chamada da saudade
dos colegas:
(...)
Minha irmã Helena.
(Eu era Aninha.)
Velhos colegas daquele tempo.
Quantos de vocês respondem
esta chamada de saudades
e se lembram da velha escola?

E a Mestra?...
Está no Céu.
Tem nas mãos um grande livro de ouro
e ensina a soletrar
aos anjos²³⁷.

Mestra Silvina, assim como “Outras mais, esquecidas mestras de Goiás”, mestras que podem ser consideradas personagens triplamente à margem da sociedade goiana: por serem mulheres, por não possuírem boas condições financeiras e por serem solteiras, como ressalta Clovis Carvalho Britto²³⁸. As professoras geralmente aposentadas das escolas públicas, para complementar a renda, abriam escolas em suas próprias residências. Assim como assegura Cora em um trecho do poema “O Beco da Escola”:

Esquecidas mestras de Goiás.
Elas todas – donzelas,
sem as emoções da juventude.
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,
atarefadas com crianças.
Ensinando o bê-a-bá às gerações²³⁹.

A escola era em uma casa de um só lance, assinalando a singeleza da escolinha e arrematando a tipologia de uma residência colonial. Os versos do poema aproximam-se da exposição de Nestor Goulart Reis Filho sobre a arquitetura colonial, onde revela que:

As salas da frente e as lojas aproveitavam as aberturas sobre a rua, ficando as aberturas dos fundos para a iluminação dos cômodos de permanência das mulheres e dos locais de trabalho. Entre essas partes com iluminação natural, situavam-se as alcovas, destinadas à permanência noturna e onde dificilmente penetrava a luz do dia. A circulação realizava-se sobretudo em um corredor longitudinal que, em geral, conduzia da porta da rua aos fundos²⁴⁰.

Vemos que a partir dos detalhes revelados por Cora, “Porta do meio, sempre fechada./ Corredor de lajes/ e um cheirinho de rabugem/ dos cachorros de Samélia./ À direita – sala de aulas./ Janelas de rótulas.”, conseguimos ler elementos da planta baixa e da fachada da edificação. Pela configuração notamos que a casa configura a tipologia de meia-morada onde,

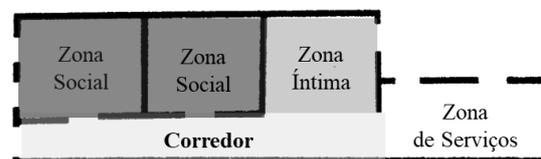
²³⁷ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.75-78.

²³⁸ BRITTO, Clovis Carvalho. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras: Educação, história e sociedade em cora coralina**. Hispanista (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011.

²³⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.118.

²⁴⁰ REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. p.24.

segundo Fátima de Macedo Martins, o corredor vai “organizando a distribuição dos cômodos” revelando “ao mesmo tempo, um esquema que pressupõe uma hierarquia entre os mesmos”²⁴¹, como vemos nas imagens a seguir:



Figuras 4: Planta baixa - tipologia meia-morada.

Figuras 5: Zoneamento - tipologia meia-morada.

Disponível em: MARTINS, Fátima de Macedo. **A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural.** 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. p.66. Zoneamento elaborado pela autora.

Essa divisão consiste na sucessão de três zonas: a social – onde estabeleciam provavelmente as salas de aula; a zona íntima e a de serviços, que serviam à morada e à vida pessoal da mestra. O corredor coloca-se como um elemento de segregação, como se vê na imagem acima, ao intermediar as relações entre o espaço público e o estritamente doméstico, como explica Martins:

Abrindo diretamente para a rua, a porta principal se localizava no corredor, no qual havia delimitado um espaço específico de espera (o vestíbulo) para o visitante, contido pela porta da rua e uma segunda porta, colocada logo após o acesso à porta lateral que dá acesso à sala da frente²⁴².

Neste caso, entendemos que a porta da rua permanecia sempre aberta e “encostada com a mesma pedra” da infância de Cora, “constituindo-se como um prolongamento do espaço da rua”²⁴³. A porta do meio, como nos versos poéticos, mantinha-se sempre fechada por dar acesso à zona íntima da casa.

²⁴¹ MARTINS, Fátima de Macedo. **A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural.** 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. p. 66.

²⁴² Ibid., p.67.

²⁴³ Ibid., p.67.



Figuras 6: Entrada de residência à Rua Moretti Foggia (Escola da Mestra Silvina) – Goiás. Acervo da autora.

Ao identificarmos a escola da mestra Silvina como uma tipologia de meia-morada, torna-se possível assinalar aspectos da fachada. Nesta tipologia, como apresentado por Martins, a habitação apresenta uma porta na extremidade da fachada, correspondendo ao corredor, e duas janelas, dispostas de maneira uniforme; “Janelas de rótulas” como colocadas por Coralina. Nos exemplares de meia-morada, essas janelas contavam com uma folha cega de madeira para seu fechamento e outra folha externa, que denominada como rótula ou gelosia, apresentava-se formada por réguas de madeira entrecruzadas e dispostas compondo treliças. Características discutidas por Martins, que também assegura que as treliças protegiam o interior da habitação do sol excessivo, favorecendo ainda iluminação e ventilação adequadas ao conforto do ambiente. Sobre as janelas, conta Cora no conto “Procissão das Almas”:

Foi muito variada no Brasil a esquadria das rótulas. Nem sabemos bem se elas vieram de Portugal ou da Espanha; se eram autenticamente lusas ou mouriscas. Foram elas o documentário mais expressivo da segregação da mulher dentro da casa senhorial.

As de Goiás eram as chamadas rótulas de tabuletas, de tabuinhas, de colocação horizontal, grampeadas num pino vertical, móvel, com trincos e tramelinhas laterais, para abrir e fechar à vontade.

As paredes onde se encaixavam essas janelas eram de notável espessura como inda se vê em tantas casas. Comportavam, internamente, dos lados, assentos lisos ou com almofadas, onde as mulheres mais comodamente pudessem estar à rótula.

Movendo trincos, pinos e tramelinhas era que a gente da casa via o pequeno mundo da cidade e tomava conhecimento de seus moradores²⁴⁴.

²⁴⁴ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.20.

Outro edifício que se destaca é aquele do poema “Velho Sobrado”, que nos remete à passagem do tempo a partir das imagens evocadas pelos pedaços de batentes, vidraças estilhaçadas e as ferragens retorcidas. Faz menção ao sobrado localizado nas imediações da Ponte da Lapa, onde se sediavam bailes, eventos e encontros da sociedade goiana. A referência ao sobrado é permeada por um sentimento melancólico, assim como pode ser a idade avançada.

Um montão disforme. Taipas e pedras,
abraçadas a grossas aroeiras,
toscamente esquadriadas.
Folhas de janelas.
Pedaços de batentes.
Almofadados de portas.
Vidraças estilhaçadas.
Ferragens retorcidas.

Abandono. Silêncio. Desordem.
Ausência, sobretudo.
O avanço vegetal acoberta o quadro.
Carrapateiras cacheadas.
São-caetano com seu verde planejamento,
pendurado de frutinhas ouro-rosa.
Uma bucha de cordoalha enfolhada,
berrante de flores amarelas
cingindo tudo.
Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho.
No alto, instala-se, dominadora,
uma jovem gameleira, dona do futuro.
Cortina vulgar de decência urbana
defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado
— um muro.

Fechado. Largado.
O velho sobrado colonial
de cinco sacadas,
de ferro forjado,
cede.

Bem que podia ser conservado,
bem que devia ser retocado,
tão alto, tão nobre-senhorial.
O sobradão dos Vieiras
cai aos pedaços,
abandonado.
Parede hoje. Parede amanhã.
Caliça, telhas e pedras
se amontoando com estrondo.
Famílias alarmadas se mudando.
Assustados - passantes e vizinhos.
Aos poucos, a “fortaleza” desabando.

Quem se lembra?
Quem se esquece?

Padre Vicente José Vieira.
D. Irena Manso Serradourada.
D. Virgínia Vieira
- grande dama de outros tempos.
Flor de distinção e nobreza
na heráldica da cidade.
Benjamim Vieira,
Rodolfo Luz Vieira,
Ludugero,
Ângela,
Débora, Maria...
tão distante a gente do sobrado...

Bailes e saraus antigos.
Cortesia. Sociedade goiana.
Senhoras e cavalheiros...
- tão desusados...

O Passado...

A escadaria de patamares
vai subindo... subindo...
Portas no alto.
À direita. À esquerda.
Se abrindo, familiares.

Salas. Antigos canapés.
Cadeiras em ordem.
Pelas paredes forradas de papel,
desenho de querubins, segurando
cornucópia e laços.
Retratos de antepassados,
solenes, empertigados.
Gente de dantes.

Grandes espelhos de cristal,
emoldurados de veludo negro.
Velhas credências torneadas
sustentando
jarrões pesados.
Antigas flores
de que ninguém mais fala!
Rosa cheirosa de Alexandria.
Sempre-viva. Cravinas.
Damas-entre-verdes.
Jasmim-do-cabo. Resedá.
Um aroma esquecido
- manjerona.

O Passado...

O salão da frente recende a cravo.

Um grupo de gente moça
se reúne ali.
“Clube Literário Goiano”.
Rosa Godinho.
Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus,
a presidência.

Nós, gente menor,
sentadas, convencidas, formais.
Respondendo à chamada.
Ouvindo atentas a leitura da ata.
Pedindo a palavra.
Levantando idéias geniais.

Encerrada a sessão com seriedade,
passávamos à tertúlia.
O Velho harmônico, uma flauta, um bandolim.
Músicas antigas. Recitativos.
Declamavam-se monólogos.
Dialogávamos em rima e risos.

D. Virgínia. Benjamim.
Rodolfo. Ludugero.
Veros anfitriões.
Sangrias. Doces. Licor de rosa.
Distinção. Agrado.

O Passado...

Homens sem pressa,
talvez cansados,
descem com leva
madeirões pesados,
lavrados por escravos
em rudes simetrias,
do tempo das acutas.
Inclémência.
Caem pedaços na calçada.
Passantes cautelosos
desviam-se com prudência.
Que importa a eles o sobrado?

Gente que passa indiferente,
olha de longe,
na dobra das esquinas,
as traves que despencam.
- Que vale para eles o sobrado?

Quem vê nas velhas sacadas
de ferro forjado
as sombras debruçadas?
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado?...
Que importa a marca dos retratos na parede?

Quem importam as salas destelhadas,
e o pudor das alcovas devassadas...
Que importam?

E vão fugindo do sobrado,
aos poucos,
os quadros do Passado²⁴⁵.

O sobrado de Dona Virgínia Vieira era uma casa nobre senhorial com cinco sacadas de ferro forjado, escadaria de patamares, grandes espelhos de cristal, paredes forradas de papel, salão das músicas antigas, da flauta e bandolim. Um exemplar do sobrado colonial, que Segundo Fátima de Macedo Martins, tinha: “A composição no pavimento superior, simétrica aquela do térreo, às vezes apresentava janelas rasgadas por inteiro, arrematadas por balcões sacados”²⁴⁶. O tratamento das fachadas dos sobrados pouco se diferia do tratamento das residências térreas, mas Cora faz alusão ao uso do ferro, papel de parede, o uso de elementos refinados que remetem a traços do Ecletismo²⁴⁷, corrente que marcou as mudanças ocorridas no final do século XIX e começo do século XX.

Vemos que o poema é marcado por uma melancolia e deixa claro o uso de sentidos para refazer uma época e transmitir as emoções de uma experiência vivida²⁴⁸, como coloca Márcia Batista de Oliveira. Cora faz uma menção saudosa ao passado das reuniões do Clube Literário Goiano, a partir do aroma das flores “de que ninguém mais fala”, músicas e recitativos e nome das pessoas que frequentavam e se reuniam “levantando ideias geniais”, recompondo uma cena do passado. Para Oliveira:

Por meio dos elementos que povoam as recordações do eu lírico, o poema adquire um teor social, sendo possível conhecer um pouco do hábito das pessoas que frequentavam o velho sobrado, indo além da descrição, pois

²⁴⁵ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 95-99.

²⁴⁶ MARTINS, Fátima de Macedo. **A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural**. 2004. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. p. 70.

²⁴⁷ “Em arquitetura, o movimento ou a tendência resultante da falta de originalidade e de caráter na obra arquitetônica que surge em determinado momento no qual existe o embate de ideias e o conflito de culturas. O período mais caracteristicamente eclético da arquitetura foi o fim do século XIX onde os estilos arquitetônicos até então existentes não conseguiram exprimir a realidade e não fixaram-se como manifesto cultural”. In: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972.

²⁴⁸ OLIVEIRA, Márcia Batista de. **Cora Coralina: cartografias da memória**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2006. p.43.

tudo é redimensionado pelo lirismo fornecido pela memória auditiva que compõe o sentimento nostálgico partilhado com o leitor”²⁴⁹.

Enquanto Cora relembra as experiências e usos passados do sobrado, os confronta com o estado em que se encontra o edifício. Segundo Clovis Carvalho Britto, entre os anos 1956 e 1962, após a volta de Cora para Goiás, o impacto do retorno propiciou a eclosão da maioria dos poemas publicados em seu primeiro livro, entre eles, “Velho Sobrado”, cujos manuscritos datam 1959²⁵⁰. Assim, vemos que a decadência da edificação reforça a ação do tempo que deteriorou “os quadros do Passado” enquanto a poetisa esteve fora da cidade. Quando evoca “Bem que podia ser conservado,/ bem que devia ser retocado” faz alusão ao desejo (“bem que podia”) por aquilo que não se concretizou: a conservação do patrimônio.

Por fim, vemos que Cora faz alusão àqueles edifícios dos quais ela tem saudade e profunda afeição em relação aos momentos que neles foram vividos, assim como a escola da mestra Silvina, a que se refere no trecho:

Minhas noites de autógrafos... Festejadas, cumprimentadas, flores, luzes, gente moça à minha volta, oradores no microfone, aquele quadro luminoso vai desaparecendo, peça a peça, muda. O cenário desaparece em mágica visual e o que se apresenta é a minha escola primária, ao vivo, com toda a sua pobreza, seus bancos duros, sua mesa manchada de tinta, suas pernas de encaixe, suas lousas pertencentes, seus livros superados de que ninguém mais fala²⁵¹.

Canta em sua poesia os espaços que no passado foram usados e vividos, mas que em um dado presente se mostram decadentes e abandonados, como o velho sobrado. Percebemos que as descrições nascem a partir dos detalhes, detalhes da porta ou janelas, dos materiais, das singularidades das construções e costumes corriqueiros, uma descrição que não se atém a materialidade dos espaços, não se preocupa em revelar o todo. As características arquitetônicas aparecem entrelaçadas às histórias que são lembradas. Em suas descrições, Cora canta os elementos da cidade e seus edifícios a partir de seus fragmentos, que por vezes, reforçam o passar do tempo, mas também detalhes arquitetônicos das construções coloniais.

²⁴⁹ OLIVEIRA, Márcia Batista de. **Cora Coralina**: cartografias da memória. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2006. p.47.

²⁵⁰ BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 266. (grifos nossos).

²⁵¹ CORALINA, Cora. **Vintém de cobre**: Meias confissões de aninha. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1984. p.31.

3.2.1. A Casa Velha da Ponte

Os traços principais da poesia coralineana apontam para a recriação poética do tempo e a reinvenção lírica da memória, onde se transfigura em arte as experiências tanto de caráter pessoal quanto coletivo²⁵². Entre os espaços com maior carga afetiva estão os becos, repositório da memória social e a casa velha da ponte, o espaço primeiro da memória individual. Cora Coralina encontra na casa apoio para revisitar a infância e suas lembranças da “menina feia da ponte da Lapa”, como confirmado por Solange Fiuza, ao assegurar que “A casa natal, que guarda a infância, é mais que uma construção feita de taipa e telha, é uma casa lembrança, que sempre habitou a escritora, mesmo em sua longa ausência”.

Foram quarenta e cinco anos longe da casa velha da ponte, mas ao retornar para Goiás após “o chamado das pedras”²⁵³, Cora Coralina encontrou suas recordações, a ponto de revelar que apesar “de ter dado voltas ao mundo/ sem deixar a sua casa”²⁵⁴, voltou “vestida de cabelos brancos”, voltou “sozinha à velha casa, deserta”²⁵⁵. E essa experiência do reencontro e resgate da infância tão arraigada à casa é descrita no livro *Estórias da Casa Velha da Ponte* a partir da escrita em prosa. A homenagem da poetisa surge no título do livro, assim como na primeira leitura – “Casa Velha da Ponte” – na qual remete à casa de sua meninice:

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.
Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice.
Desde quando ficaste assim?
Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e enchimento em lances sobrepostos salientes.
Folhas de portas pesadas de árvores fortes descomunais serradas a mão, unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de gigantes homens feros, duros restos de bandeira. Fechaduras anacrônicas, chavões de broca, gonzos rangentes de feitio estranho e pregos quadrados²⁵⁶.

²⁵² YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memórias dos Becos**. Revista Texto Poético, Vol. 2, 1º sem - 2005. p.9.

²⁵³ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. 110 p. (Obras de Cora Coralina). p. 94.

²⁵⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, p.193.

²⁵⁵ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. 110 p. (Obras de Cora Coralina). p. 95.

²⁵⁶ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p. 7.

“Desde quando ficaste assim?” se pergunta Cora logo no início de sua estória²⁵⁷, evocando o quanto a ação do tempo castigou sua residência. Segundo Clovis Carvalho Britto e Rita Elisa Seda, a Casa da Ponte foi uma das primeiras construções da cidade, apesar de não se saber ao certo a data exata da construção, ainda que haja suposições de que a casa tenha sido construída por volta de 1732 por Thebas Ruiz para arrecadação do Quinto Real, imposto pago à Coroa Portuguesa²⁵⁸, como revela Cora em sua narrativa, ao lembrar os relatos de sua bisavó:

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó – um certo Thebas Ruiz, recebedor dos quintos reais, antes de morrer enterrou no porão da casa ouro avultado, grossas barras, moedas e mais lavrados. Para não seguir preso para Portugal, prevaricador da Real Coroa, sonegador e esbanjador dos Quintos de El-Rei, bebeu seu copo de veneno, tendo antes feito beber ao seu antigo escravo de confiança, que muito sabia e podia contar.

Depois veio um Sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria. Contava minha bisavó que esse senhor Cônego, feito suas Humanidades em Coimbra, só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro. Um capitão da guarda nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios sem percalços de reforma. Um desembargador da Monarquia – meu pai –, minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu afinal a última sobrevivente de gerações passadas²⁵⁹.

Gustavo Neiva Coelho, a partir de levantamentos realizados pelo IPHAN, estima que a casa tenha sido construída num período anterior a 1782, “sendo seu construtor e primeiro proprietário o Dr. Antônio de Souza Telles, português, que por algum tempo assumiu o cargo de Capitão-mor”²⁶⁰. Apesar das diferentes versões, a casa foi adquirida pela família de Cora,

²⁵⁷ Segundo Solange Fiuza Cardoso Yokozawa, Cora prefere manter a oposição entre história e estória, uma no sentido de ciência histórica e a outra para o sentido de narrativa de ficção, conto popular, e demais acepções; apesar do dicionário Aurélio recomendar apenas a grafia história para ambos os sentidos. Neste caso, seguiremos a grafia adotada pela poetisa. YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Estórias da velha rapsoda da Casa da Ponte**. Ciênc. let., Porto Alegre, n.39, p.195-212, jan./jun. 2006.

²⁵⁸ BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 19.

²⁵⁹ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.8-9.

²⁶⁰ COELHO, Gustavo Neiva. **Guia dos bens imóveis tombados em Goiás**. Goiânia: Trilha Urbana, 2001. p.67.

no início do século XIX, e nela seu avô teria passado toda a sua infância, junto a sua mãe e todas as suas outras irmãs²⁶¹.

Coralina conta dos percalços até que a casa chegasse a pertencer à sua geração. A casa onde Thebas enterrou o tesouro, que para não ser preso e levado para Portugal, suicidou-se, antes de dar fim ao seu escravo para não revelarem o então esconderijo. Da estória surgem as raízes para as especulações, que, segundo Britto, até hoje embalam o imaginário vilaboense sobre o possível “tesouro da casa velha”, expressão também usada por Coralina para intitular outro de seus livros. Para Britto, apesar da falta de documentos sobre a primeira função do imóvel, a versão de Cora revela minúcias pertinentes, e chama atenção para alguns dos elementos da edificação.

Além de ser uma das primeiras construções da cidade, com localização privilegiada ao lado do rio, e de ser um dos poucos imóveis com água potável privativa trazida em canos de aroeira e pedra sabão, ainda hoje, é possível constatar no forro de umas de suas salas as cores verde e vermelha, simbolizando a presença portuguesa. O pouco do que se sabe é que com a morte desse Recebedor a casa foi ajuntada à Fazenda Real em auto de perdas²⁶².

E sobre a mística do “enterro do ouro” completa Cora:

Estórias, fantasias de “enterro de ouro”, muito ouro que se pesava às arrobas, se encompridavam em barras e arredondavam em moedas e se laboravam em adornos. Escravos escavando em busca dos filões, veeiros que aprofundavam terra adentro, vigiados de feitores, esfalfando-se em trabalho muscular, nas lavras de um tal Vai-Vem que ainda hoje tem esse nome de terceiros, perto de Goiás. E assim se criou a mística do “enterro de ouro” na Casa Velha da Ponte²⁶³.

O mistério do ouro enterrado liga-se a dois importantes espaços da Casa Velha que merecem ser analisados: o quintal e o porão, que se configuram a partir da implantação do edifício no terreno. E, nesse caso, podemos dialogar com a análise tecida por Adriana Mara Vaz de Oliveira sobre as casas rurais de Pirenópolis, que se revelam muito similares ao caso da residência de Cora Coralina em Vila Boa:

²⁶¹ Ibid., p.67.

²⁶² BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina: raízes de Aninha**. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2009. p. 19.

²⁶³ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.9.

A morada ajeitava-se no terreno como se desejasse fazer parte daquela paisagem, sem agredi-la, apenas integrando-a. A moradia rural meia-pontense é posicionada de modo que sua frente, ou entrada principal, esteja assentada na parte mais alta do sítio, deixando que seus cômodos acompanhem a declividade do terreno, provocando desníveis e assobradando-se nos fundos onde se cria um porão habitável ou não, acessível por escadas feitas de pedra e barro ou madeira. Esse encarreiramento dos ambientes é semelhante ao que acontece com as casas urbanas. Na maioria das casas documentadas, existe um desnível de dois ou três degraus entre os setores social e íntimo, que se abrem para a varanda posterior. O nível dessa varanda é mantido na cozinha e nas dependências internas, ou pode estar um pouco acima dos ambientes mencionados. Desses ambientes para o exterior da morada, sempre existe diferença de nível, pois a casa, mesmo acompanhando a declividade do terreno, posiciona-se acima dele²⁶⁴.

A configuração do porão e o desnível entre os ambientes descrito por Oliveira também ocorre na casa de Cora, como podemos analisar a partir da leitura gráfica da implantação da residência e planta baixa do porão, a seguir.

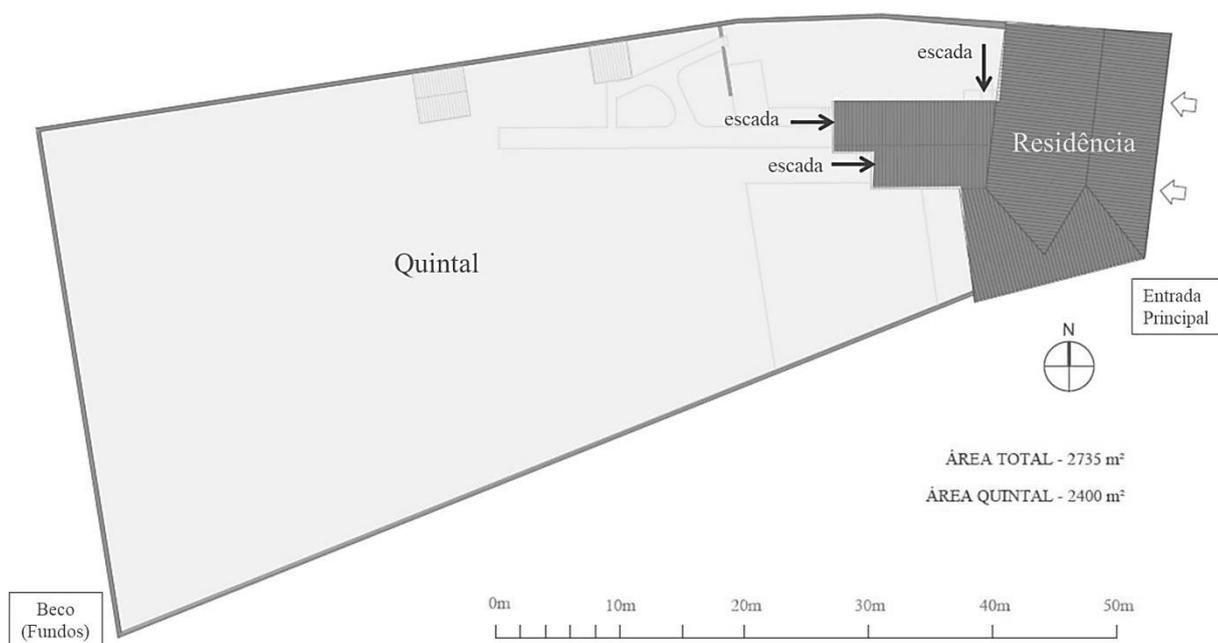


Figura 7: Implantação - Museu Casa de Cora. Disponível em: Levantamento Cadastral Arquitetura Museu Casa de Cora, ETEC I – IPHAN/GO. Zoneamento feito pela autora.

²⁶⁴ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira.** Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. p.49.

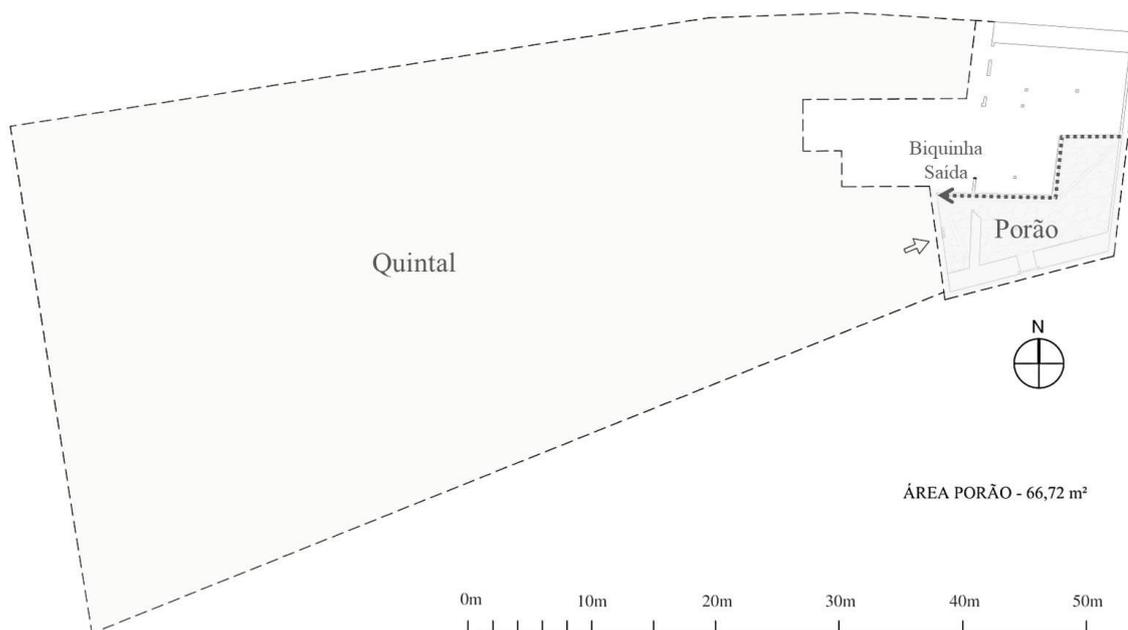


Figura 8: Planta baixa Porão - Museu Casa de Cora. Disponível em: Levantamento Cadastral Arquitetura Museu Casa de Cora, ETEC I – IPHAN/GO. Zoneamento feito pela autora.

Cora, nos trechos a seguir, descreve as características do quintal, que contavam com diferentes espécies de vegetação, local onde “as árvores florescem e dão fruto no tempo certo”²⁶⁵:

A busca aos gravetos do quintal, sempre generosos, para o primeiro fogo, o café da manhã. O pau de lenha. A xícara de sal, a compra resumida de um celamim de arroz...²⁶⁶.

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca, abandonado ao mato invasor, na falta do braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre as pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta²⁶⁷.

²⁶⁵ ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016. p.113.

²⁶⁶ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.10.

²⁶⁷ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.11.

Neste conto revela-se o espaço físico e o social vilaboense, como atestado por Eleno Marques de Araújo e José Humberto R. Anjos ao afirmarem:

Embora haja a presença de um aspecto físico forte, e notadamente explícito, a gama social também se mostra muito forte. Em *Cora Coralina* o espaço social surge a todo momento, pois seu texto emerge as relações que os indivíduos estabeleciam, os hábitos que mantinham, enfim a forma como se comportavam e habitam²⁶⁸.

A poetisa revela muito da História de Goiás, como podemos compreender a partir da afirmação anterior e da leitura de seus textos. Ao entendimento corrobora a colocação de Adriana Mara Vaz de Oliveira:

A história de Goiás era construída em tempo próprio, num ritmo lento, que a casa presenciava e da qual participava. A casa é documento por excelência, em que a sua materialidade traduz o momento em que ela é construída e expressa todos os componentes do processo de construção, sejam eles materiais ou humanos²⁶⁹.

As descrições minuciosamente colocadas por Cora, que imersa às lembranças da casa velha da ponte, transitam entre as histórias do Brasil Colonial, tempos em que as mãos escravas levantaram a “ossadura” da residência até os tempos de seu reencontro a perceber a chuva de goteiras como vemos no trecho:

MINHA CASA VELHA DA PONTE... assim a vejo e conto, sem datas e sem assentos. Assim a conheci e canto com minhas pobres letras. Desde sempre. Algum dia cerimonial foste casa nova, num tempo perdido do passado, quando mãos escravas te levantaram em pedra, madeirante e barro. Esquadrejaram tua ossadura bronca, traçaram teus barrotões na cava certa e profunda dos esteios altos, encaixaram teus alinhamentos, cumeeiras, pontaletes, freixais, arrojantes e empenas, duras aroeiras, lavradas a machado, com cheiro de florestas, arrastadas em carretões de bois. Vieram os barrotins das taipas e os caibros linheiros, tirados em santa lua. Os envarados de taquara, amarrados com tiras de couro cru em permanência secular. Enchimentos lacrados com viscoso barro goiano, argila de boa loiça que se lacrou para sempre, ao tempo e ao sol, indestrutível casa velha, assentada em pedras brutas e cernes de lei. O capim-musgo viça e cresce nos beirais encachoeirados; celebra em cada advento tua veneranda idade, teu corpo encurvado, marcado de escaras carecido de reparos que ninguém mais faz. Todo o calendário de chuvas repetem-se tuas goteiras lacrimosas e se abrem novas em complicada cadência de gotas indefinidas, e é apenas um

²⁶⁸ ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016. p.105.

²⁶⁹ OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. p.23.

rotineiro afastar de cadeiras e malas desusadas para a liberdade de variados pingos, com suas variações de locações diversas a cada chuva de vento forte e renitente. Faz medo subir no velho telha-vã, abrir caminho no encaibrado escuro, no ripado frágil, afastar as telhas coladas pelo tempo na desconfiança de que mais goteiras se abrirão. Com o sol tudo se recompõe. Os móveis voltam aos seus lugares, esquecidos a lástima e o choro manso das pingueiras²⁷⁰.

A relação que a poetisa estabelece com o local vem desde seu nascimento. Foi na Casa Velha da Ponte que nasceu, e que pouco tempo depois seu pai também morreu; onde viveu junto com as irmãs e a mãe até os dias de sua mocidade.

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundo ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram. Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha aroeira. Biquinha, és banho e refrigerio, copo de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida. CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma benção madrinha do passado²⁷¹.

Entre os elementos da saudosa volta ao passado está a biquinha d'água que permanece sempre menina nas palavras da poetisa, que marca a canalização de água, segundo Deusa Boaventura, como na casa rural meia-pontense:

A canalização da água acontecia por meio de canaletas de madeira, geralmente de aroeira, nas partes em que se exigia afastamento do solo, e de rasgos no terreno, em forma de pequenos valos, onde se podia percorrer acompanhando a declividade natural. Esse caminho que a água percorria, ou ainda o faz, era desenhado pelo homem, que, a partir do represamento de um curso d'água natural, orientava-a para a melhor utilização doméstica, tirando partido da gravidade²⁷².

²⁷⁰ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.7-8.

²⁷¹ Ibid., p.11.

²⁷² OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira**. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. p.45.

A água que corria pela calha de aroeira a matar “a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida”. Nesse trecho, o retorno e volta às origens refere-se ao reencontro de Cora com a cidade natal e com a casa da ponte, e mais que voltar aos espaços que percorreu durante a infância, ela relembra antigos hábitos, como o de matar a sede na biquinha.

A casa é espaço que abarcou os momentos da infância e também os momentos da anciã poetisa, de onde estabelece uma relação com o Rio, que mesmo nas cheias nunca pôde arrastá-la. Segundo Gustavo Neiva Coelho, devido à “estrutura autônoma de madeira e paredes elaboradas em adobe e pau-a-pique, toda ela sobre alicerces de pedra” cria “uma muralha de contenção para as águas do Rio Vermelho”²⁷³. Vemos essa relação também no trecho de “Maravilhas do conto Casa da Ponte” do livro *Villa Boa de Goyaz*:

Na Casa Velha os quartos têm nome: varandinha, quarto escuro, quarto do oratório, alcova da vó Fiinha, sobradão, sobradinho, quarto da Felizarda. O quarto donde escrevo chama-se sobradinho. A janela do sobradinho olha o rio e eu, da janela, olho o mundo. Vejo a ponte, em ângulo, o Hotel Municipal, o banco de pedra, um pedaço de cais e gente que passa. Vejo um poste alto e uma rede de fios saindo das piorras de louça branca. Desce do alto do poste em fio inclinado que atravessa o rio e vem se encravar na base do velho muro da Casa Velha²⁷⁴.

Cora, ao cantar a casa em sua poesia, transcende a materialidade do lugar que conduz com tanta maestria pela caracterização de muitos de seus elementos construtivos, e estabelece uma forte relação com o espaço, a partir de suas lembranças pessoais em conjunto com as lembranças arraigadas ao “tempo histórico de uma Goiás que foi povoada pelos exploradores do ouro, pelos Bandeirante e Paulistas”²⁷⁵.

²⁷³ COELHO, Gustavo Neiva. **Guia dos bens imóveis tombados em Goiás**. Goiânia: Trilhas Urbana, 2001. p.67.

²⁷⁴ CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. p. 31.

²⁷⁵ ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016. p.112.

3.2.2. Os becos de Goiás

A cidade de Goiás é representada por Cora Coralina tanto por seus espaços urbanos como por seus personagens. Os becos estão entre os espaços privilegiados na sua poética, lugar que guardam consigo histórias das “vidas obscuras”. Para Clovis Carvalho Britto, dentre as cenas repletas de conteúdo sociológico, as imagens do beco se sobressaem no imaginário da autora²⁷⁶, como vemos no trecho: “Becos da minha terra,/ discriminados e humildes,/lembrando passadas eras (...)”²⁷⁷.

Observamos que o beco foi o espaço eleito para seu canto, como verificado por Solange Fiuza Cardoso Yokozawa. Para a autora, Cora “mesmo quando recupera outros espaços, quando percorre outra geografia que não a vilaboense, pode-se dizer que a sua poesia é, metaforicamente, uma poética dos becos”²⁷⁸. É tanto que foram eleitos para compor o título de seu primeiro livro publicado *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Nessa obra a poetisa dedica três poemas a temática: “Becos de Goiás”, “Do Beco da Vila Rica” e o “Beco da Escola”, dos quais selecionamos alguns trechos para nossa discussão. O beco se mostra uma imagem recorrente em sua poesia, lugar com um ar sombrio e aspectos indicativos do inexorável passar dos tempos.

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos
sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce

²⁷⁶ BRITTO, Clovis Carvalho. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras**: Educação, história e sociedade em Cora Coralina. *Hispanista* (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011.

²⁷⁷ CORALINA, 1984, p.104.

²⁷⁸ YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memórias dos Becos**. *Revista Texto Poético*, Vol. 2, 1º sem – 2005. p.10.

no agasalho de tua sombra úmida e calada ²⁷⁹.

Os becos são descritos como sendo locais tristes e sujos, cujos elementos como o “lodo”, “monturo”, “velho cano” remetem a lugares esquecidos e depósitos de coisas velhas e descartadas. Para a historiografia da arquitetura e urbanismo, são “espaços abertos curtos e estreitos que apresentam como função principal interligar aquelas vias de maior porte e movimento”, como revela Gustavo Neiva Coelho:

Engastados entre os muros de pedras dos quintais, os becos aparecem por toda a cidade, apresentando, no geral, duas funções distintas: a primeira seria a já citada, de ligação entre as ruas, e a segunda seria representada pelos becos sem saída, que, geralmente, introduzem-se nas quadras com a finalidade básica de atender à parte posterior ou de serviço das residências²⁸⁰.

Vemos que a historiografia enfatiza a finalidade dos becos e sua configuração espacial, Cora, por outro lado, revela principalmente como eram apropriados e vistos pela população. Em seus poemas, conta sobre as histórias e personagens tão ligados a esses espaços citadinos, assim como os dramas e os contos de assombração, para Cora, os becos “Têm poesia e têm drama” ²⁸¹.

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco²⁸².

Os becos eram destino da vida humilde da cidade, como aferimos da estrofe acima, por onde não passavam os integrantes da sociedade reconhecida, eram “mal assombrados” e

²⁷⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 103.

²⁸⁰ COELHO, Gustavo Neiva. **O Espaço Urbano em Vila Boa**: entre o erudito e o vernacular. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2001. 240 p.: il. – (Série Ensaio; 3).

²⁸¹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 105.

²⁸² *Ibid.*, p. 104-105.

percorridos por “alma penada”. Dessa maneira, como coloca Britto, os mais abastados deveriam temer as “almas de outro mundo”, um fator a lhe afastar e lhe preservar dessas “regiões morais”²⁸³. Entre os personagens que circulam pelos becos estão o menino lenheiro – “franzino e sem infância” –, a mulher-dama – “humilhada e maltratada” - e ainda as “almas” dos soldados castigados. Descrições fortes daqueles que eram marginalizados a sociedade.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue²⁸⁴.

Vemos que os becos incorporam e personificam os personagens marginais, excluídos da sociedade. Segundo Solange Fiuza, “Coralina parece ter sido a escuta mais eficiente das memórias subterrâneas dos becos de Goiás” e diz que “Ao reverenciar as memórias ocultas, a poeta não reorganiza apenas a história oficial, mas também o heroísmo da poesia épica”. Entre as personagens, esquecidas ou eliminadas da memória coletiva, estão as mulheres retomadas pelas lembranças dos becos, como a mulher da vida que é castigada e incumbida de capinar o largo; e as antigas mestras, como vistas no poema “O Beco da Escola”:

Beco da escola...
Escola de velhos tempos.
Tempos de velhas mestras.
Mestra Lili. Mestra Silvina. Mestra Inhola.
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás²⁸⁵.

As lembranças da professora e da escola da infância trazem características do beco da escola, que reforçam a função de passagem e sua configuração estreita como também citado

²⁸³ BRITTO, Clovis Carvalho. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras**: Educação, história e sociedade em Cora Coralina. Hispanista (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011. p.12.

²⁸⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 105-106.

²⁸⁵ Ibid., p. 117.

por Gustavo Neiva Coelho. Nas palavras de Cora, “vasos comunicantes” da cidade com “uma braça de largura”. E revela sua localização:

O beco da escola é uma transição.
Um lapso urbanístico
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.
Tem janelas.
Uma casinha triste de degraus.
Velhos portões fechados, carcomidos.
Lixo pobre.
Aqui, ali, amparadas no muro,
umas aventureiras e interessantes flores de monturo²⁸⁶.

O espaço dedicado a facilitar o acesso às ruas e às avenidas, em Cora, ganha uma carga simbólica, quando revela aqueles que os percorriam e traz à sua poética as histórias dos excluídos, assim como as lembranças do “Passado”.

O bequinho da escola brinca de esconder.
Corre da Vila Rica – espia a Rua do Carmo.
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.
Tem a marca indisfarçada dos séculos
e a pátina escura do Tempo.
Beco recomendado a quem busca o Passado.
Recomendado – sobretudo -
aos poetas existencialistas,
pintores, a Frei Nazareno.
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.
Tem muros encarquilhados,
rebuçadinhos de telhas.
São de velhas donas credenciadas
de velhas descendências
- guerreiros do Paraguai.
Bem estreito e sujo
como compete a um beco genuíno.
Esquecido e abandonado,
no destino resumido dos becos,
no desamor da gente da cidade²⁸⁷.

As recordações do passado se entrelaçam em meio aos versos, aos vestígios do passar do tempo. O beco da escola “Tem a marca indisfarçada dos séculos/ e a pátina escura do Tempo”²⁸⁸, que reforça a ideia de lugares abandonados, que guarda para si essas memórias.

²⁸⁶ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.118.

²⁸⁷ Ibid., p.118-119.

²⁸⁸ Ibid., p.119.

Memórias que poderiam ser evocadas, matérias-primas para artistas e poetas. A forma que a poetisa usa para convocá-los confirma que, a seu ver, há muita riqueza poética a ser explorada nesses espaços relegados.

Poetas e pintores
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,
eu vos conclamo.
Vinde todos cantar, rimar em versos,
bizarros, coloridos,
os becos da minha terra.
Ao meio-dia desce sobre eles,
vertical,
um pincel de luz,
rabiscando de ouro seu lixo pobre,
criando rimas imprevistas nos seus monturos ²⁸⁹.

Além do beco da escola, ilumina-se também o da Vila Rica, que “tem sempre uma galinha morta”, “baliza da cidade” vem do tempo do ouro e dos escravos, que relembra a Cora os seus tempos de menina:

Vila Rica da minha infância,
do fundo dos quintais...
Sentinelas imutáveis dos becos, os portões.
Velhos. Velhíssimos. Carunchados.
Trancados à chave.
Escorados por dentro.
Chavões enormes (turistas morrem por elas).
Fechaduras de broca, pesadas, quadradas.
Lingueta desconforme, desusada.
Portões que se abriam,
antigamente,
em tardes de folga,
com licença dos mais velhos ²⁹⁰.

A poetisa lembra ainda, que por esse beco passava um cano até o rio Vermelho, e por isso a definição dos becos como “Válvulas coronárias” da cidade, nas suas palavras:

Além do mais, Vila Rica tem um cano horroroso.
Começa no começo.
Abre ali sua bocarra de lobo
e vai até o Rio Vermelho.
Coitado do Rio Vermelho!...
O cano é um prodígio de sabedoria,

²⁸⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, p.119.

²⁹⁰ *Ibid.*, p.110.

engenharia, urbanismo colonial,
do tempo do ouro.
Conservado e confirmado.
Utilíssimo ainda hoje.
Recebe e transfere.
Às vezes caem lajes da coberta.
A gente corre os olhos sem querer.
Meninos debruçam para ver melhor
o que há lá dentro.
É horroroso o cano no seu arrastar de espurcícias,
Vagaroso ²⁹¹.

Entre as características evocadas dos becos surgem também algumas das tradições do povo goiano. Para Cora:

Além de tudo,
Goiás tinha seus costumes familiares.
Normas sociais interessantes
conservadas através de gerações.
Hábitos familiares que se diluíram com o tempo,
ligados aos becos e aos portões ²⁹².

Aos portões ligavam-se tradições, como a das visitas e das mulheres, que entravam e saíam pelos portões, mas davam a volta e passavam por trás. Era um costume estabelecido: “Evitem as ruas do centro,/ serem vistas de todo mundo” ²⁹³. A poetisa ainda nos dá notícia dos costumes e cuidados com as mulheres daquele tempo, que se apropriavam de maneira discreta das ruas, pontes e largos da cidade. E incorporado a esse universo feminino estava o xale, passado pela cabeça.

Em colaboração com tais hábitos havia o xale.
Indumentária lusitana,
incorporada ao estatuto da família.
Xaile escuro, de preferência.
Liso, florado, barrado, de listras.
Quadrado. Franjas torcidas. Tecido fofo de lã.
De casimira, de sarja, baetilha, seda,
lã e seda, alpaca, baeta.
Dobrado em triângulo. Passado pela cabeça.
Bico puxado na testa.
Pontas certas, caídas na cacunda.
Pontas cruzadas na frente,
enrolando, dissimulando o busto, as formas,

²⁹¹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, p.111-112.

²⁹² *Ibid.*, p.113.

²⁹³ *Ibid.*, p.115.

a idade, a mulher²⁹⁴.

O xale mantinha o papel de preservar a mulher, “Justificando o antigo brocardo português:/ “Mulheres, querem-nas resguardadas e as sete chaves”²⁹⁵. Os costumes, as atitudes e detalhes femininos delineiam o retrato da sociedade de uma época – o modo como tratar a mulher e como se portar frente ao “todo mundo”, como resguardar a família, zelar por suas tradições e as raízes goianas, incrustadas, concentradas nessa terra de Vila Boa.

3.3. O mapa afetivo de Cora Coralina

Os versos de Cora convidam-nos a percorrer a cidade e refletir sobre os espaços que traduzem muito da vida cidadina e de seus habitantes. A partir da análise tecida até aqui propomos a construção de um mapa afetivo que permita representar os lugares que comportam maior carga sensível, ou seja, aqueles portadores de sentido simbólico e “testemunhas de estórias” cantadas por Cora em sua obra. Acreditamos que o mapa contribua para elucidar a relação de Coralina com esses espaços.

Nossa leitura se fez atenta aos lugares poetizados, em especial, becos, ruas e edifícios, que serão identificados no mapa afetivo da cidade. Além da identificação desses pontos atentamo-nos às emoções, aos personagens e histórias que mais têm força em sua obra. Denominamos este mapa como “afetivo”, por considerar sua construção não somente apontando lugares, mas os representando como pontos a captar experiências sociais. Trata-se, a nosso ver, de um exercício de análise da obra por meio de uma cartografia poética, ao tentarmos extrair elementos da poesia coralineana e articulá-los a uma possível síntese visual.

Percorrendo os versos de Cora Coralina

Entre as características e lugares mais exaltados, está rio Vermelho e suas pontes, o Velho Sobrado, a Escola da infância de Cora, e principalmente os becos e a Casa Velha da Ponte. A partir das referências afetivas reveladas por Cora, montamos uma tabela com os pontos selecionados, suas descrições e também seus principais personagens, de modo a dar maior visibilidade às informações reunidas. As lembranças do velho sobrado colonial se perderam junto ao edifício que se extinguiu com o passar do tempo e por isso, optamos por

²⁹⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, p.115.

²⁹⁵ *Ibid.*, p.116.

deixá-lo fora da seleção. Entre os becos poetizados selecionamos o beco da Vila Rica dada sua relevância na obra poética e por apresentar-se nas proximidades da casa da ponte.

Dessa forma, foram selecionados os seguintes pontos:

- 1. Casa Velha da Ponte**
- 2. Beco da Vila Rica**
- 3. Rio Vermelho**
- 4. Escola da Mestra Silvina**

Depois de selecionados os lugares, buscamos categorias que traduzissem de alguma forma as emoções, histórias e experiências “especializadas”. Foram eleitas seis categorias, pensando no que as poesias nos revelam:

- 1. Infância;**
- 2. Costumes familiares,**
- 3. Tradições e experiências cotidianas;**
- 4. Arquitetura e Elementos Urbanos;**
- 5. Histórias e Personagens;**
- 6. Elementos Naturais.**

Com base na seleção de lugares e suas referências, buscamos nas descrições da poetisa suas principais características e personagens. Vejamos a tabela à frente.

Espaços	Referências	Descrição	Personagens
Casa Velha da Ponte	Infância Costumes Familiares e Tradições Arquitetura Histórias e Personagens Experiências Cotidianas	<i>Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barro e enchimento em lances sobrepostos salientes.</i>	Thebas Ruiz Bisavó de Cora Mãe e suas irmãs e a própria Aninha
Beco da Vila Rica	Infância Costumes Familiares e Tradições Arquitetura e elementos urbanos Histórias e Personagens Experiências Cotidianas Elementos naturais	<i>Beco da Vila Rica... Baliza da cidade, do tempo do ouro. Da era dos “polistas”, de botas, trabuco, gibão de couro.</i>	Negros, prostitutas e visitas
Rio Vermelho	Infância Costumes Familiares, tradições e experiências cotidianas Elementos urbanos: pontes Histórias e Personagens Elementos naturais	<i>Rio de águas velhas. Roladas das enxurradas. Crescidas das grandes chuvas. Chovendo nas cabeceiras. Rio do princípio do mundo. Rio da contagem das eras.</i>	Lavadeiras lavando roupa Meninos lavando o corpo Potes se enchendo d'água
Escola da Mestra Silvina	Infância Costumes Familiares e Tradições Arquitetura Histórias e Personagens Experiências Cotidianas	<i>Porta do meio, sempre fechada. Corredor de lajes e um cheirinho de Samélia. À direita – salas de aulas. Janelas de rótulas.</i>	Mestra Silvina Colegas de classe

Tabela 1 – Principais espaços da cidade de Goiás selecionados a partir da leitura de Cora Coralina e suas referências afetivas e personagens. Elaborada pela autora.

Etapas da construção do Mapa

Munidos das referências de Cora Coralina seguimos para a construção do mapa:

1ª etapa – Identificamos os pontos afetivos – casa Velha da Ponte, Beco da Vila Rica, Rio Vermelho e a Escola da Mestra Silvina, para analisarmos sua relação com o todo (Imagem 8).

2ª etapa - Analisamos a proximidade dos pontos e percebemos que todos se encontram no centro histórico da cidade, assinalado no mapa pela diagonal que delimita a área tombada e selecionamos a parte do mapa da cidade que é de nosso interesse (Imagem 9).

3ª etapa - Enfatizamos somente os pontos de referência cujas tonalidades das hachuras indicam maior presença na obra de Coralina (Imagem 10).

1ª etapa

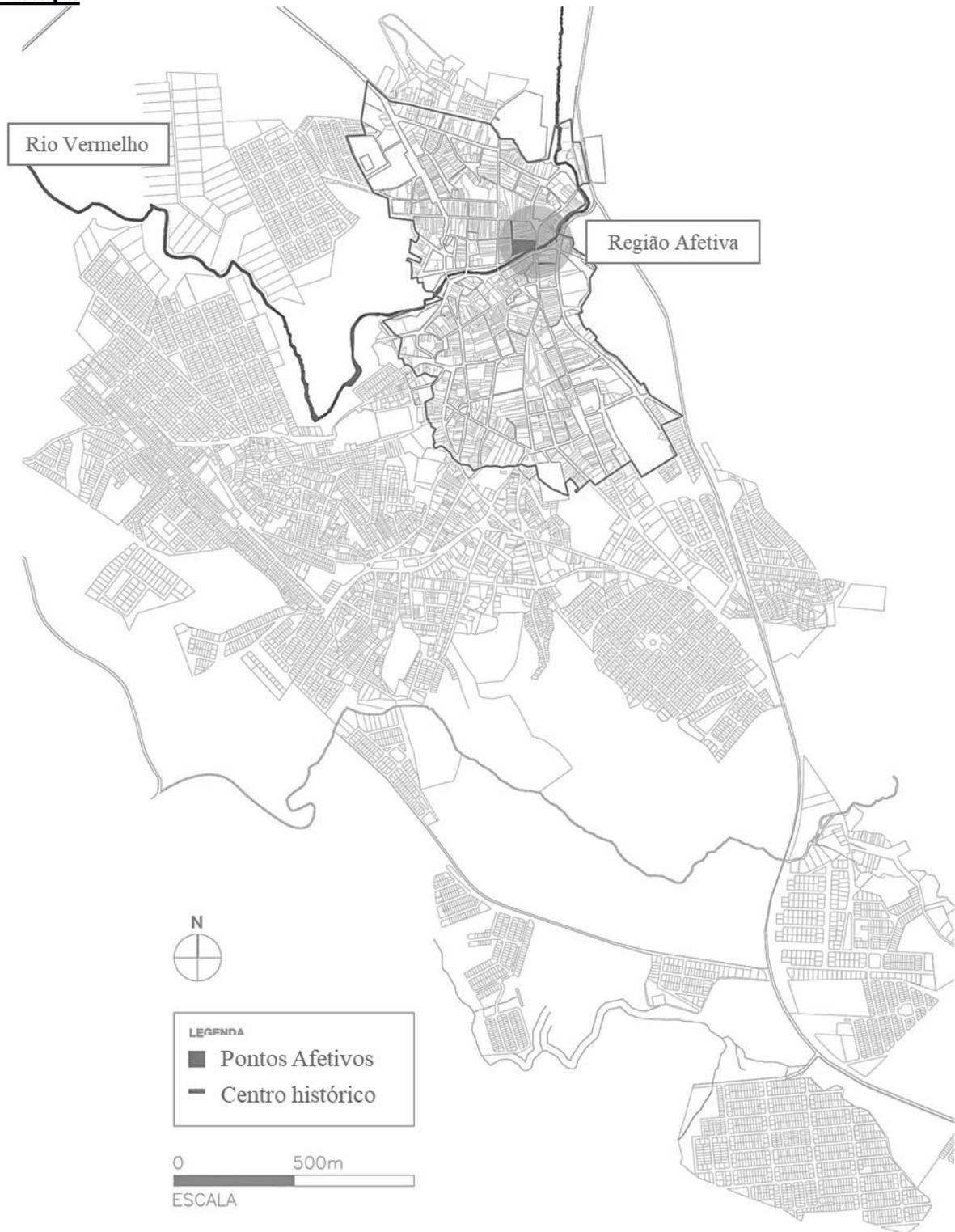


Figura 8: Mapa da Cidade de Goiás. Disponível em: IPHAN/GO. Apontamentos da autora.

2ª etapa

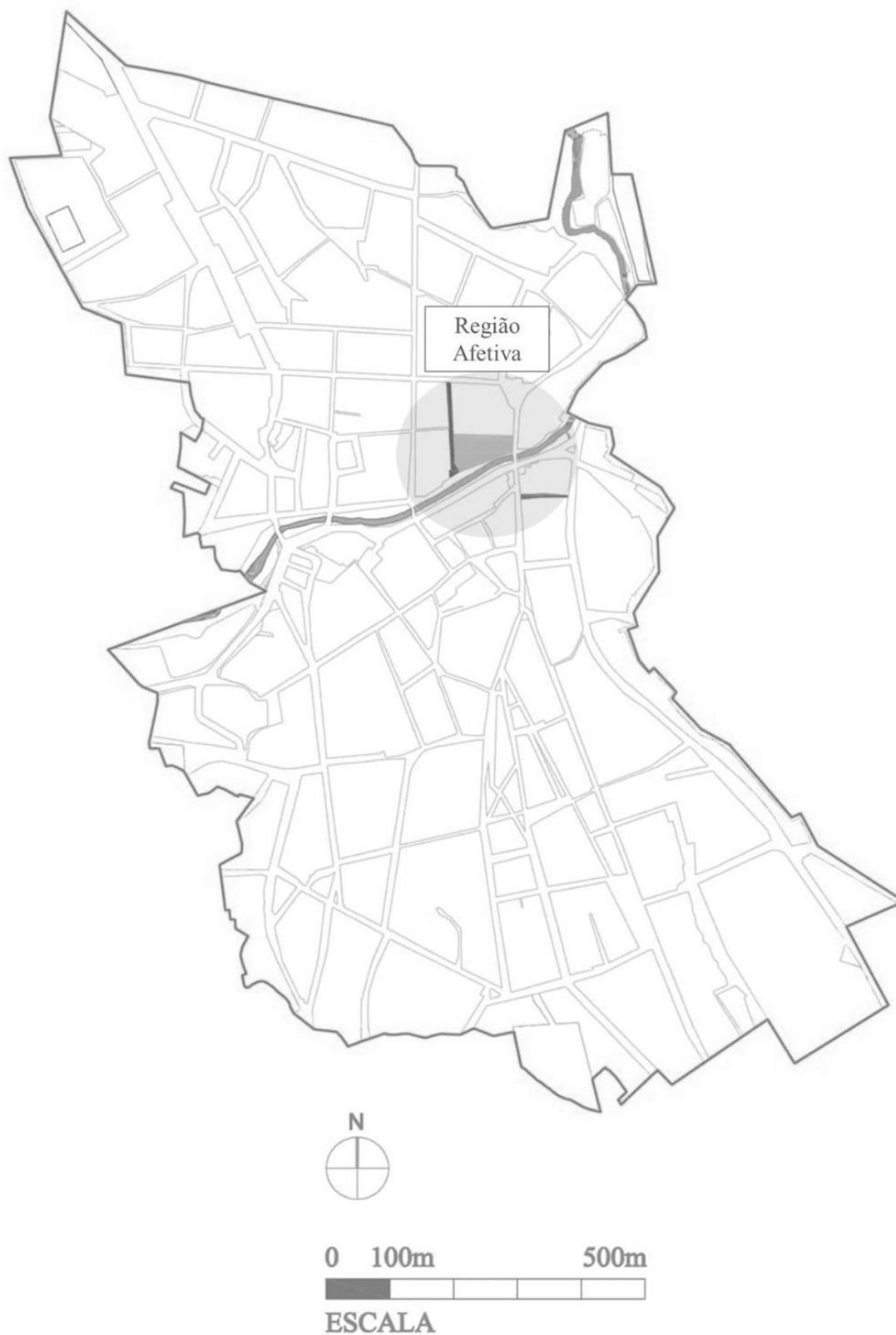


Figura 9: Centro histórico da Cidade de Goiás. Elaborado pela autora.

3ª etapa

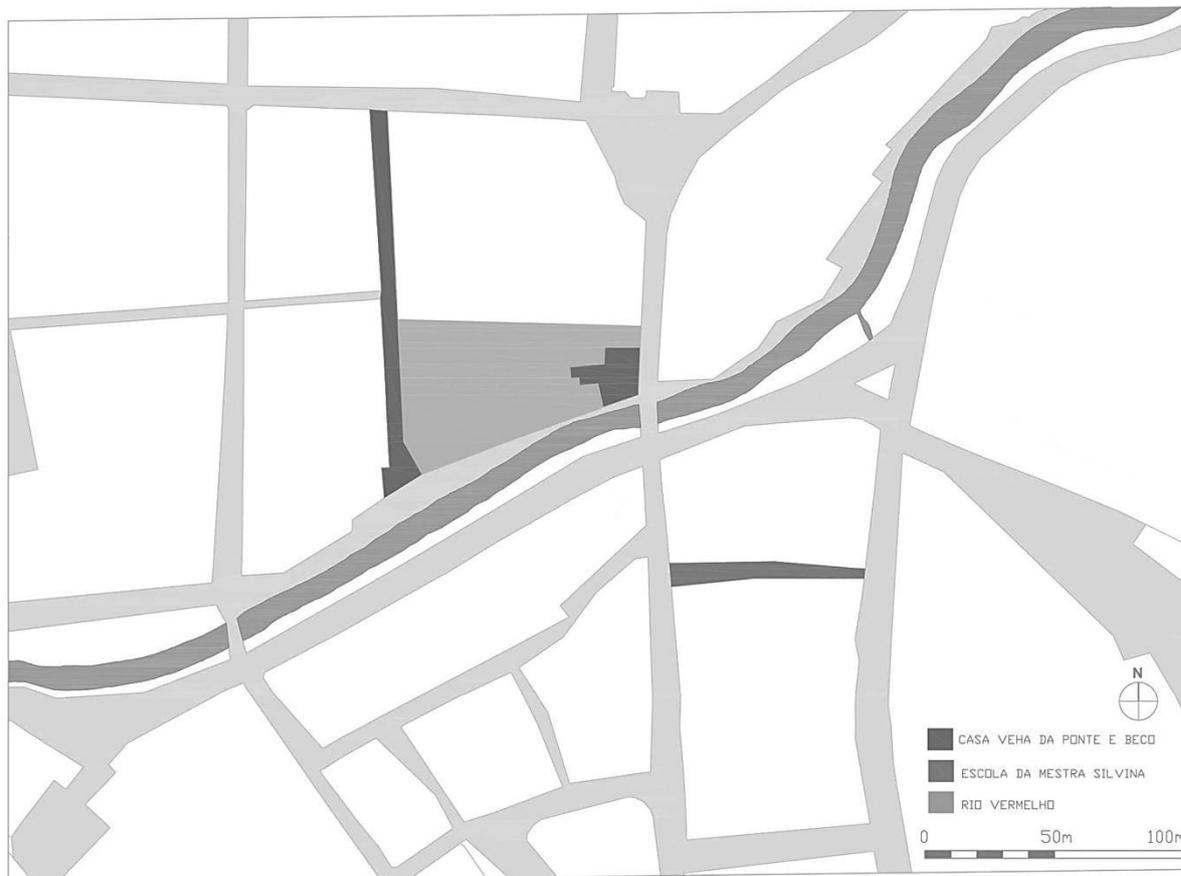


Figura 10: Região Afetiva. Elaborada pela autora.

O Mapa Afetivo de Cora Coralina

O mapa afetivo (Imagem 11) nos permite analisar que espacialmente a poesia de Cora, em seu primeiro livro, revela uma parte reduzida da cidade, ou seja, compreende um circuito restrito de experiências espaciais e principalmente ligadas aos tempos de sua infância. Vemos que os lugares que carregam maior densidade afetiva são aqueles mais singelos, os espaços da meninice, espaços como os becos. Os becos como locais relegados pela sociedade goiana, “onde a família de conceito não passava”. Os espaços monumentais que se destacam no conjunto arquitetônico são silenciados para dar voz aos espaços do cotidiano, muitas vezes esquecidos pelas análises tradicionais. As diversas representações da cidade que podem ser extraídas dessa poesia reafirma a mestria como que Cora Coralina nos revela a carga simbólica das ruas e becos de Goiás.

O Mapa Afetivo de Cora Coralina

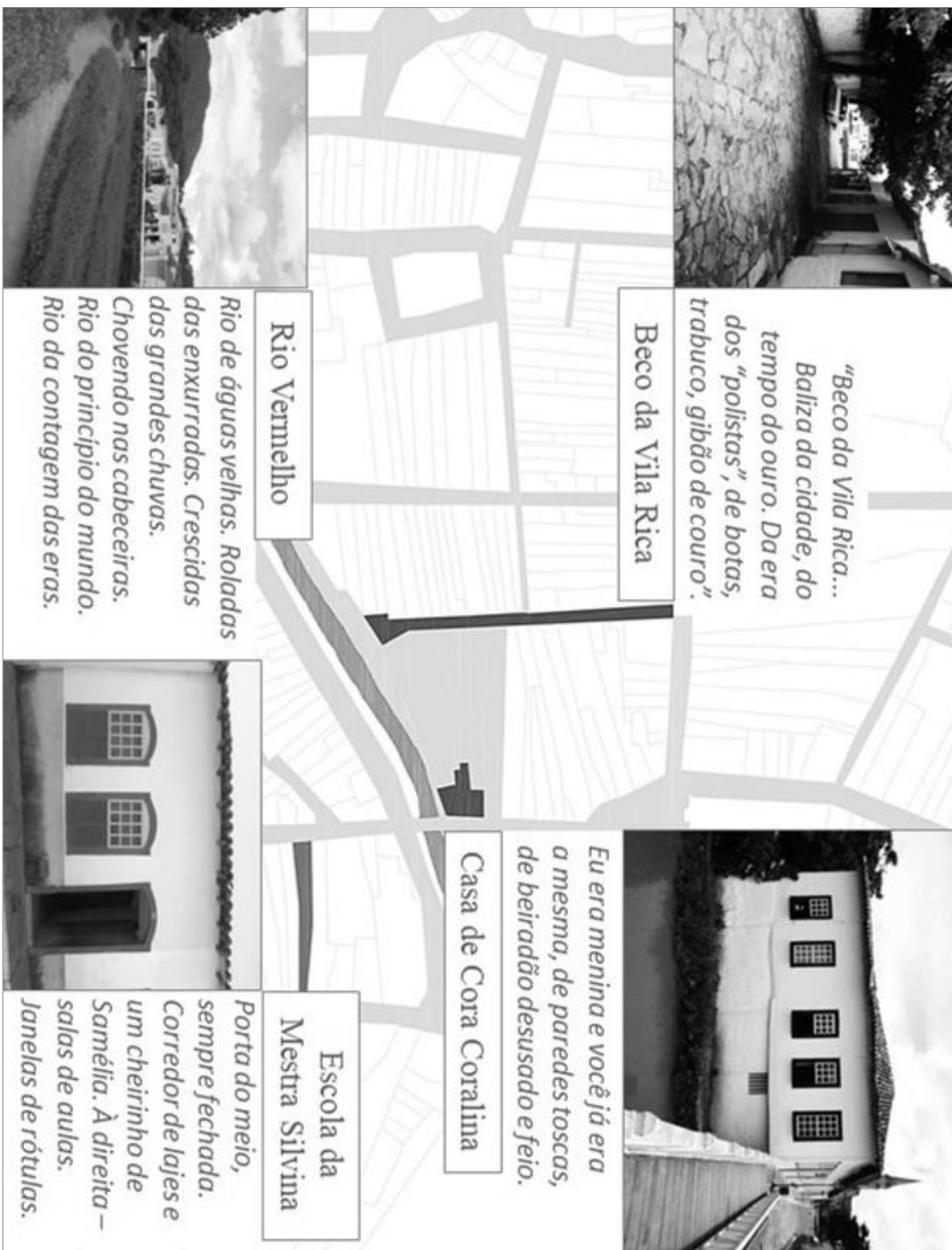


Figura 11: Mapa Afetivo de Cora Coralina. Elaborado pela autora.



Figura 12: Detalhe da Cidade De Goiás. Disponível em: < <http://cidadedegoias.tur.br/>>. Acesso em: mai. 2014.

Considerações Finais

A partir dos escritos de Cora Coralina esforçamo-nos em tecer uma análise atenta às características urbanas e à forma como a poetisa entrelaça temáticas partilhadas pelo imaginário social a suas vivências e lembranças. Buscamos ainda desenvolver um diálogo entre as representações da cidade em Cora Coralina e as representações da historiografia goiana. Nesse sentido, almejamos interpretar como na obra da autora a memória social entrelaça-se à individual; e como o discurso literário e o historiográfico se aproximam, para assim concluirmos como os versos de Coralina nos trazem uma dimensão pertinente para o estudo da cidade de Goiás. Para alcançarmos os objetivos do trabalho, contamos com o apoio de autores que discutem os conceitos de imaginário e representações sociais e de autores que estudaram sobre diferentes olhares a poética coralineana. Nosso estudo foi desenvolvido também com base numa seleção da historiografia regional e da arquitetura e urbanismo e com o apoio de autores que se enveredaram pelos caminhos da história tradicional goiana, com teses, dissertações e trabalhos que revisitam os clássicos da historiografia de Goiás. Percorremos, assim, três campos do conhecimento, o da História Cultural, da História de Goiás e o campo da Literatura.

Nessa empreitada privilegamos a análise do primeiro livro publicado da poetisa, *Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais* (1965), visto que nele são apresentadas a arquitetura e a configuração da cidade além das histórias de seus habitantes, costumes e tradições. Apesar de este ser o livro mais abordado, apresentamos trechos e seleções dos demais livros de Cora Coralina, inclusive os de prosa, quando se mostraram pertinentes à discussão, ora transcrevendo-os na íntegra quando julgamos ser necessário para que os leitores pudessem ter uma ideia do todo, verem como um poema abarca diferentes temas e assim nos acompanhar em sua interpretação, ora selecionando os trechos principais.

No capítulo inicial, *Cora Coralina e as Representações Sociais*, reunimos a discussão dos conceitos importantes para o trabalho, a apresentação da poetisa e sua trajetória junto à revisão bibliográfica, a qual chamamos de fortuna crítica. Nessa revisão foram apresentados os estudos que se empenham na análise da poetisa, para que pudéssemos compreender como tem sido abordada e discutir os principais temas explorados em sua obra. Entre os estudos analisados, destacamos os que tratam da representação da cidade, dada a aproximação à nossa pesquisa; os que abarcam a relação de Cora com a tradição literária modernista; a memória na construção de sua obra; sua vinculação ao patrimônio de Goiás e a força da mulher em seus versos. Vimos que há várias chaves interpretativas para discutir a obra coralineana e que seus

escritos foram objeto de investigação de inúmeros estudos, concentrados principalmente no campo dos estudos da Linguagem, Literatura e Teoria Literária.

No segundo capítulo, Cora Coralina e a História em Versos, revisitamos alguns dos principais estudos e autores da literatura histórica regional, para então destacar o modo como a poetisa incorpora tópicos da historiografia, dando-lhes contornos peculiares. A partir da análise de quatro poemas, sendo eles: *O Palácio dos Arcos*, *Estória do Aparelho Azul-Pombinho* e *Trem de Gado* do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais* de 1965, e *Anhangüera* publicado em *Meu Livro de Cordel* de 1976, procuramos mostrar como o discurso literário e o discurso historiográfico, por vezes, se referem a uma mesma série de eventos consagrados e significativos para a história do território e a formação do povo goiano. Mas, se a historiografia tradicional, por um lado, se desenvolve a partir de uma sucessão cronológica de fatos e relatos, em que o autor se coloca a certa distância, por outro lado, Cora Coralina tece uma narrativa que nos aproxima da história, entrelaçando a memória coletiva a suas próprias lembranças, articulando memória e história.

Por fim, no último capítulo, discutimos como a cidade é representada nos versos de Cora Coralina, destacando o modo como a memória e a voz feminina tem força em sua obra. Seguindo para análise dos becos e edifícios poetizados, entre eles, a escola da Mestra Silvina, o Velho Sobrado e a Casa Velha da Ponte, espaços que se destacam no imaginário da poetisa. Ao final do capítulo, apresentamos o Mapa Afetivo de Cora Coralina, objetivando representar os espaços que comportam maior carga sensível em sua poesia. Vemos que em Cora ganham destaque os edifícios da vida cotidiana, que aparam suas experiências e principais recordações, diferentemente da historiografia que privilegia os espaços monumentais ou que abrigam os edifícios sede do poder local, aqueles que contribuíram para definir a paisagem e estruturar traçados urbanos de Goiás.

Os poemas analisados mostram que Cora, em sua poesia, apropria-se de tópicos da narrativa historiográfica, mas de maneira a personificá-los, mostrando uma visão crítica em relação a eles, não somente os reproduzindo em seus versos. Mostra-se sensível à realidade do negro e do índio e dá notícias de costumes dos tempos auríferos. Quando poetiza os elementos naturais, como o Rio Vermelho e a Serra Dourada que envolve a cidade, mostra-se visceralmente ligada a eles. Cora vê-se nas igrejas, nos sobrados, telhados, paredes e becos. E quando retorna a Goiás, após os anos que se manteve distante, vê o passado que se mostra tão presente assim como a ação do tempo que corrói e deteriora os elementos urbanos e seus edifícios; nesse reencontro resgata os episódios da infância, a partir de Aninha, “a menina feia

da ponte da Lapa” e os personagens das antigas histórias de sua bisavó. Cora quando poetiza a cidade natal revela sua “vida”, seus “sentidos” e sua “estética”.

Cora Coralina nos apresenta outra dimensão de Goiás, que tem suas raízes em experiências vividas e imersas num imaginário social. A poetisa na construção de seus poemas entrelaça diferentes temporalidades, protagonizados por personagens vivos em sua memória e recria o longo tempo que se estendeu entre o ouro, as tropas e a estrada de ferro. Os espaços com maior carga afetiva em sua poética são os becos e a casa velha da ponte, entendidos aqui como repositórios da memória social e da individual.

Os desafios para este trabalho foram muitos. A decisão de trabalhar com a poetisa goiana foi somente o primeiro deles. Seus escritos abarcam um universo de histórias, costumes e tradições de sua terra, condensam imagens e proporcionam diferentes interpretações. As dificuldades se colocaram quando propusemo-nos a analisar e interpretar uma obra subjetiva, colocando-nos fora de nosso campo de atuação, o da arquitetura e urbanismo. Além da análise da obra poética, buscamos cotejar suas representações com as representações da historiografia de Goiás, o que se mostrou desafiador em vista da diferença das abordagens, a linguagem histórica se distancia da poética. Ainda assim, nesse diálogo pudemos ver aproximações pertinentes entre os discursos da poesia e da historiografia, a riqueza da literatura mostrou-se sensível ao imaginário urbano. Dentro da obra de Coralina podemos explorar diferentes temas: a arquitetura, as práticas e apropriações urbanas, a relação da mulher com a cidade, e mesmo eventos significativos e a formação da identidade do povo goiano. Não pretendemos claro, esgotar todos eles, e sim, conferir uma significativa contribuição aos estudos da cidade de Goiás e apresentar subsídio para pesquisas posteriores.

Nesta dissertação visamos explorar a relação entre memória, história e literatura, visto que a poetisa, ao resgatar parte de suas vivências individuais, ampara-se num contexto coletivo. Analisamos aqui a memória de Coralina, ferramenta hábil para elaboração de seus textos, não como um elemento isolado e regulado apenas por suas lembranças particulares, mas como um depósito de imagens de um passado inserido na coletividade. Sob essa perspectiva, tentamos evidenciar a importância dos relatos memorialísticos nos registros da História, que ao darem voz aos silenciados pelo tempo, oferecem novas versões de um mesmo fato e possibilitam a construção de outras leituras de marcos históricos, o que leva-nos a ver o potencial da abordagem das representações sociais. Tal abordagem nos proporcionou tecer aproximações e distanciamentos entre as duas formas de representação do passado e suas maneiras de se relacionarem com o real. Esperamos que, dessa maneira, pudéssemos alcançar os objetivos propostos inicialmente.

Entre as ruas e becos goianos, Cora Coralina revela uma cidade cuja dimensão social não pode ser alcançada por nenhuma outra fonte documental e, por meio das imagens que constrói, nos permite ir além dos limites da análise historiográfica ou análise morfológica. O compromisso de “contar, rever os autos do passado” reafirma a mestria de Cora Coralina em nos mostrar outra e tão encantadora dimensão de Goiás.

Cora Coralina, muito prazer, muito obrigada!

Lista de Figuras

Figuras 1: Cora Coralina Disponível em: <<http://www.elfikurten.com.br/2011/12/cora-coralina-venho-do-seculo-passado-e.html>>. Acesso em: 7 dez. 2017.

Figura 2: Edifício da cidade de Goiás. Acervo da Autora.

Figura 3: Rua da Cidade de Goiás. Disponível em: <<http://cidadedegoias.tur.br/>>. Acesso em: mai. 2014.

Figuras 4: Planta baixa - tipologia meia-morada. Disponível em: MARTINS, Fátima de Macedo. A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004. p.66.

Figuras 5: Zoneamento - tipologia meia-morada. Elaborado pela autora.

Figuras 6: Entrada de residência à Rua Moretti Foggia (Escola da Mestra Silvina) – Goiás. Acervo da autora.

Figura 7: Implantação - Museu Casa de Cora. Disponível em: Levantamento Cadastral Arquitetura Museu Casa de Cora, ETEC I – IPHAN/GO. Zoneamento feito pela autora.

Figura 8: Planta baixa Porão - Museu Casa de Cora. Disponível em: Levantamento Cadastral Arquitetura Museu Casa de Cora, ETEC I – IPHAN/GO. Zoneamento feito pela autora.

Figura 8: Mapa da Cidade de Goiás. Disponível em: IPHAN/GO. Apontamentos da autora.

Figura 9: Centro histórico da Cidade de Goiás. Elaborado pela autora.

Figura 10: Região Afetiva. Elaborada pela autora.

Figura 11: Mapa Afetivo de Cora Coralina. Elaborado pela autora.

Figura 12: Cachorro da Casa Padre Inácio, Cotia. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.93.

Figura 13: Corte e Perspectiva de uma janela de assento comum. As conversadeiras são de alvenaria com os assentos revestidos de madeira. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.144.

Figura 14: Gonzo e espigão e cachimbo. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.243.

Figura 15: Tesoura. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.450.

Figura 16: Elementos do telhado. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.412.

Tabelas

Tabela 1 – Principais espaços da cidade de Goiás selecionados a partir da leitura de Cora Coralina e suas referências afetivas e personagens. Elaborada pela autora.

Referências Bibliográficas

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de história colonial: 1500-1800**. Rio de Janeiro: M Orosco, 1907. 216 p.
- ALENCASTRE, José Martins Pereira de. Annaes da Província de Goyaz. **Revista Trimensal do Instituto Histórico, Geographico e Ethnographico do Brasil**, Rio de Janeiro, tomo XXVII p. 229-349, 1864. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php>. Acesso em: 17 jan. 2017.
- ANDRADE, Ludmila Santos. **Poesia e Crônica em Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Goiânia, 2016.
- ANJOS, José Humberto Rodrigues dos. **“Na minha vida, a vida mera das obscuras”**: as representações do eu e de outros espaços em poemas dos becos de Goiás e estórias mais, de cora coralina. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Catalão, 2013.
- ARAÚJO, Eleno Marques de; ANJOS, José Humberto R. dos. Topofilia da casa velha da ponte: o tesouro de Cora Coralina sob a luz de Bachelard.. ÍCONE: **REVISTA DE LETRAS** (UEG. SÃO LUÍS DE MONTES BELOS), v. 16, p. 104-114, 2016.
- ARAÚJO, Márcia Melo; MORAES, André Cezar. **Cora Coralina: memória e representação do eu na construção da consciência social**. Letrônica, v. 3, n. 1, p. 345 – 354, julho, 2010.
- ARTIAGA, Zoroastro. **Geografia Econômica, Histórica e Descritiva do Estado de Goiás**: t. 1. Uberaba: [s.n], 1951.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 242 p. (Tópicos). ISBN 9788533624191.
- BANDEIRA, Manuel. **Guia de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Letras & Artes, 1963. 4. ed.
- BERTRAN, Paulo (Org.). **Notícia geral da capitania de Goiás em 1783**. Goiânia: Univ. Católica de Goiás, 1997.
- _____. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978. 145 p.
- BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. **Urbanização em Goiás no Século XVIII**. Tese (Doutorado em História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo) - Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2007.
- BORGES, Ana Maria; PALACIN, Luiz. **Patrimônio histórico de Goiás**. 2. ed. rev. Brasília: Sphan, 1987. 119 p.
- BORGES, Valdeci Rezende. **História e Literatura: algumas considerações**. Revista de Teoria da História, ano 1, n. 3, junho/2010. Universidade Federal de Goiás.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 42. ed. São Paulo, SP: Cultrix, 2004. 528 p. ISBN 8531601894.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil (Org.). **Cultura popular, patrimônio imaterial e cidades**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007. 288 p. ISBN 9788574012353.

BRASIL, Americano do. **Súmula da História de Goyaz**. Goiás: Imprensa Oficial, 1932, Goiânia: Unigraf, 1982.

BRASIL, Antônio Americano do; BORGES, Humberto Crispin. **Pela história de Goiás**. Goiânia: Ed. Univ. Fed. Goiás, 1980. 215 p. (Coleção documentos goianos; 0006). ISBN 8585003014.

BRITTO, Clovis Carvalho. **“Sou Paranaíba para cá”**: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006.

_____. **A economia simbólica dos Acervos Literários**: Itinerários de Cora Coralina, Hilda Hilst e Ana Cristina César. (Tese Doutorado em Sociologia). Universidade de Brasília, UnB, jun. 2011.

_____. **A estética dos becos em Cora Coralina ou “Um modo diferente de contar velhas histórias”**. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, 2013, n°. Julho-Dezembro, p. 113-127.

_____. **Das cantigas do beco**: cidade e sociedade na poesia de Cora Coralina. Sociedade e Cultura, Vol. 10, No. 1, jan./jun. 2007, 115-129.

_____. **Escola de velhos tempos, tempo de velhas mestras**: Educação, história e sociedade em Cora Coralina. Hispanista (Edição Espanhola), v. 12, p. 354, 2011.

_____. **Lembranças de mulher**: Literatura, História e Sociedade em Cora Coralina. OPSIS, [S.l.], v. 7, n. 9, p. 297-314, mar. 2010.

_____. **“Dar que falar às bocas de Goiás”**: Estratégias e repercussões do Projeto criador de Cora Coralina no campo literário brasileiro. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.14, n.27, p.339-357, 2009.

BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia. **A ironia como projeto**: movimentos da narrativa de Cora Coralina no campo literário brasileiro. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, n°. 34. Brasília, julho-dezembro de 2009, pp. 95-116.

BRITTO, Clovis Carvalho; CURADO, Maria Eugênia; VELLASCO, Marlene (Coord.). **Moinho do tempo**: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Kelps, 2009. 215 p.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: raízes de Aninha. 2. ed. Aparecida, SP: Idéias & Letras, c2009. 454 p. ISBN 9788576980445.

CÂMARA, Jaime. **Os tempos da Mudança**. 2. Ed. Goiânia: Livraria Ed. Cultura Goiana, 1973. 265p.

CAMARGO, Flávio Pereira. **Cora Coralina e a tradição poética moderna e modernista**. In: IX Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2005, Porto Alegre. Anais do IX Congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2005.

CAMARGO, Flávio Pereira; CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. **A Estética da recepção em Cora Coralina**. In: CONGRESSO DE PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO DA UFG - CONPEEX, 2., 2005, Goiânia. Anais eletrônicos do II Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação [CD-ROM], Goiânia: UFG, 2005.

CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. **A escrita poética do espaço em Cora Coralina**. Poesia Sempre, v. 31, p. 85-97, 2009.

_____. **Becos e versos de Goiás**. Goyaz Poesia, Cidade de Goiás, v. 1, p. 09-10, 2006.

_____. **Poesia e memória em Cora Coralina.** Signótica, Goiânia, v. 14, p. 75-85, 2003.

CAMARGO, Goiandira Ortiz de; SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. **Recordar e Esquecer:** a Elaboração Freudiana na Poesia de Cora Coralina. Gláuks v. 12, n. 2, p. 56-64, 2012.

CHAUL, Nars Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). **Goiás:** identidade, paisagem e tradição. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 2001. 167 p. ISBN 8571031436.

CHAUL, Nasr N. Fayad. **Caminhos de Goiás:** da construção da decadência aos limites da modernidade. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1997. 247 p. ISBN 8572740694.

COELHO, Gustavo Neiva. **Arquitetura da mineração em Goiás.** Goiânia, 2007.

COELHO, Gustavo Neiva. **Goiás:** Uma reflexão sobre a formação do espaço urbano. Goiânia: Ed Univ Cat Goias, 1996.

_____. **Guia dos bens imóveis tombados em Goiás.** Goiânia: Trilhas Urbana, 2001. v1.

_____. **O Espaço Urbano em Vila Boa:** entre o erudito e o vernacular. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2001. 240 p.: il. – (Série Ensaio; 3).

CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da arquitetura brasileira.** 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. 472 p.

CURADO, Maria Eugênia. **Modernidade e Literatura:** a presença do (ex)cêntrico na narrativa de Cora Coralina. Via Litterae, Anápolis, v. 4, n. 2, p. 441-451, jul./dez. 2012.

DANTAS, George Alexandre Ferreira. **A formação das representações sobre a cidade colonial no Brasil.** 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura e do Urbanismo) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2009.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. 351 p.: ISBN 85-326-1148-6.

DELGADO, Andréa Ferreira. **Memória, trabalho e identidade:** as doceiras da cidade de Goiás. Cadernos Pagu (UNICAMP), Campinas, v. 13, p. 293-325, 2000.

_____. **A invenção de Cora Coralina na batalha das memórias.** 2003. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003.

_____. **Cora Coralina:** a construção da Mulher-Monumento. Caderno Espaço Feminino, v.19, n.01, Jan./Jul. 2008.

_____. **Goiás:** a invenção da cidade “Patrimônio da Humanidade”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 113-143, jan/jun 2005.

_____. **Museu e memória biográfica:** um estudo da Casa de Cora Coralina. Sociedade e Cultura, vol. 8, núm. 2, julho-dezembro, 2005, pp. 103-117. Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

DENÓFRIO, Darcy França; CAMARGO, Goiandira Ortiz de. **Cora Coralina:** celebração da volta. Goiânia: Cãnone Editorial, 2006.

DERNTL, Maria Fernanda. No coração da América portuguesa: aldeamentos indígenas e formação de territórios na capitania de Goiás. In: PEIXOTO, Elane Ribeiro; DERNTL, Maria Fernanda; PALAZZO, Pedro Paulo; TREVISAN, Ricardo (Orgs.) **Tempos e escalas da cidade e do urbanismo: Anais do XIII Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Brasília, DF: Universidade Brasília-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2014. Disponível em: <<http://www.shcu2014.com.br/content/no-coracao-da-america-portuguesa-aldeamentos-indigenas-e-formacao-territorios-na-capitania>>. Acesso em: 30 out.2017.

DIAS, Paula Pinho. **Representações textuais-discursivas na construção do mito de Cora Coralina**. 248 f. Tese (doutorado) – Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. **Sociedade, cognição e discurso: desvendando Cora Coralina**. 2008. 301 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

DOSSIÊ DE GOIÁS: proposição de inscrição da Cidade de Goiás na lista do Patrimônio da Humanidade. Goiânia: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira – FUMPEL, CDROM, 1999.

DURAND, Gilbert. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1999. 122p. (Coleção enfoques). ISBN 85-7432-003-X.

ESMERALDO, Moema de Souza. **A representação do espaço e a cidade na poesia de Cora Coralina e José Décio Filho**. 2014. 111 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2014.

_____. **José Décio Filho e Cora Coralina: poéticas da cidade**. RevLet – Revista Virtual de Letras, v. 06, nº 02, ago./dez, 2014.

FERREIRA, Jailma da Costa; QUEIROZ, Rosângela Maria Soares de. **O fazer poético: desejo e recriação na poesia de Adélia Prado e Cora Coralina**. CONAGES – XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína, (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006. xxv, 277 p. ISBN 8522502005.

Festival de Poesia em Goyaz: Cidade de Goiás – GO. – Brasília, DF: IPHAN/ Programa Monumenta, 2007. 80p.

FREIRE, Cristina. **Além dos mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 1997.

GARCIA, Ledonias Franco. **Goyaz uma província do sertão**. Goiânia, GO, Brasil: Canone Editorial, 2010.

GOMES, Renato Cordeiro. **A cidade, a literatura e os estudos Culturais: do tema ao problema**. Ipotesi: revista de estudos literários, Juiz de Fora, v. 3, n. 2 - p. 19 a 30.

GOMIDE, Cristina Helou. **Antiga Vila Boa de Goiás – experiências e memórias na/da cidade patrimônio**. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

GRANTS, Andréa Figueiredo Leão. **(Des)arquivar biografemas: A biblioteca de Cora Coralina.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2016.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006. 197 p. ISBN 9788588208742.

JÚNIOR, Wilson Vieira e BARBO, Leonora de Castro. **Casa de Câmara e Cadeia da Capitania de Goyaz: Espaço e Representação.** IV Simpósio LusoBrasileiro de Cartografia Histórica. Porto, 2011.

LAURENTIZ, Luiz Carlos de. **Salvador como fato de cultura: Representações da cidade da Bahia nas imagens e linguagens de Lina Bo Bardi e Caetano Veloso.** In: Anais... 50 anos de Lina Bo Bardi na encruzilhada na Bahia e no Nordeste, Salvador, 2008. v. 1. p. 1-12.

_____. **Caetano Veloso e a cidade da Bahia/Salvador: O que pode esta língua...** IV Seminário Internacional, AEAULP – A Língua que Habitamos. Belo Horizonte – Inhotim, 2017.

LAURENTIZ, Luiz Carlos de. **Percepção, Apreensão e Representação das obras De Lina Bo Bardi e de Caetano Veloso na Cidade Da Bahia/Salvador.** 2º Colóquio de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo e Design | Brasil-Portugal: UFU e UL, v. 1, p. 144-154, 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 7. ed., rev. Campinas: UNICAMP, 2013. 499 p. ISBN 9788526810082.

LEMES, Fernando Lobo. **Espera, morte e incerteza: a instalação dos Julgados nas minas de Goiás – leituras sobre a criação de Vila Boa -** doi: 10.5216/hr.v17i2.23576. História Revista, [S.l.], v. 17, n. 2, dez. 2012. ISSN 1984-4530.

LEMKE, Maria. **Trabalho, família e mobilidade social – notas do que os viajantes não viram em Goiás. c. 1770 – c. 1847.** Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2012. Disponível em: <https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/MARIA_LEMKE.pdf>. Acesso em 4 nov.2017.

LIMA, André Nicacio. **Caminhos da integração, fronteiras da política: a formação das províncias de Goiás e Mato Grosso.** 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.8.2011.tde-20062011-143559. Acesso em: 2016-10-25.

LIMA, Elder Rocha. **Guia Afetivo da Cidade de Goiás.** Brasília, DF: IPHAN/14ª Superintendência Regional, 2008. 144 p.

_____. **Itinerário de Cora Coralina.** Brasília, 2008. 120 p.

LIMA, Rogério; FERNANDES, Ronaldo Costa; LIMA, Rogerio E Fernandes, Ronaldo Costa (Orgs). **O imaginário da cidade.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2000. 194 p. ISBN 85-230-0550-1.

LIMA, Sueli Gomes de. **Práticas de subjetivação e construções identitárias em Cora Coralina.** (Dissertação Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2008.

LUZ, Salustiano Ferreira da. **A poesia de Cora Coralina: enfoques psicopedagógicos e leitura.** Dissertação (Mestrado em Psicopedagogia). Faculdade de Ciências Sociais e Humanísticas, Universidade de Havana, Cuba, 1999.

- LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1997. viii, 207 p.
- MACHADO, Liliane. **Vertigem de Curiosidade** – Análise das relações de gênero estabelecidas entre goianas e viajantes europeus. *Revista Caderno Espaço Feminino*, v.23, n. 1/2 (2010).
- MAIA, Tom; ÉLIS, Bernardo; MAIA, Thereza Regina de Camargo. **Vila boa de Goiás**. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional, 1979. 1 v.
- MARTINS, Fátima de Macedo. **A arquitetura vernacular de Goiás: análise de um patrimônio cultural**. 2004. 188 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2004.
- _____. **Saint-Hilaire em Goiás: Viagem, Ciências e Missão Civilizatória**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade de Brasília, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2017. 230p.
- MARTINS, Giovana Maria Carvalho; CAINELLI, Marlene Rosa. **O uso de literatura como fonte histórica e a relação entre Literatura e história**. VII Congresso Internacional de História. XXXV Encuentro de Geohistoria Regianol. XX Semana de História. 6 a 9/outubro de 2015. Universidade Estadual de Londrina.
- MATOS, Raimundo José da Cunha. **Corografia Histórica da Província de Goiás**. [Goiânia]: Líder, 1979. 185 p.
- MATTOS, Joaquim Francisco de. **Os caminhos de Goiás**. São Paulo, SP: Comercial Safady, 1980. 190 p.
- MATTOS, Shirley Eliany Rocha. **Goiás na primeira pessoa do plural**. 2013. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2013.
- MEDEIROS, Enderson. **A história de Goiás segundo Zoroastro Artiaga**. 2016. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- MELO, Maria Ivone Souza. **Rastros do vintém perdido: uma história de leitura na poesia de Cora Coralina**. (Dissertação Mestrado Estudos de Linguagens), Salvador: UNEB, jul. 2011. Disponível no link.
- MELO, Thaise Monteiro da Silva. **A representação da cidade na poesia de Bandeira, Drummond e Cora Coralina**. 2014. Dissertação – (Mestrado) – Departamento de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.
- Memórias Goianas**: vários n. 1, 2, 3. Goiânia: UCG, 1986.
- Memórias goianienses**: vários, Goiânia: Ed. UFG.
- MORAES, Cristina de Cássia Pereira; RABELO, Danilo. Inventário de fontes para História Regional em Goiás. **História Revista**, Ed UFG, v. 1, n.2, p. 19-35, 1996.
- MORAIS, Mara Rúbia de Souza Rodrigues. **Aninha e outras vozes: a heterogeneidade discursiva em Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha de Cora Coralina**. (Dissertação Mestrado em Linguística). Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, UFU, 2006.
- _____. **A trama discursiva de si, entre o estético e o ordinário: identidade e diferença nos fios da memória**. 212 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista de Ciências e Letras de Araraquara, Araraquara, 2010.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais:** investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. 404 p. (Coleção psicologia social). ISBN 8532628966.

MOTTA, Tatiana Carvalho. **Entre o atlântico e o sertão:** mulheres e vida urbana na capitania de Goiás. 2006. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História, Área de concentração: História Social, 2006.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de. **A casa como universo de fronteira.** Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 2004. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280683>>. Acesso em: 4 set. 2017.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro e MELLO, Márcia Metran de. **Cidade e memória:** recortes possíveis. SHCU 1990 – Seminário de História da cidade e do Urbanismo.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro. **Uma Rua da Cidade.** MONTEIRO, R. H. e ROCHA, C. (Orgs.). Anais do V Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual. Goiânia: 2012.

OLIVEIRA, Márcia Batista de. **Cora Coralina:** cartografias da memória. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2006.

PALACÍN, Luis. **Sociedade colonial:** 1549 a 1599. Goiânia: Ed. da UFG, 1981. 336 p. ISBN 8585003022.

_____. **Fundação de Goiânia e desenvolvimento de Goiás.** Goiânia: Oriente, 1976. 108 p.

_____. **O século do ouro em Goiás, 1722-1822:** estrutura e conjuntura numa capitania de Minas. Goiânia: Ed Ucg, 2001. 162 p. ISBN 8571030359.

PALACÍN, Luis.; MORAES, Maria Augusta de Sant'Anna. **História de Goiás:** (1722-1972). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1975. 125 p.

PALACIN, Luiz; GARCIA, Ledonias Franco; AMADO, Janaína. **História de Goiás em documentos:** I. Colônia. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1995. 222p. (Coleção documentos goianos; 29). ISBN 85 72740406.

Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: Iphan, 2008.

PEREIRA, Iêda Maria Vilas Bôas. **Cora Coralina:** a mulher-poeta e suas múltiplas vozes. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009.

PEREIRA, Perciliana Chaves. **O universo simbólico coralineano:** as hierofanias da natureza. (Dissertação Mestrado em Ciências da Religião). Departamento de Filosofia e Teologia, Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias.** Rev. Bras. Hist., São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, junho de 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882007000100002&script=sci_arttext&tlng=ES>. Acesso em: 28 de nov. 2017.

_____. **História & história cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. 130 p. (História & reflexões; 5). ISBN 9788575260784.

_____. **História & literatura:** uma velha-nova história, Nuevo Mundo Mundos Nuevos [Online], 28 Janeiro 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em: 28 de nov. 2017.

_____. **Muito além do espaço:** por uma história cultural do urbano. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 279-290, dez. 1995. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2008/1147>>. Acesso em: 28 Nov. 2017.

PESSÔA, José; PICCINATO, Giorgio. (org.) **Atlas de Centros Históricos do Brasil**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2007.

PINHEIRO, Suely Reis. **A palavra ecoa pelos becos da vida:** Cora Coralina, imagens, cheiros e cores na resistência social à exclusão. In: Izabel Brandão; Zahidé L. Muzart. (Org.). Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura. 1ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003, v. 1, p. 225-242.

_____. **Cora Coralina:** a casa como guardiã dos espaços da alma. In: Maria Conceição Monteiro; Tereza Marques de Oliveira Lima. (Org.). Figurações do feminino nas manifestações literárias. Rio de Janeiro: Editora Caetés, 2005, v. 1, p. 253-267.

POHL, Johann Baptist Emmanuel. **Viagem no interior do Brasil**. São Paulo: EdUSP, 1976. 417 p. (Coleção reconquista do Brasil ; v. 14).

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. **Anhanguera:** mito fundador de Goiás. Temporis(ação) (UEG), v. 1, p. 198-212, 2008.

RABELO, Flávia de Brito. **(Re) Inventando o turismo na Cidade de Goiás sob o olhar de Cora Coralina**. (Dissertação Mestrado em Gestão do Patrimônio Cultural). Instituto Goiano de Pré-História e Antropologia, Universidade Católica de Goiás, PUC Goiás, 2006.

RAMÓN, Saturnino Pesquero. **Cora Coralina:** o mito de Aninha. Goiânia: Ed. UFG, 2003.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: (1500-1720)**. Edição ilustrada. São Paulo, SP: Pioneira, 1968. 235 p. (Biblioteca Pioneira de Arte, Arquitetura e Urbanismo.).

_____. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. 211 p.

REIS, Claudia Barbosa. **A literatura no museu**. 213 f. Tese (doutorado) – Departamento de letras do centro de teologia e ciências humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

_____. **Cora Coralina e sua casa silenciosa**. Revista UFG, Ano XIII nº 11, Dezembro 2011.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas:** Crônicas. São Paulo: Martin Claret, 2007. 234 p.

SÁ, Celso Pereira de (Org.). **Memória, imaginários e representações sociais**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2005. 246 p. (Coleção Memória Social). ISBN 8585732121.

SACRAMENTO, Adriana. **A culinária de Sentidos: Corpo e Memória na Literatura Contemporânea**. Tese (Doutorado) – Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Brasília, 2009.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 158 p. (Coleção reconquista do Brasil; 8).

SALLES, Gilka Vasconcelos F. de. A pesquisa Histórica em Goiás. **Revista de História**, São Paulo, v. 43, n. 88, p. 453-491, 1971. ISSN 2316-9141.

_____. **Economia e escravidão na capitania de Goiás**. Goiânia: UFG, Centro Editorial e Gráfico, 1992. 371 p. ISBN 8572740031.

SANDES, Noé Freire (Org.). **Memória e região**. Brasília: Ministério da Integração Nacional, 2002. 211 p. (Coleção Centro-Oeste de estudos e pesquisas; 11). ISBN 978576130184

SANT'ANNA, Thiago Fernando. **Gênero, história e educação: a experiência de escolarização de meninas e meninos na província de Goiás (1827 – 1889)**. 2010. 237 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, 2010.

_____. **Mulheres goianas em ação: práticas abolicionistas, práticas políticas (1870-1888)**. 2005. 193 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Departamento de História, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Uma cartografia simbólica das representações sociais: prolegômenos a uma concepção pós-moderna**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Nº 24. Março 1988.

SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: Líder, 1935. 1 v.

SILVA, Geralda Rosa de. **Cora Coralina e a tradição Literária em Goiás**. *Linguagem – Estudos e Pesquisas*. Vol. 12, p. 69-86, 2008.

SILVA, Miliana Mariano da. **Memória, história e literatura em autores de formação modernista**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Departamento de Letras, 2012.

SILVA, Olívia Aparecida. **Labirintos da memória na poética de Cora Coralina**. In: IV ENPROL e o III COLLEC, 2006, Brasília. IV ENPROL e o III COLEC. Brasília: Universidade de Brasília. v. 1.

_____. **Nos becos de Goiás: poesia, dramas e boninas perfumadas**. *Revista Ártemis*, v. 4, p. 9/2-24, 2006.

SOUSA, Ana Cristina de Deus e. **Entre monumentos e documentos: Cidade de Goiás, Cora Coralina e o dossiê de tombamento**. Dissertação (mestrado) – Universidade Católica de Goiás, Departamento de História, Geografia, Sociologia e Relações Internacionais, 2009.

SOUZA, Luiz Antonio da Silva e. Memória sobre o descobrimento, governo, população, e cousas mais notáveis da Capitania de Goyaz. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro**, tomo XII, nº 16 – 4º trimestre de 1849, p. 429-510. Rio de Janeiro: Typographia de João Ignacio da Silva. Disponível em: <<https://ihgb.org.br/publicacoes/revista-ihgb/item/107706-revista-ihgb-tomo-xii.html>>. Acesso em: 17 de out. 2017.

- TAHAN. Vicência Brêtas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. 3.ed. São Paulo: Global, 1985.
- TELES, Gilberto Mendonça. **A poesia em Goiás: (estudo/ontologia)**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1964. 534 p.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Centro de Cultura Goiana; TELES, José Mendonça. **Memórias goianas I**. Goiânia: Centauro, 1982. 190 p.
- UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS. Centro de Cultura Goiana; TELES, José Mendonça. **Memórias goianas II: (Memória Poética)**. Goiânia: UCG, 1984. 349 p.
- VAZ, Maria Diva Araujo Coelho; ZÁRATE, Maria Heloísa Veloso e. **A casa goiana: documentação arquitetônica**. Goiânia: Ed Univ. Cat. Goiás, 2003.
- VELLASCO, Marlene Gomes de. **A poética da reminiscência: estudos sobre Cora Coralina**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia. 1990.
- _____. **Cora Coralina: Reconstrução poética da memória**. In: Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2007, Ilhéus. Trabalhos Completos do Seminário Internacional Mulher e Literatura – CD-ROOM (No Prelo). Ilhéus: Editora da UESC, 2007. v. 1. p. 1-9.
- _____. **O Eu multiplicado em Cora Coralina**. *Temporis(ação)* (UEG), v. 1, p. 35-48, 1998.
- VIDAL, Laurent. **Sob a máscara do colonial**. Nascimento e "decadência" de uma vila no Brasil moderno: Vila Boa de Goiás no século XVIII. *História, Franca*, v. 28, n. 1, p. 243-288, 2009.
- VIEIRA JÚNIOR, Wilson Carlos Jardim. **Cartografia da Capitania de Goyaz no século XVIII: intenção e representação**. 2015. 192 f. Tese (Doutorado) - Universidade de Brasília, Programa de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 2015.
- VIEIRA, Denise Moreira Guedes. **Vintém de cobre – meias confissões de Aninha: a poética da experiência em Cora Coralina**. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2014.
- YOKOZAWA, Solange Fiuza Cardoso. **Confissões de Aninha e memórias dos Becos**. *Revista Texto Poético*, Vol. 2, 1º sem – 2005.
- _____. **A reinvenção poética da memória em Cora Coralina**. In: VIII Congresso Internacional da Abralic, 2002, Belo Horizonte. *Anais do VIII Congresso Internacional da Abralic: Mediações*, 2002.
- _____. **Estórias da velha rapsoda da Casa da Ponte**. *Ciênc. let.*, Porto Alegre, n.39, p.195-212, jan./jun. 2006.
- YURGEL, Caio. **Walter Benjamin: Literatura e Cidade**. *Fólio – Revista de Letras*, Vitória da Conquista, v. 4, n. 2. P. 11-28. Jul./dez.2012.

OBRAS DA AUTORA

CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. 95 p. ISBN 8526000799.

_____. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. 110 p. (Obras de Cora Coralina). ISBN 8526001531.

_____. **O Tesouro da Casa Velha**. 1ª edição digital. São Paulo: Glogal, 2012. 98 p. ISBN 8526002384.

_____. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. 246 p.

_____. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. 109 p. ISBN 8526007505.

_____. **Vintém de cobre: Meias confissões de aninha**. 2. ed. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1984. 212p.

SITES

<<http://www.secult.go.gov.br/post/ver/140321/cidade-de>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<<http://www.cidadedegoias.com.br/patrimonio.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<http://eravirtual.org/?page_id=4957>. Acesso em: 4 jul. 2016.

<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/362/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

<<http://www.museucoracoralina.com.br/site/>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

<<http://portal.iphan.gov.br/go>>. Acesso em: 1 ago. 2017.

Anexos

GLOSSÁRIO DE ARQUITETURA ²⁹⁶

Alcova – Local reservado para o leito. Vulgarmente, entende-se, no Brasil, por alcova todo dormitório situado no interior das residências, sem janelas para o exterior.

Almofadado – Elemento que sobressai em relevo, em obras de cantaria ou de madeira guarnecido de almofadas.

Arrochar – Nas estruturas metálicas, fazer desaparecer as folgas das articulações.

Barrote – Peça de madeira de secção retangular que serve para confeccionar o madeiramento dos sobrados e das tesouras dos telhados. É maior que o caibro e menor que a vigota.

Batente – Antigamente, e parece ser essa a verdadeira acepção do termo, batente designava cada uma das folhas móveis de qualquer envasadura que se abrisse em duas partes. Hoje em dia, o termo é mais empregado para caracterizar os rebaixos feitos nas ombreiras, onde “batem” as folhas das portas ou janelas. E chega-se até a dar aquele nome aos próprios marcos ou ombreiras, conforme a linguagem popular e certos dicionários contemporâneos. Paralelamente, também dá-se o nome de batente à régua presa a uma meia porta e que “espera” a outra meia porta, impedindo que uma saia fora da linha da outra. O mesmo que aldrava.

Beco – Rua estreita e curta, geralmente sem saída, fechada numa das extremidades.

Beiral – Parte do telhado formada por uma ou mais fiadas de telhas, que faz saliência sobre o prumo da parede externa de uma construção. Os beirais podem ser mantidos por mãos francesas, solução mais ou menos rara em nossos antigos edifícios; ou podem permanecer em balanço. Neste último caso, o mais comum, dois sistemas de sustentação apresentam-se: ou a parte do madeirame do telhado propriamente dito se prolonga para fora das paredes, por exemplo, nos beirais de cachorrada; ou a parede, nas proximidades dos frechais, se alarga em cimalha de alvenaria em balanço. Neste caso, o beiral é um espessamento da parte superior do muro, não passando, na realidade, de uma mão francesa de alvenaria maciça e contínua.

Bica – Local por onde escorre água. Nome popular de torneira, principalmente no interior.

Cachorro – peça de pedra ou madeira, em balanço, que serve de elemento da sustentação, suportando beirais de telhados ou pisos de sacadas ou balcões.



Figura 12: Cachorro da Casa Padre Inácio, Cotia. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.93.

²⁹⁶ Definições de termos de arquitetura presentes na obra de Cora Coralina retiradas do Dicionário de Arquitetura Brasileira. CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Dicionário da arquitetura brasileira**. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. 472 p.

Caibro – Peça de madeira, geralmente de secção próxima ao quadrado, que junto com outras sustenta as ripas dos telhados ou as tábuas dos soalhos. Nos telhados, apoia-se nas cumeeiras, nas terças e nos frechais. Nos soalhos, apoia-se nos barrotes.

Calha – Sulco, canal ou rego que favorece o escoamento de líquidos.

Calissa – Nome que genericamente se dá aos restos das demolições. Fragmentos de argamassa seca. Pó ou pequenas partículas de cal que despegam das paredes ou tetos.

Canapé – Assento com braços e recosto para duas ou mais pessoas. Sofá.

Cerne – A parte interna dos troncos das árvores, da qual se tira a madeira realmente utilizável tanto na marcenaria como na carpintaria.

Conversadeira – Nas chamadas “janelas de assentos” dá-se o nome de conversadeira a cada uma das saliências situadas logo abaixo do peitoril, nos flancos dos rasgos da parede. As conversadeiras podem ser de madeira e construídas no local ou podem ser da própria alvenaria da parede.

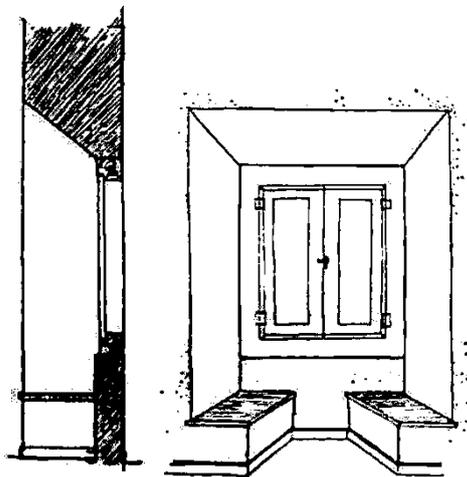


Figura 13: Corte e Perspectiva de uma janela de assento comum. As conversadeiras são de alvenaria com os assentos revestidos de madeira.

Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.144.

Cumeeira – Parte mais alta do telhado onde se encontram as superfícies inclinadas que constituem as águas e também a grande peça de madeira, situada na extremidade superior dos telhados, que une os vértices das tesouras e onde se apoiam os caibros do madeirame da cobertura. Cimo, cume, topo, espigão, crista. Nos telhados de projeção retangular, a peça é horizontal e inclinada, nos casos de telhados irregulares.

Empena – Nome de cada uma das paredes laterais de edifício de telhado de duas águas, em cujos vértices superiores apoiam-se o pau de fileira ou cumeeira. Modernamente, no linguajar comum, há quem chame de empena qualquer parede lateral, principalmente aquela construída sobre as divisas do terreno, mesmo que não tenha como função o apoio do pau da cumeeira. Flanco cego de um edifício. Nome que se dá aos elementos inclinados das tesouras, que vão da cumeeira aos frechais. Nome de cada uma das faces dos Frontões.

Esteios – Peça de madeira, ferro, pedra, etc. usada para segurar ou amparar alguma coisa. Em geral o termo é mais empregado para designar estaca com que sustenta ou escora um teto ou uma parede. Diz-se “os esteios dos cunhais”, isto é, as estacas situadas nos cantos externos das construções, sobre as quais se cruzam os frechais. No linguajar técnico diz-se que esteio é qualquer barra ou haste destinada a receber esforços de compressão da direção de seu comprimento. Dessa maneira, opõe-se ao tirante ou tensor. O mesmo que escora ou pé direito.

Frechal – Nome que se costuma dar à viga de madeira que, apoiada ao longo de uma parede, recebe e distribui uniformemente as pressões exercidas por elementos equidistantes, como por exemplo, caibros dos telhados, barrotes de sobrados, prumos, pés direitos ou esteios de frontais, etc. Diferenciam-se dos baldrames devido ao modo de apoio. Enquanto aquelas peças são ancoradas somente nas extremidades ou num ou outro burro, o frechal apoia-se em toda a sua extensão na alvenaria, não trabalhando à flexão.

Gonzo – Genericamente dá-se o nome de gonzo a todo dispositivo rudimentar que permita a rotação de uma folha de porta, ou janela, em torno de um eixo. Em resumo, o gonzo é composto de um pino, de um espigão chamado macho, que penetra e gira dentro uma cavidade cilíndrica chamada cachimbo ou fêmea. Em alguns casos, o pino, ou macho, é solidário à folha móvel e penetra, para girar, no olhal do cachimbo situado no marco. O cachimbo é fixo e o pino é móvel. É o que acontece com as chamadas ferragens de leme. Primitivamente entre nós, antes do emprego das dobradiças comuns, dado o alto preço das ferragens, as portas e janelas possuíam gonzos de madeira, cujos pinos ou machos constituíam um prolongamento natural de uma das faces laterais das folhas e penetravam em cavidades abertas nas soleiras e nas padieiras. Em outras ocasiões, o pino é que é cravado no marco e, neste caso, a folha da porta é que possui o olhal, que será giratório.

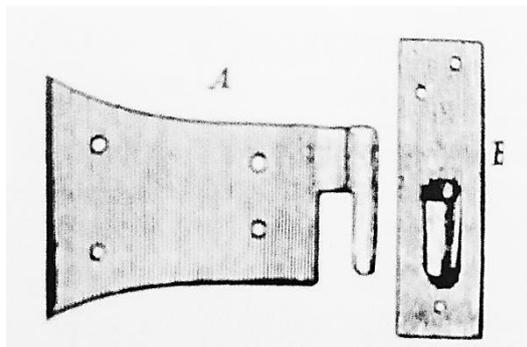


Figura 14: Gonzo e espigão e cachimbo. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.243.

Mão francesa – Escora. Elemento estrutural inclinado, geralmente apoiado numa parede, que serve para diminuir algum vão de viga, etc. Numa série de tesouras, nome das escoras que obliquamente ligam as extremidades inferiores dos pendurais com a cumeeira, determinando contraventamento no sentido transversal do sistema estrutural do telhado.

Pingadeira – Sulco longitudinal feito na parte das molduras, cimalthas, cornijas e demais corpos em balanço nas fachadas, com o fito desviar as águas pluviais, assim impedidas de escorrer ao longo das

paredes. Nome da moldura, também escavada embaixo, colocada nas partes inferiores das portas e janelas, impossibilitando que a água da chuva escorra pelas soleiras e peitoris, molhando o interior dos cômodos.

Pontaletes – Em construção, nome de qualquer peça de madeira, colocada a prumo ou inclinada, que trabalha a compressão. Escora. Apoio. Nas tesouras de grande vão, nome da peça vertical situada na extremidade próxima ao frechal e engasgada entre tensor e a empena que evita passível flexão desta.

Porão – Nome do espaço, ou vão livre, situado entre o primeiro pavimento, ou primeiro Sobrado, e o solo. A função do porão é isolar a estrutura do soalho da umidade do chão permitindo a circulação de ar por baixo das tábuas. Quando altos, são chamados “habitáveis”, servindo de depósitos, adegas e até para instalações sanitárias.

Portal – Aro de madeira das portas. Às vezes, o termo é empregado como sinônimo de ombreira. Porta grande e principal do edifício. O mesmo que fachada. A entrada de um prédio, átrio. Portão em muro ou cerca das propriedades rurais.

Querubim – Anjos. Estes seres celestiais comparecem em profusão nas decorações religiosas como importantes elementos de composição.

Quintal – Terreno cultivado ou não anexo a uma residência urbana ou rural, servindo de pátio, terreiro, jardim, horta ou pomar. Como nossas casas urbanas não possuíam recuos de frente, postavam-se justamente sobre os alinhamentos, os quintais, terrenos livres, situavam-se sempre nos fundos.

Ripa – Fasquia de madeira. Sarrafo. Qualquer peça de madeira fina, estreita e comprida. Muito usada em gradeamento para estuques, taipas de mão e para apoiar telhas dos telhados.

Rótula – Grelha. Caixilhos, de porta ou janela, cujo vão é preenchido por uma grade composta de pequenas tiras de madeira que se cruzam diagonalmente. As rótulas permitiam que se olhasse para fora sem ser visto, além de patrocinar aos interiores agradável sombra e ventilação permanente. Pequena abertura nas portas que permitia que fossem abertas por fora.

Sacada – Nome de qualquer elemento de composição arquitetônica que faça saliência sobre o paramento da parede. Seria o mesmo que balanço. O termo antigamente foi muito empregado com esse sentido de saliência. No entanto, a expressão perpetuou-se designando a bacia ou base em balanço de balcões. Daí, sacada ser, em alguns lugares no Brasil, sinônimo de balcão, de janela rasgada até o chão, com peitoril saliente.

Soalho – Antigamente, Solho, Soalho e Sobrado eram palavras sinônimas, designando o piso de tábuas de madeira afastado do chão, que permitia ou não, a utilização do espaço inferior. Hoje em dia, restou entre nós para designar o piso de madeira, de tábuas corridas, a palavra soalho, a qual não traz mais consigo a ideia de afastamento do solo. Existem vários tipos de soalhos, empregando algumas modalidades de emendas entre tábuas.

Sobradão – Aumentativo de sobrado ou, ainda, edifício de vários pavimentos.

Sobradinho - Terraço, plataforma ou alpendre de onde o senhor de engenho observa a moagem da cana.

Sobrado - Nome de qualquer piso de madeira em que as tábuas fiquem, com a respectiva estrutura de sustentação, afastada do solo cobrindo espaço utilizável ou não. Um assoalho em baixo do qual haja um porão, habitável ou não, é um sobrado.

Taipa – nome genérico que se costuma dar a todo sistema construtivo em que se emprega, na confecção das paredes e muros de fecho, a terra umedecida ou molhada. Não se trata de alvenaria de terra ou barro, como no caso do adobe. Trata-se de qualquer sistema em que panos contínuos são executados diretamente no local, em que a terra não sofreu nenhum beneficiamento anterior. Existem dois tipos de taipa: a Taipa de Pilão, e a Taipa de Mão, de Sebe, ou, ainda, de Sopapo.

Telha – Nome de cada uma das peças usadas para cobrir construções, protegendo-as, principalmente, das chuvas.

Terça – Viga de madeira que sustenta os caibros dos telhados.

Tesoura – Nos telhados que vencem vãos grandes, sem o auxílio de paredes internas, nome de o sistema estrutural triangular indeformável que sustenta a cobertura propriamente dita. As duas peças principais da tesoura são as empenas, inclinadas segundo a declividade, ou ponto do telhado. As extremidades inferiores das empenas são unidas pela horizontal chamada tirante ou tensor. Chama-se pendural a peça vertical em cuja extremidade superior engastam-se as extremidades superiores das empenas e apoia-se a viga da cumeeira. O pendural desce até o tensor, ao que é ligado, sem contato direto, pelo estribo. As escoras são peças inclinadas que dividem o vão livre de cada uma das empenas, estando apoiadas inferiormente no pendural. Essas peças principais de uma tesoura comum, havendo outras segundo o vão a ser vencido.

Tramela – o mesmo que “Taramela”, pedaço de madeira atravessado por um prego que lhe serve de eixo de rotação, que serve para fechar portas e janelas.

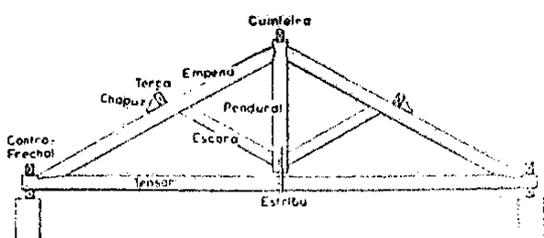


Figura 15: Tesoura. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.450.

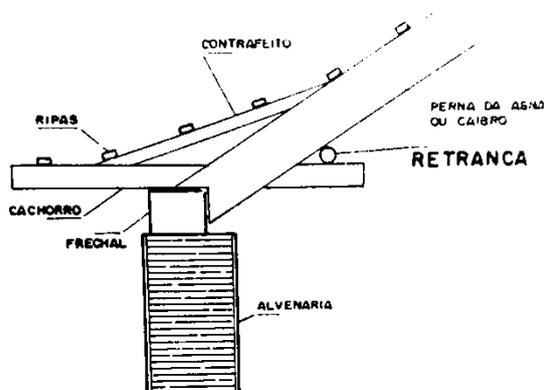


Figura 16: Elementos do telhado. Disponível em: CORONA, Eduardo; LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. Dicionário da arquitetura brasileira. 1. ed. São Paulo, SP: Edart, 1972. p.412.

CORA CORALINA, DE GOIÁS²⁹⁷

Cora Coralina, de Goiás. Este nome não inventei, existe mesmo, é de uma mulher que vive em Goiás: Cora Coralina. Cora Coralina, tão gostoso pronunciar esse nome, que começa aberto em rosa e depois desliza pelas entranhas do mar, surdinando música de sereias antigas e de Dona Janaina moderna. Cora Coralina, para mim a pessoa mais importante de Goiás. Mais que o Governador, as excelências parlamentares, os homens ricos e influentes do Estado. Entretanto, uma velhinha sem posses, rica apenas de sua poesia, de sua invenção, e identificada com a vida como é, por exemplo, uma estrada. Na estrada que é Cora Coralina passam o Brasil velho e o atual, passam as crianças e os miseráveis de hoje. O verso é simples, mas abrange a realidade vária. Escutemos: “Vive dentro de mim/uma cabocla velha/de mau olhar,/acocorada ao pé do borralho, olhando pra o fogo”. “Vive dentro de mim/a lavadeira do Rio Vermelho. Seu cheiro gostoso d’água e sabão”. “Vive dentro de mim/a mulher cozinheira. Pimenta e cebola. Quitute bem-feito”. “Vive dentro de mim/a mulher proletária./Bem linguaruda,/ desabusada, sem preconceitos”. “Vive dentro de mim/a mulher da vida./Minha irmãzinha.../tão desprezada,/tão murmurada...” Todas as vidas. E Cora Coralina as celebra todas com o mesmo sentimento de quem abençoa a vida. Ela se coloca junto aos humildes, defende-os com espontânea opção, exalta-os, venera-os. Sua consciência humanitária não é menor do que sua consciência da natureza. Tanto escreve o Ode às Muletas como a Oração do Milho. No primeiro texto, foi a experiência pessoal que a levou a meditar na beleza intrínseca desse objeto (“Leves e verticais. Jamais sofisticadas./Seguras nos seus calços/de borracha escura. Nenhum enfeite ou sortilégio”). No segundo poema, o dom de aproximar e transfigurar as coisas atribui ao milho estas palavras: “Sou o canto festivo dos galos na glória do dia que amanhece./Sou o cocho abastecido donde ruma o gado./Sou a pobreza vegetal agradecida a Vós, Senhor”. Assim é Cora Coralina: um ser geral, “coração inumerável”, oferecido a estes seres que são outros tantos motivos de sua poesia: o menor abandonado, o pequeno delinqüente, o presidiário, a mulher-da-vida. Voltando-se para o cenário goiano, tem poemas sobre a enxada, o pouso de boiadas, o trem de gado, os becos e sobrados, o prato azul-pombinho, último restante de majestoso aparelho de 92 peças, orgulho extinto da família. Este prato faz jus a referência especial, tamanha a sua ligação com os usos brasileiros tradicionais, como o rito da devolução: “Às vezes, ia de empréstimo/ à casa da boa Tia Nhorita./E era certo no centro da mesa/de aniversário, com sua montanha/de empadas bem tostadas/No dia seguinte, voltava,/conduzido por um portador/que era sempre o Abdenago, preto de valor,/de alta e mútua confiança./Voltava com muito-obrigados/e, melhor cheinho/de doces e salgados./Tornava a relíquia para o relicário...” Relicário é também o sortido depósito de memórias de Cora Coralina. Remontando à infância não a ornamenta com flores falsas: “Éramos quatro as filhas de minha mãe./Entre elas ocupei sempre o pior lugar”. Lembra-se de ter sido “triste, nervosa e feia./Amarela, de rosto empalamado./De pernas moles, caindo à toa”. Perdera o pai muito novinha. Seus brinquedos eram coquilhos de palmeira, caquinhos de louça, bonecas de pano. Não era compreendida. Tinha medo de falar. Lembra com amargura essas carências, esquecendo-se de que a tristeza infantil não lhe impediu, antes lhe terá reparado a percepção solidária das dores humanas, que o seu verso consegue exprimir tão vivamente em forma antes artesanal do que acadêmica. Assim é Cora Coralina, repito: mulher extraordinária, diamante goiano cintilado na solidão e que pode ser contemplado em sua pureza no livro Poemas dos Becos de Goiás e Estórias Mais. Não estou fazendo comercial de editora, em época de festas. A obra foi publicada pela Universidade Federal de Goiás. Se há livros comovedores, este é um deles. Cora Coralina, pouco conhecida dos meios literários fora de sua terra, passou recentemente pelo Rio de Janeiro, onde foi homenageada pelo Conselho Nacional de Mulheres do Brasil, como uma das 10 mulheres que se destacaram durante o ano. Eu gostaria que a homenagem fosse também dos homens. Já é tempo de nos conhecermos uns aos outros sem estabelecer critérios discriminativos ou simplesmente classificatórios. Cora Coralina, um admirável brasileiro. Ela mesmo se define: “Mulher sertaneja, livre, turbulenta, cultivadamente rude. Inserida na gleba. Mulher terra. Nos meus reservatórios secretos um vago sentido de analfabetismo”. Opõe à morte “aleluias festivas e os sinos alegres da Ressurreição. Doceira fui e gosto de ter sido. Mulher operária”. Cora Coralina: gosto muito deste nome, que me invoca, me bouleversa, me hipnotiza, como no verso de Bandeira.

Carlos Drummond de Andrade. Jornal do Brasil, cad. B, 27-12-80.

²⁹⁷ BRITTO, Clovis Carvalho. “**Sou Paranaíba para cá**”: literatura e sociedade em Cora Coralina. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal de Goiás, 2006, p.63.

ANHANGÜERA ²⁹⁸

... e no terceiro dia da
criação o Criador
dividiu as águas, fez os
mares e os rios e separou
a terra e deu ela
ervas e plantas”.

... e quando das águas separadas
aflorou Goyaz, há milênios,
ficou ali a Serra Dourada
em teorias imprevistas
da lava endurecida,
e a equação do equilíbrio
da pedra oscilante.

Vieram as chuvas
e o calor acamou o limo
na camarinha das grotas.
O vento passou
trazendo na custódia das sementes
o pólen fecundante.

Nasceu a árvore.
E o Criador vendo que
era boa multiplicou a espécie
em sombras para as feras
em fronde para os ninhos
e em frutos para os homens.
Só depois de muitas eras
foi que chegaram os poetas.

Evém a Bandeira dos Polistas...
num tropel soturno
de muitos pés de muitas patas.
Deflorando a terra.
Rasgando as lavras
nos socavões.
Esfarelado cascalho,
ensacando ouro,
encadeiam Vila Boa
nos morros vestidos
de pau-d’arco.

Foi quando a perdida gente
no sertão impérvio.
Riscou o roteiro incerto
do velho Bandeirante.
e Bartolomeu Bueno,
bruxo feiticeiro,
num passe de magia

²⁹⁸ CORALINA, Cora. **Meu livro de cordel**. 9. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 2001. p.31-32.

histórica
tirou Goyaz de um prato
de aguardente
e ficou sendo o Anhanguera.

O PALÁCIO DOS ARCOS ²⁹⁹

O Palácio dos Arcos
tem estórias de valor
que não quero aqui contar.
Vou contar a estória do soldado carajá.

Era uma vez em Goiás
um soldado, carajá civilizado.
Sabia ler e contar.
Estimado no quartel.
Tinha boa disciplina,
divisas de furriel.

Um dia... era no mês de outubro.
A cidade estava baça
de fumaça das queimadas.
Fazia um calor medonho.
O povo clamava chuva.

O soldado carajá
dava guarda no Palácio
aquele dia.
De repente, ouviu um trovão surdo rolar
do lado da Santa Bárbara.
Rolou outro atrás do primeiro.
Levantou-se um pé-de-vento,
redemoinho.
Um cheiro forte de terra.

Um cheiro agreste de mato.
Um cheiro de aguada distante.
O soldado carajá,
ninguém sabe o que sentiu.
Acordou dentro de si
uma dura rebeldia.
Uma rude nostalgia.
O grito de sua raça.
Chamados de sua taba.
Aquela mudança de tempo
despertou os seus heredos.

Acordou seus atavismos.
Certo foi...

O bugrinho carajá,

²⁹⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.129-132.

de uma tribo muito mansa do Araguaia,
tinha vindo pequenino pra Goiás.
Foi criado bem criado
numa casa de família.
Ninguém nunca contou
dondé que ele tinha vindo.
Era mesmo filho da família.
Era igual aos meninos da cidade.

Andou na escola. Aprendeu leitura.
Subiu nos morros, apanhou pequi.
Nadou no rio, fisgou cascudo.
Pinchou pedra. Quebrou vidraça.
Vendeu tabuleiro de bolo de arroz.
Jogou beto na rua.
Empinou arraia.
Lançou corsário.
Brigou na regra. Embolou no aloite.
Escreveu indecência nas paredes.
Cresceu. Se fez homem de bem.
Sentou praça na Polícia.
Vestiu fardão escuro, botão dourado,
daquele tempo.
Calçou bota reiúna-canguru legítima,
ringideira.
Botou correame, quepe, mochila,
cinturão, refle-baioneta.
Encostou fuzil no ombro.
Fazia sentinela. Dava ronda.
Rendia guarda, marchava, desfilava.
Era estimado no quartel.

Tinha boa disciplina,
divisas de furriel.
Um dia (era no mês de outubro)
andavam de noite fogaréus vermelhos
queimando os morros.
A cidade estava baça de fumaça
das queimadas.
Fazia um calor medonho.
O povo clamava chuva.

O soldado carajá dava guarda no Palácio.
De repente, ouviu um trovão surdo rolar
do lado de Santa Bárbara.
Rolou outro atrás do primeiro.
Levantou-se um pé-de-vento,
redemoinho.
Um cheiro forte de terra.
Um cheiro agreste de mato.
Um cheiro de aguada distante.

O soldado carajá, sabe lá o que sentiu.
Acordou dentro de si
uma grande nostalgia.
Uma dura rebeldia.
O grito da sua raça.

Chamados da sua taba.
Aquele mudança de tempo
despertou os seus heredos.
Acordou seus atavismos.

Certo foi que o soldado carajá
(bugre civilizado, sabendo ler e contar)
encostou sua comblém (era no tempo das combléns).
Descalçou a reiúna-cangurú legítima, ringideira.
Baixou o quepe, correame,
mochila, refle-baioneta.
Sacou da túnica.
Desceu as calças e o mais que havia,
Saiu correndo pelas ruas.
Nu?
Vestido com seus atavismos.
Coberto com seus heredos.
Alcançou a Barreira do Norte
e sumiu-se no rumo do Araguaia...

Na poeira do bárbaro
atuado pelas forças cósmicas e ancestrais,
ouvia-se o grito selvagem:
...uirerê!... uirerê!... uirerê!...

E era uma vez em Goiás
um soldado de guarda,
civilizado carajá!

ESTÓRIA DO APARELHO AZUL-POMBINHO ³⁰⁰

Minha bisavó – que Deus a tenha em bom lugar –
inspirada no passado
sempre tinha o que contar.
Velhas tradições. Casos de assombração.
Costumes antigos. Usanças de outros tempos.
Cenas da escravidão.
Cronologia superada
onde havia bangüês.
Mucamas e cadeirinhas.
Rodas e teares. Ouro em profusão,
posto a secar em couro de boi.
Crioulinho vigiando de vara na mão
pra galinha não ciscar.
Romanceiro. Estórias avoengas...
Por sinal que uma delas embalou minha infância.

Era a estória de um aparelho de jantar
que tinha sido encomendado de Goiás
através de uma rede de correspondentes
como era norma, naquele tempo.

³⁰⁰ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.63-67.

Encomenda levada numa carta
em nobre estilo amistoso-comercial.
Bem notada. Fechada com obreia preta.

Carta que foi entregue de mão própria
ao correspondente na Corte,
que tinha morada e loja de ferragem
na Rua do Sabão.
O considerado lusitano – metódico e pontual –,
a passou para Lisboa.
Lisboa passou para Luanda.
Luanda no usual
passou para Macau.
Macau se entendeu com mercadores chineses.

E um fabricante-loiceiro,
artesão de Cantão,
laborou o prodígio (no dizer de minha bisavó).

Um aparelho de jantar – 92 peças.
Enorme. Pesado, lendário.
Pintado, estoriado, versejado,
de loiça azul-pombinho.
Encomenda de um senhor cônego
de Goiás
para o casamento de seu sobrinho e afilhado
com uma filha de minha bisavó.

O cônego-tio e padrinho
pelo visto, relatado,
fazia gosto naquele matrimônio.
E o aparelho era para as bodas contratadas.
Um carro de boi –
15 juntas, 30 bois –
bem fornido e rejuntado
para viagem longa,
partiu de Goiás, no século passado,
do meado, pouco mais.
Levava seis escravos escolhidos
e um feitor de confiança.
Mantimentos para a viagem.
E mais, oitavas de ouro,
disfarçadas no fundo de um berrante,
para os imprevistos da delonga.

E o antigo carro
por ano e meio quase
rodou, sulcou, cantou e levantou poeira
rechinando
por caminhos e atalhos,
vilas e cidades, campos, sarobais.
Atravessou rios em balsas.
Vadeou lameiros, tremedais.
Varou Goiás – fim de mundo.
Cortou o sertão de Minas.
O planalto de São Paulo.

Foi receber o aparelho e mais sedas e xailes-da-índia
em Caçapava –
ponta dos trilhos da Dão Pedro Segundo –
ali por volta de 1860 e tantos.
Durou essa viagem, ir e voltar,
dezesseis meses e vinte e dois dias.
– As bodas em suspenso.
Enquanto se esperava, escravas de dentro
fiavam na roda e urdiam no tear.
Mucamas compenetradas, mestreadas por rica-dona,
sentadas nas esteiras, nos estrados de costura,
desfiavam, bordavam, crivavam,
repolegavam
o bragal de minha avó.
Sinhazinha de catorze anos – fermosura.
Prendada. Faceira.
Muito certa na Doutrina.
Entendida do governo de uma casa
e analfabeta.
Diziam os antigos educadores:
“– Mulher saber ler e escrever não é virtude”.

Afinal, muito esperado,
chegou a Goiás, sem novidades ou peça quebrada,
o aparelho encomendado
através de uma rede de correspondentes.
Embarcado num veleiro,
no porto de Macau.

As bodas marcadas
se fizeram com aparato.
Fartas comezainas.
Vinho do Espinho – Portugal –
da parte do correspondente.
Aparelhos de loiça da China.
Faqueiros e salvas de prata.
Compoteiras e copos de cristal.

Na sobremesa minha bisavó exultava...
Figurava uma pinha de ilusão.

Toda ela de cartuchos de papel verde calandrado,
cheios de confeitos de ouro em filigrana.
Mimo aos convidados graduados:
Governador da Província,
Cônegos, Monsenhores, Padres-Mestres,
Capitão-Mor.
Brigadeiros. Comendadores.
Juizes e Provedores.
Muita pompa e toda parentela.
Por amor e grandeza desse fasto
– casamento da sinhazinha Honória
com o sinhô-moço Joaquim Luís –
dois velhos escravos, já pintando,
receberam chorando
suas cartas de alforria.

Ficou mais, assentado e prometido
em palavra de rei testemunhado,
que o crioulinho
que viesse ao mundo
com o primogênito do casal
seria forro sem tardança na pia batismal.
E se criaria em regalia
com o senhorzinho,
nato fosse ele, em hora e dia.

Um rebento do casal veio ao mundo
no fim de nove meses.
E na senzala do quintal
nascia de uma escrava
um crioulinho.
Conforme o prometido – libertado
alforriado
na pia batismal.

(Na pia batismal, era, naquele tempo,
forma legal e usual de se alforriar um escravo).
Toda essa estória
por via de um aparelho de loiça da China,
destinado a Goiás.
Laborado de um oleiro, loiceiro de Cantão.
Embarcado num veleiro
no porto de Macau.

Cartas com obreias.
Correspondentes antigos.
Cartuchos de confeitos de ouro.
Alforrias de escravos.
Bodas de meu avô.
Bragal da minha avó.
Roda e tear, marafundas e repolegos.
Coisas do passado..
E – dizia minha bisavó –
tudo se deu como o contado.

O PRATO AZUL-POMBINHO ³⁰¹

Minha bisavó - que Deus a tenha em glória -
sempre contava e recontava
em sentidas recordações
de outros tempos
a estória de saudade
daquele prato azul-pombinho.

Era uma estória minuciosa.
Comprida, detalhada.

³⁰¹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.79-86.

Sentimental.

Puxada em suspiros saudosistas
e ais presentes.

E terminava, invariavelmente,
depois do caso esmiuçado:

“- Nem gosto de lembrar disso...”

É que a estória se prendia
aos tempos idos em que vivia
minha bisavó
que fizera deles seu presente e seu futuro.

Voltando ao prato azul-pombinho
que conheci quando menina
e que deixou em mim
lembrança imperecível.

Era um prato sozinho,
último remanescente, sobrevivente,
sobra mesmo, de uma coleção,
de um aparelho antigo
de 92 peças.

Isto contava com emoção, minha bisavó,
que Deus haja.

Era um prato original,
muito grande, fora de tamanho,
um tanto oval.

Prato de centro, de antigas mesas senhoriais
de família numerosa.

De fastos de casamento e dias de batizado.

Pesado. Com duas asas por onde segurar.

Prato de bom-bocado e de mães-bentas.

De fios-de-ovos.

De receita dobrada

de grandes pudins,

recendendo a cravo,

nadando em calda.

Era, na verdade, um enlevo.

Tinha seus desenhos
em miniaturas delicadas.

Todo azul-forte,

em fundo claro

num meio-relevo.

Galhadas de árvores e flores,
estilizadas.

Um templo enfeitado de lanternas.

Figuras rotundas de entremez.

Uma ilha. Um quiosque rendilhado.

Um braço de mar.

Um pagode e um palácio chinês.

Uma ponte.

Um barco com sua coberta de seda.

Pombos sobrevoando.

Minha bisavó
traduzia com sentimento sem igual,

a lenda oriental
estampada no fundo daquele prato.
Eu era toda ouvidos.
Ouvia com os olhos, com o nariz, com a boca,
com todos os sentidos,
aquela estória da Princesinha Lui,
lá da China - muito longe de Goiás -
que tinha fugido do palácio, um dia,
com um plebeu do seu agrado
e se refugiado num quiosque muito lindo
com aquele a quem queria,
enquanto o velho mandarim - seu pai -
concertava, com outro mandarim de nobre casta,
detalhes complicados e cerimoniosos
do seu casamento com um príncipe todo-poderoso,
chamado Li.

Então, o velho mandarim,
que aparecia também no prato,
de rabicho e de quimono,
com gestos de espavento e cercado de aparato,
decretou que os criados do palácio
incendiassem o quiosque
onde se encontravam os fugitivos namorados.

E lá estavam no fundo do prato,
- oh, encanto da minha meninice! -
pintadinhos de azul,
uns atrás dos outros - atravessando a ponte,
com seus chapeuzinhos de bateia
e suas japoninhas largas,
cinco miniaturas de chinês.
Cada qual com sua tocha acesa
- na pintura -
para pôr fogo no quiosque
- da pintura.

Mas ao largo do mar alto
balouçava um barco altivo
com sua cobertura de prata,
levando longe o casal fugitivo.

Havia, como já disse,
pombos esvoaçando.
E um deles levava, numa argolinha do pé,
mensagem da boa ama,
dando aviso a sua princesa e dama,
da vingança do velho mandarim.

Os namorados então,
na calada da noite,
passaram sorrateiros para o barco,
driblando o velho, como se diz hoje.
E era aquele barco que balouçava
no mar alto da velha China,
no fundo do prato.

Eu era curiosa para saber o final da estória.
Mas o resto, por muito que pedisse,
não contava minha bisavó.
Dali para a frente a estória era omissa.
Dizia ela - que o resto não estava no prato
nem constava do relato.
Do resto, ela não sabia.
E dava o ponto final recomendado.
“- Cuidado com esse prato!
É o último de 92.”

Devo dizer - esclarecendo,
esses 92 não foram do meu tempo.
Explicava minha bisavó
que os outros - quebrados, sumidos,
talvez roubados -
traziam outros recados, outras legendas,
prebendas de um tal Confúcio
e baladas de um vate
chamado Hipeng.

Do meu tempo só foi mesmo
aquele último
que, em raros dias de cerimônia
ou festas do Divino,
figurava na mesa em grande pompa,
carregado de doces secos, variados,
muito finos,
encimados por uma coroa
alvacenta e macia
de cocadas-de-fita.

Às vezes, ia de empréstimo
à casa da boa tia Nhorita.
E era certo no centro da mesa
de aniversário, com sua montanha
de empadas, bem tostadas.
No dia seguinte, voltava,
conduzido por um portador
que era sempre o Abdênago, preto de valor,
de alta e mútua confiança.

Voltava com muito-obrigados
e, melhor - cheinho
de doces e salgados.
Tornava a relíquia para o relicário
que no caso era um grande e velho armário,
alto e bem fechado.
- “Cuidado com o prato azul-pombinho” -
dizia minha bisavó,
cada vez que o punha de lado.

Um dia, por azar,
sem se saber, sem se esperar,
antes do salta-caminho,
partes do capeta,
fora de seu lugar, apareceu quebrado,

feito em pedaços - sim senhor -
o prato azul-pombinho.
Foi um espanto. Um torvelinho.
Exclamações. Histeria coletiva.
Um deus-nos-acuda. Um rebuliço.
Quem foi, quem não foi?...

O pessoal da casa se assanhava.
Cada qual jurava por si.
Achava seus bons álibis.
Punia pelos outros.
Se defendia com energia.
Minha bisavó teve “aquela coisa”.
(Ela sempre tinha “aquela coisa” em casos tais.)
Sobreveio o flato.
Arrotando alto, por fim, até chorou...

Eu (emocionada) vendo o pranto de minha bisavó,
lembrando só
da princesinha Lui -
que já tinha passado a viver no meu inconsciente
como ser presente,
comecei a chorar
- que chorona sempre fui.

Foi o bastante para ser apontada e acusada
de ter quebrado o prato.
Chorei mais alto, na maior tristeza,
comprometendo qualquer tentativa de defesa.
De nada valeu minha fraca negativa.
Fez-se o levantamento de minha vida pregressa
de menina
e a revisão de uns tantos processos arquivados.
Tinha já quebrado - em tempos alternados,
três pratos, uma compoteira de estimação,
uma tigela, vários pires e a tampa de uma terrina.

Meus antecedentes, até,
não eram muito bons.
Com relação a coisas quebradas
nada me abonava.
E o processo se fez, pois, à revelia da ré,
e com esta agravante:
tinha colado no meu ser magricela, de menina,
vários vocativos
adesivos, pejorativos:
inzoneira, buliçosa e malina.

Por indução e conclusão,
era eu mesma que tinha quebrado o prato azul-pombinho.

Reuniu-se o conselho de família
e veio a condenação à moda do tempo:
uma boa tunda de chineladas.

Aí ponderou minha bisavó
umas tantas atenuantes a meu favor.

E o castigo foi comutado
para outro, bem lembrado, que melhor servisse a todos
de escarmento e de lição:
trazer no pescoço por tempo indeterminado,
amarrado de um cordão,
um caco do prato quebrado.

O dito, melhor feito.
Logo se torceu no fuso
um cordão de novelão.
Encerado foi. Amarrou-se a ele um caco, de bom jeito,
em forma de meia-lua.
E a modo de colar, foi posto em seu lugar,
isto é, no meu pescoço.
Ainda mais
agravada a penalidade:
proibição de chegar na porta da rua.
Era assim, antigamente.

Dizia-se aquele, um castigo atinente,
de ótima procedência. Boa coerência.
Exemplar e de alta moral.

Chorei sozinha minhas mágoas de criança.
Depois me acostumei com aquilo.
No fim, até brincava com o caco pendurado.
E foi assim que guardei
no armarinho da memória, bem guardado,
e posso contar aos meus leitores,
direitinho,
a estória, tão singela,
do prato azul-pombinho.

NOTA ³⁰²

*De como acabou, em Goiás,
o castigo dos cacos quebrados no pescoço*

Foi com a morte da menina Jesuína. Era minha bisavó quem contava. Eu era pequena, ouvia e chorava. Me parecia eu mesma, a pequena da estória.

Havia na cidade, contemporânea de minha bisavó, uma tal de D. Jesuína, senhora apatacada, dona de Teres-Haveres. Sempre encontrada nos velórios, muito solidária com a morte e com os vivos, ali permanecia invariavelmente até que os galos amiudassem. Tinha seus escravos de serviço e de aluguel, entre estes a escrava de dentro, de nome Prudência. Está no completo. Nas medidas exigentes do tempo. Sem preço. Deu a sua Sinhá vários crioulos de valor que mais enricaram a velha dona. No fim veio aquela que tomaria nome de Rola, afillhada e alforriada na Pia, o que era legal e usado no tempo. Rola teve casamento de capela fechada dizendo sua condição de moça-virgem.

Não tardou muito por essas e tais razões e sofismas, a se representar hética. Diziam: gálico do marido. Certo que depois de várias vomitações de sangue (hemoptises) que a levaram, deixou no mundo uma menina que a madrinha batizou também com seu próprio nome-Jesuína. A pequena, um fiapo de gente, veio para os braços da avó, trazida pela Sinhá Madrinha. Filha de mãe hética, débil, franzina, foi espigando

³⁰² CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.87-90.

devagarinho, imperceptivelmente, mamando no seio fecundo da negra avó que fez renascer o seu veio de leite por amor à neta. Certo, ia vivendo e crescendo dentro das regras do tempo velho. Nem escrava, nem forra. Meio a meio em boa disciplina.

Não era má, D. Jesuína, antes de boa justiça, madurona, severa, experiente.

Jesuína encostou-se afinal nos dez anos. Magrinha, grandes olhos de espanto para a vida. Medrosa, obediente, agarrada a sua regalia uma boneca de pano que a madrinha teve a bondade de consentir.

Em qualquer pequena falta, a ameaça: “olha que eu tomo a boneca...” A menina apertava a bruxa no peito magro e se espiritava.

Tinha algumas obrigações. Varria a casa, apanhava o cisco. Lavava umas tantas peças de louça e aprendia a ler. Tinha, nas vagas, sua carta de ABC, sentadinha no canto, tomando propósito.

Dormia numa esteirinha nos pés da grande marquesa de sobrecéu armado, da madrinha. Velhos pedaços de forro eram a coberta.

A obrigação: de pela manhã descerrar os tampos da janela, apagar a lamparina de azeite, chegar as chinelas nos pés reumáticos da madrinha, apresentar o urinol para os alvíos da velha. Regra certa, imutável, consolidada, sem variação. Um chamado - Jesuína, a menina de pé, pedindo a bênção, praticando a obediência.

Aconteceu que um dia a tampa da terrina escapuliu das mãos da menina e escacou. Foi um escarcéu. Dona Jesuína estremeceu em severidades visíveis, e se conteve: “que não fizesse outra...”

Teria contudo de ser castigada, exemplada: um colar de cacos quebrados no pescoço e a bruxa consumida. Proibido chorar. Assim era e assim foi. Coisas do tempo velho. A cacaria serrilhada, amarrada a espaço num cordão encerado, ficava como humilhante castigo exemplar, de que todos se riam até que num longínquo dia-santo alguém se lembrasse de punir por aquela retirada.

No caso da menina continuava. Dormia e acordava com seu colar de pedaços desiguais e serrilhados de jeito a permanência. Tinha nas casas gente afeitada a essas artes, elaboravam com simetria e gosto maldoso. Naqueles tempos refastados, qualquer castigo agradava e eram agravados com motes de aprovação convincentes.

Aconteceu que, naquela noite, D. Jesuína foi acordada com uns resmungos, gemidos, quase, vindos da esteirinha. Ralhou: “aquietada, muleca, deixa a gente durmi...”

Tudo aquietou e a noite continuou seu giro no espaço e no tempo. Na alcova, o círculo amarelo da velha lamparina de azeite. Os quadros de santos imóveis nas paredes. Depois novo resmungo, uns gemidinhos, coisa de menor.

De novo, a velha da sua alta marquesa: “vira de banda menina, isso é pisadeira, não vai mijá na esteira...”

O silêncio se fez. A velha voltou ao sono, acordou nas horas. “Jesuína, Jesuína.” Nada de resposta. Comentou: “pois é, enche o bucho, vem pisadeira, não deixa durmi, e de manhã ferra no sono”.

A lamparina, sua luz escassa e amarelada em meia claridade. D. Jesuína desceu as pernas, os pés deram num molhado visguento e frio. - “Pois é enche a barriga e ainda suja na esteira...” Jesuína gritou forte. No silêncio da alcova os santos veneráveis, frios, hieráticos. A velha abriu a janela num repelão.

Abaixou, sacudiu a menina. Recuou. A criança estava fria, endurecida e morta. A esteirinha encharcada. Durante a noite, no sono, uma aresta mais viva de um dos cacos serrilhados tinha cortado uma veiazinha do seu pescoço, e por ali tinha no correr da noite esvaído seu pouco sangue e ela estava enrodilhada, imobilizada para sempre.

A notícia correu. As amigas de D. Jesu vieram e deram pêsames, justificando: foi a mãe que veio buscar a filha.

Foi assim, com o sacrifício da menina Jesuína, desaparecendo em Goiás o castigo exemplar do colar de cacos quebrados no pescoço. Quando chegou a minha vez já era só um caco.

No meu sono de criança, tinha a sensação de uma sombra debruçada sobre mim. Era minha bisavó ajeitando o caco, tirando para fora da coberta.

Não fosse acontecer com Aninha o que acontecera com a menina Jesuína, cria da D. Jesu.

TREM DE GADO ³⁰³

E as boiadas vêm descendo do sertão!
Safrá, entressafrá...
Mato Grosso. Minas. Goiás.
Caminhos recruzados. Pousos espalhados.
Estradas boiadeiras. Aguada...
Pastos e gerais.
Cerrados. Cerradões...
Compáscuos...
Cercados. Aramados.
Corredores.
Nhecolândia. Pantanal.
Cochim.
Campos de Vacaria. Dourados. Maracaju.
Rio Verde.
Santana do Paranaíba. Serras do Amambaí.
Criatório...
Boiadeiros. Fazendeiros.
Comissários. Criadores.
Invernistas. Recria.
Trem de gado ronceiro...
jogando, gingando
nos cilindros, nos pistões, nas bielas e nos truques.
Rangendo, chocalhando,
estrondando nas ferragens.

Resfôlego de vapor.
Locomotiva crepitando, fagulhando,
apitando, sinalando, esguichando, refervendo.
Chiados, rangidos, golfadas, atritos, apitos.
Bandeira vermelha que se agita.
Bandeira verde da partida.
E o resfolegar do trem que vem, do trem que vai...

Trem de gado engaiolado, parado
na plataforma, na esplanada.
Gente que passa
- pára.

Corre os olhos. Conta as gaiolas. Avalia. Sopesa.
Soma. Dá o cômputo.
Espia. Mexe. Recua.
Procura agitar os bois famintos, sedentos.
Cansados, enfarados, pressionados.

Ribombos no tabuado.
Ameaçar inútil.
Coice. Chifres entrechocantes.
Traseiros esbarrondando.
Grades lameadas. Gaiolas esterçadas, respingantes.

³⁰³ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.143-145.

... e o boi que se deita exausto...
Exaustos, esfomeados, sedentos, engaiolados,
cansados.
Estradas de ferro ronceiras.
Longas viagens demoradas,
rotineiras.
Composição parada nos desvios - tempo
aguardando horário, partida, sinal...
Bandeira verde, apito...

Eu vi
o boi deitado, exausto.
Pisado. Mijado. Sujo. Escoiceado.
Quartos encolhidos. Juntas dobradas. Cabo inerte.
Olhar vidrado.
Vencido.

Encosta na paleta a cabeçorra enorme.
Começa a morrer.
Morre devagar... dias, noites...
Arrancos inúteis.
Mugido parco. Lúgubre...
Estrebuchar de agonia.

Emporcalhado - estira os quartos.
Alonga o pescoço. Encomprida o cabo.
Língua de fora, de lado.
Olhos abertos. Vidrados.
Morre o boi.
Olhos abertos, vidrados
vendo - o pasto verde,
o barreiro salitrado, a aguada fria, cantante,
distante...

Eu vi
a alma do boi pastando, lambendo, bebendo,
nas invernadas do Céu.
Eu vi - de verdade -
a alma do boi - boizinho pequenino,
entrando, deitando alegrinho
na lapinha de Belém.

MINHA CIDADE³⁰⁴

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
de tuas ruas estreitas,
curtas,
indecisas,
entrando,
saindo
uma das outras.

³⁰⁴ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.47-49.

Eu sou aquela menina feia da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

Eu sou aquela mulher
que ficou velha,
esquecida,
nos teus larguinhos e nos teus becos tristes,
contando estórias,
fazendo adivinhação.
Cantando teu passado.
Cantando teu futuro.

Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados
e telhados
e paredes.

Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas
onde se debruça
um antigo jasmineiro,
cheiroso
na ruinha pobre e suja.

Eu sou estas casas
encostadas
cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
dessas árvores,
sem nome e sem valia,
sem flores e sem frutos,
de que gostam
a gente cansada e os pássaros vadios.

Eu sou o caule
dessas trepadeiras sem classe,
nascidas na frincha das pedras:
Bravias.
Renitentes.
Indomáveis.
Cortadas.
Maltratadas.
Pisadas.
E renascendo.

Eu sou a dureza desses morros,
Revestidos,
enflorados,
lascados a machado,
lanhandos, lacerados.
Queimados pelo fogo.
Pastados.
Cacinados
e renascidos.
Minha vida,
meus sentidos,
minha estética,

todas as vibrações
de minha sensibilidade de mulher,
têm, aqui, suas raízes.

Eu sou a menina feia
da ponte da Lapa.
Eu sou Aninha.

RIO VERMELHO³⁰⁵

Longe do Rio Vermelho.
Fora da Serra Dourada.
Distante desta cidade,
Não sou nada, minha gente.

Sem rebuço, falo sim.
Publico para quem quiser.
Arrogante digo a todos.
Sou Paranaíba para cá.
E isto chega pra mim.

Rio Vermelho das janelas da casa velha da Ponte...
Rio que se afunda de baixo das pontes.
Que se reparte nas pedras.
Que se alarga nos remansos.
Esteira de lambaris.
Peixe cascudo nas locas.

Rio, vidraça do céu.
Das nuvens e das estrelas.
Tira retrato da Lua.
Da Lua quarto-crescente
que mora detrás do morro.
Lua que veste a cidade de branco
e tece rendado de marafunda
na sombra das cajazeiras.

Rio de águas velhas.
Roladas das enxurradas.
Crescidas das grandes chuvas.
Chovendo nas cabeceiras.
Rio do princípio do mundo
Rio da contagem das eras.

Rio - mestre de Química.
Na retorta das corredeiras,
corrige canos, esgoto, bueiros,
das casas, das ruas, dos becos
da minha terra.

Rio, santo milagroso.

³⁰⁵ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.91-94.

Padroeiro que guarda e zela
a saúde da minha gente,
da minha antiga cidade largada.
Rio de lavadeiras lavando roupa.
De meninos lavando o corpo.
De potes se enchendo da água.
E quem já ficou doente da água do rio?
Quem já teve ferida braba, febre malina,
pereba, sarna ou coceira?

Rio, meu pobre Jó...
Cumprindo sua dura sina.
Raspando sua lazeira
nos cacos dos seus monturos.
Rio, Jó que se alimpa,
pela graça de Deus, Virgem Santa Maria,
nas cheias de suas enchentes
que carregam seus monturos.
Ponte da Lapa da minha infância...
Da escola da Mestra Silvina,
do tempo em que eu era Aninha...

Ponte do Carmo, querida,
dos namorados de longe.
Por onde passava enterro,
dos anjinhos de Goiás,
que iam pro cemitério,
pintadinhos de carmim.
Caixãozinho descoberto.
E a música tocando atrás
A Valsa da Despedida.

Ponte nova do Mercado
- foi pinguela do Antônio Manuel,
banheiro da meninada.
Ponte do Padre Pio dos potes d'água.
Carioca de nós todos.
Pinguelona dos destemidos,
contando a estória de um sino.

Sino grande, impensado,
nas locas da cachoeira.
Sino da Igreja da Lapa,
que rodou na grande enchente
tocando pro rio abaixo.
Até que parou impensado
nas pedras da Pinguelona.

Gente que passa ali perto
conta estória do sino:
Inda toca à meia-noite
quando a cidade se aquieta,
e as águas ficam dormindo.

Tange, pedindo uma graça:
Que algum cristão caridoso,
o salve daquele poço,

o tire debaixo d'água.
Pois seu destino de sino
é no alto de uma torre
abençoando a cidade.
Dando aviso para o povo
- louvar a Deus poderoso.

Poço da Mandobeira...
Poço do Bispo...
Poço da Carioca...
Sombras de velhos banhistas dos velhos tempos.
Sabão do Reino no bolso.
Toalha passada ao ombro.
Cigarro de palha no bico.
A vitamina do banho.
Banho da Carioca.
Águas vitaminadas...

Rio vermelho - meu rio.
Rio que atravessei um dia
(Altas horas. Mortas horas.)
há cem anos...
Em busca do meu destino.

Da janela da casa velha
todo dia, de manhã,
tomo a bênção do rio:
- "Rio Vermelho, meu avozinho,
dá sua bença pra mim..."

A ESCOLA DA MESTRA SILVINA³⁰⁶

Minha escola primária...
Escola antiga de antiga mestra.
Repartida em dois períodos
para a mesma meninada,
das 8 às 11, da 1 às 4.
Nem recreio, nem exames.
Nem notas, nem férias.
Sem cânticos, sem merenda...
Digo mal – sempre havia
distribuídos
alguns bolos de palmatória...
A granel?
Não, que a Mestra
era boa, velha, cansada, aposentada.
Tinha já ensinado uma geração
antes da minha.

A gente chegava “ – Bença, Mestra.”
Sentava em bancos compridos.
escorridos, sem encosto.

³⁰⁶ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p.75-78.

Lia alto lições de rotina:
o velho abecedário,
lição salteada.
Aprendia a soletrar.

Vinham depois:
Primeiro, segundo,
terceiro e quarto livros
do erudito pedagogo
Abílio César Borges –
Barão de Macaúbas.
E as máximas sapientes
do Marquês de Maricá.

Não se usava quadro-negro.
As contas se faziam
em pequenas lousas
individuais.

Não havia chamada
e sim o ritual
de entradas, compassadas.
“- Bença, Mestra...”

Banco dos meninos.
Banco das meninas.
Tudo muito sério.
Não se brincava.
Muito respeito.
Leitura alta.
Soletrava-se.
Cobria-se o debuxo.
Dava-se a lição.
Tinha dia certo de argumento
com a palmatória pedagógica
em cena.
Cantava-se em coro a velha tabuada.

Velhos colegas daquele tempo...
Onde andam vocês?

A casa da escola inda é a mesma.
- Quanta saudade quando passo ali!
Rua direita, nº 13.
Porta da rua pesada,
escorada com a mesma pedra
da nossa infância.

Porta do meio, sempre fechada.
Corredor de lajes
e um cheirinho de rabugem
dos cachorros de Samélia.
À direita – sala de aulas.
Janelas de rótulas.
Messorra escura
toda manchada de tinta
das escritas.

Altos na parede, dois retratos:
Deodoro, Floriano.

Num prego de forja, saliente na parede,
estirava-se a palmatória.
Porta de dentro abrindo
numa alcova escura.
Um velhíssimo armário.
Canastras tacheadas.
Um pote d'água.
Um prato de ferro.
Uma velha caneca, coletiva,
enferrujada.
Minha escola da Mestra Silvina...
Silvina Ermelinda Xavier de Brito.
Era todo o nome dela.

Velhos colegas daquele tempo,
onde andam vocês?

Sempre que passo pela casa
me parece ver a Mestra,
nas rótulas.
Mentalmente beijo-lhe a mão.
“- Bença, Mestra”.
E faço a chamada da saudade
dos colegas:
(...)
Minha irmã Helena.
(Eu era Aninha.)
Velhos colegas daquele tempo.
Quanto de vocês respondem
esta chamada de saudades
e se lembram da velha escola?

E a Mestra?...
Está no Céu.
Tem nas mãos um grande livro de ouro
e ensina a soletrar
aos anjos.

VELHO SOBRADO³⁰⁷

Um montão disforme. Taipas e pedras,
abraçadas a grossas aroeiras,
toscamente esquadriadas.
Folhas de janelas.
Pedaços de batentes.
Almofadados de portas.
Vidraças estilhaçadas.
Ferragens retorcidas.

³⁰⁷ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**, 1984, p. 95-99.

Abandono. Silêncio. Desordem.
Ausência, sobretudo.
O avanço vegetal acoberta o quadro.
Carrapateiras cacheadas.
São-caetano com seu verde planejamento,
pendurado de frutinhas ouro-rosa.
Uma bucha de cordoalha enfolhada,
berrante de flores amarelas
cingindo tudo.
Dá guarda, perfilado, um pé de mamão-macho.
No alto, instala-se, dominadora,
uma jovem gameleira, dona do futuro.
Cortina vulgar de decência urbana
defende a nudez dolorosa das ruínas do sobrado
— um muro.

Fechado. Largado.
O velho sobrado colonial
de cinco sacadas,
de ferro forjado,
cede.

Bem que podia ser conservado,
bem que devia ser retocado,
tão alto, tão nobre-senhorial.
O sobradão dos Vieiras
cai aos pedaços,
abandonado.
Parede hoje. Parede amanhã.
Caliça, telhas e pedras
se amontoando com estrondo.
Famílias alarmadas se mudando.
Assustados - passantes e vizinhos.
Aos poucos, a " fortaleza " desabando.

Quem se lembra?
Quem se esquece?

Padre Vicente José Vieira.
D. Irena Manso Serradourada.
D. Virgínia Vieira
- grande dama de outros tempos.
Flor de distinção e nobreza
na heráldica da cidade.
Benjamim Vieira,
Rodolfo Luz Vieira,
Ludugero,
Angela,
Débora, Maria...
tão distante a gente do sobrado...

Bailes e saraus antigos.
Cortesia. Sociedade goiana.
Senhoras e cavalheiros...
- tão desusados...
O Passado...

A escadaria de patamares
vai subindo... subindo...
Portas no alto.
À direita. À esquerda.
Se abrindo, familiares.

Salas. Antigos canapés.
Cadeiras em ordem.
Pelas paredes forradas de papel,
desenho de querubins, segurando
cornucópia e laços.
Retratos de antepassados,
solenes, empertigados.
Gente de dantes.

Grandes espelhos de cristal,
emoldurados de veludo negro.
Velhas credências torneadas
sustentando
jarrões pesados.
Antigas flores
de que ninguém mais fala!
Rosa cheirosa de Alexandria.
Sempre-viva. Cravinas.
Damas-entre-verdes.
Jasmim-do-cabo. Resedá.
Um aroma esquecido
- manjerona.

O Passado...

O salão da frente recende a cravo.
Um grupo de gente moça
se reúne ali.
“Clube Literário Goiano”.
Rosa Godinho.
Luzia de Oliveira.
Leodegária de Jesus,
a presidência.

Nós, gente menor,
sentadas, convencidas, formais.
Respondendo à chamada.
Ouvindo atentas a leitura da ata.
Pedindo a palavra.
Levantando idéias geniais.

Encerrada a sessão com seriedade,
passávamos à tertúlia.
O Velho harmônico, uma flauta, um bandolim.
Músicas antigas. Recitativos.
Declamavam-se monólogos.
Dialogávamos em rima e risos.

D. Virgínia. Benjamim.
Rodolfo. Ludugero.
Veros anfitriões.

Sangrias. Doces. Licor de rosa.
Distinção. Agrado.

O Passado...

Homens sem pressa,
talvez cansados,
descem com leva
madeirões pesados,
lavrados por escravos
em rudes simestrias,
do tempo das acutas.
Inclémência.
Caem pedaços na calçada.
Passantes cautelosos
desviam-se com prudência.
Que importa a eles o sobrado?

Gente que passa indiferente,
olha de longe,
na dobra das esquinas,
as traves que despencam.
- Que vale para eles o sobrado?

Quem vê nas velhas sacadas
de ferro forjado
as sombras debruçadas?
Quem é que está ouvindo
o clamor, o adeus, o chamado?...
Que importa a marca dos retratos na parede?
Quem importam as salas destelhadas,
e o pudor das alcovas devassadas...
Que importam?

E vão fugindo do sobrado,
aos poucos,
os quadros do Passado.

BECOS DE GOIÁS³⁰⁸

Beco da minha terra...
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.
Teu ar sombrio. Tua velha umidade andrajosa.
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.
E a réstia de sol que ao meio-dia desce, fugidia,
e semeia polmes dourados no teu lixo pobre,
calçando de ouro a sandália velha,
jogada no teu monturo.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,
descendo de quintais escusos

³⁰⁸ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.103-106.

sem pressa,
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.
Amo a avenca delicada que renasce
na frincha de teus muros empenados,
e a plantinha desvalida, de caule mole
que se defende, viceja e floresce
no agasalho de tua sombra úmida e calada.

Amo esses burros-de-lenha
que passam pelos becos antigos. Burrinhos dos morros,
secos, lanzudos, malzelados, cansados, pisados.
Arrochados na sua carga, sabidos, procurando a sombra,
no range-range das cangalhas.

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.
Sem infância, sem idade.
Franzino, maltrapilho,
pequeno para ser homem,
forte para ser criança.
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.

Amo e canto com ternura
todo o errado da minha terra.

Becos da minha terra,
discriminados e humildes,
lembrando passadas eras...

Beco do Cisco.
Beco do Cotovelo.
Beco do Antônio Gomes.
Beco das Taquaras.
Beco do Seminário.
Bequinho da Escola.
Beco do Ouro Fino.
Beco da Cachoeira Grande.
Beco da Calabrote.
Beco do Mingu.
Beco da Vila Rica...

Conto a estória dos becos,
dos becos da minha terra,
suspeitos... mal afamados
onde família de conceito não passava.
“Lugar de gentinha” - diziam, virando a cara.
De gente do pote d’água.
De gente de pé no chão.
Becos de mulher perdida.
Becos de mulheres da vida.
Renegadas, confinadas
na sombra triste do beco.
Quarto de porta e janela.
Prostituta anemiada,
solitária, hética, engalicada,
tossindo, escarrando sangue
na umidade suja do beco.

Becos mal assombrados.
Becos de assombração...
Altas horas, mortas horas...
Capitão-mor - alma penada,
terror dos soldados, castigado nas armas.
Capitão-mor, alma penada,
num cavalo ferrado,
chispando fogo,
descendo e subindo o beco,
comandando o quadrado - feixe de varas...
Arrastando espada, tinindo esporas...

Mulher-dama. Mulheres da vida,
perdidas,
começavam em boas casas, depois,
baixavam pra o beco.
Queriam alegria. Faziam bailaricos.
- Baile Sifilítico - era ele assim chamado.
O delegado-chefe de Polícia - brabeza -
dava em cima...
Mandava sem dó, na peia.
No dia seguinte, coitadas,
cabeça raspada a navalha,
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,
na frente da Cadeia.

Becos da minha terra...
Becos de assombração.
Românticos, pecaminosos...
Têm poesia e têm drama.
O drama da mulher da vida, antiga,
humilhada, malsinada.
Meretriz venérea,
desprezada, mesentérica, exangue.
Cabeça raspada a navalha,
castigada a palmatória,
capinando o largo,
chorando. Golfando sangue.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.
Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.
Uma passagem de terceira no grande coletivo de São Vicente.
Uma estação permanente de repouso - no aprazível São Miguel.
Cai o pano.

DO BECO DA VILA RICA³⁰⁹

No beco da Vila Rica
tem sempre uma galinha morta.

³⁰⁹ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.107-116.

Preta, amarela, pintada ou carijó.
Que importa?
Tem sempre uma galinha morta, de verdade.
Espetacular, fedorenta.
Apodrecendo ao deus-dará.

No Beco da Vila Rica,
ontem, hoje, amanhã,
no século que vem,
no milênio que vai chegar,
terá sempre uma galinha morta, de verdade.
Escandalosa, malcheirosa.
Às vezes, subsidiariamente, também tem
- um gato morto.

No beco da Vila Rica tem
velhos monturos,
coletivos, consolidados,
onde crescem boninas perfumadas.

Beco da Vila Rica...
Baliza da cidade,
do tempo do ouro.
Da era dos “polistas”,
de botas, trabuco, gibão de couro.

Dos escravos de sunga de tear, camisa de baeta,
pulando o muro dos quintais,
correndo pra o jeguedê e o batuque.

A estória da Vila Rica
é a estória da cidade mal contada,
em regras mal traçadas.
Vem do século dezoito,
Vai para o ano dois mil.
Vila Rica não é sonho, inventação,
imaginária, retórica, abstrata, convencional.

É real, positiva, concreta e simbólica.
Involuída, estática.
Conservada, conservadora.
E catiguda.

Velhos portões fechados.
Muros sem regra, sem prumo nem aprumo.
(Reentra, salienta, cai não cai,
entorta, endireita,
embarriga, reboja, corcoveia...
Cai não.
Tem sapatas de pedra garantindo.)

Vivem perrengando
de velhas velhices crônicas.
Pertencem a velhas donas
que não se esquecem de os retalhar
de vez em quando.
E esconjuram quando se fala

em vender o fundo do quintal,
fazer casa nova, melhorar.
E quando as velhas donas morrem centenárias
os descendentes também já são velhinhos.
Herdeiros da tradição
- muros retelhados. Portões fechados.

Na velhice dos muros de Goiás
o tempo planta avencas.

Monturo:
Espólio da economia da cidade.
Badulaques:
Sapatos velhos. Velhas bacias.
Velhos potes, panelas, balaços, gamelas,
e outras furadas serventias
vêm dar ali.

Não há nada que dure mais do que um sapato velho
jogado fora.
Fica sempre carcomido,
ressecado, embodocado,
saliente por cima dos monturos.
Quanto tempo!
Que de chuva, que de sol,
que de esforço, constante, invisível,
material, atuante,
silencioso, dia e noite,
precisará de um calçado, no lixo,
para se decompor absolutamente,
se desintegrar quimicamente
em transformações de humo criador?...

Às vezes, um vadio,
malvado ou caridoso,
põe fogo no monturo.
Fogo vagaroso, rastejante.
Marcado pela fumaceira conhecida.
Fumaça de monturo:
Agressiva. Ardida.
Cheiro de alergia.
Nervosia, dor de cabeça.
Enjoo de estômago.
Monturo:
tem coisa impossível de queimar,
vai ardendo devagar,
no rasto da cinza, na mortalha da fumaça.

Monturo...
Faz lembrar a Bíblia:
Jó, raspando suas úlceras.
Jó, ouvindo a exortação dos amigos.
Jó, clamando e reclamando do seu Deus.
As mulheres de Jó,
as filhas de Jó,
gandaíam coisinhas, pobrezas,
nos monturos do beco da Vila Rica.

Eu era menina pobrezinha,
como tantas do meu tempo.
Me enfeitava de colares
de grinaldas,
de pulseiras,
das boninas dos monturos.

Vila Rica da minha infância,
do fundo dos quintais...
Sentinelas imutáveis dos becos, os portões.
Velhos. Velhíssimos. Carunchados.
Trancados à chave.
Escorados por dentro.
Chavões enormes (turistas morrem por elas).
Fechaduras de broca, pesadas, quadradas.
Lingueta desconforme, desusada.
Portões que se abriam,
antigamente,
em tardes de folga,
com licença dos mais velhos.

Aonde a gente ia - combinada com a vizinha,
conversar, espairecer... passar a tarde...
Tarde divertida, de primeiro, em Goiás,
passada no beco da Vila Rica,
- a dos monturos bíblicos.
Dos portões fechados.
De mosquitos mil. Muriçocas. Borrachudos.
E o lixo pobre da cidade,
extravasando dos quintais.
E aquela cheiração ardida.
E a ervinha anônima,
sempre a mesma,
estendendo seu tapete
por toda a Vila Rica.
Coisinha rasteirinha, sem valia.
Pisada, cativa, maltratada.
Vigorosa.
Casco de burro de lenha.
Pisadas de quem sobe e desce.
Daninheza de menino vadio.
nunca dão atraso a fedegoso,
federação, manjiroba, caruru-de-espinho,
guanxuma, são-caetano.
Resistência vegetal... Plantas que vieram donde?
Do princípio de todos os princípios.
Nascem à toa. Vingam conviventes.
Enfloram, sem amparo nem reparo de ninguém.
E só morrem depois de cumprida a obrigação:
amadurecer... sementear,
garantir a sobrevivência.
E flores... migalhas de pétalas, de cores.
Amarelas, brancas, roxas, solferinas.
Umás tais de andaca... boninas...
Flor de brinquedo de menina antiga.
Flor de beco, flor de pouco caso.

Vagabundas, desprezadas.

Becos da minha terra...

Válvulas coronárias da minha velha cidade.

Além do mais, Vila Rica tem um cano horroroso.

Começa no começo.

Abre ali sua bocarra de lobo

e vai até o Rio Vermelho.

Coitado do Rio Vermelho!...

O cano é um prodígio de sabedoria,

engenharia, urbanismo colonial,

do tempo do ouro.

Conservado e confirmado.

Utilíssimo ainda hoje.

Recebe e transfere.

Às vezes caem lajes da coberta.

A gente corre os olhos sem querer.

Meninos debruçam para ver melhor

o que há lá dentro.

É horroroso o cano no seu arrastar de espurcícias,

vagaroso.

Deus afinal se amerceia de Vila Rica

e um dia manda chuvas.

Chuvas pesadas, grossas, poderosas.

Dilúvio delas. Chuvas goianas.

A enxurrada da Rua da Abadia lava o cano.

O fiscal manda repor as lajes.

E a vida da cidade continua,

tão tranquila, sem transtornos.

Diz a crônica viva de Vila Boa

que, debaixo do cano da Vila Rica,

passa um filão de ouro.

Vem da Rua Monsenhor Azevedo.

Rico filão. Grosso filão.

Veia pura, confirmada.

Atravessa o beco - daí o nome de Vila Rica.

E vai engolido pelo Rio Vermelho.

Para defender esse veiro

e dirimir contendas no passado

que deram causas a mortes, brigas, danos e facadas,

o Senhor Ouvidor de Vila Boa,

por bem entender e ser de sua alçada,

mandou por cima do filão de ouro

estender o cano.

Medida salomônica e salutar.

Bem por isso um ilustre causídico,

de sobrado beiradão colonial,

costuma recolher num vidro de boca larga

palhetas de ouro,

encontradas na moela das galinhas do quintal.

Além de tudo,

Goiás tinha seus costumes familiares.

Normas sociais interessantes
conservadas através de gerações.
Hábitos familiares que se diluíram com o tempo,
ligados aos becos e aos portões.

Família antiga de alta consideração
e pouca intimidade.
De grande conceito e rígida etiqueta,
certo dia,
mandava na casa amiga portador de confiança:
Sá Liduvina, negra forra.
Gente da casa, integrada na família.
Viu nascer Ioiô.
Viu nascer Iaiá.
Viu nascer filhos de Ioiô.
Viu nascer filhos de Iaiá...
Madrinha, de carregar, de um bando de meninos.
Contas redondas de ouro no pescoço.
Brinco de cabacinha nas orelhas.
Conceição maciça, pendurada.
Bentinhos escondidos no seio.
Saia escura, rodada, se arrastando.
Paletó branco de morim, muito engomado.
Chinelas cara-de-gato, nos pés,
largos, pranchados, reumáticos.

Bate na porta do meio...
- “Dá licença, Nhãnhã?...” - “Vai entrando...”
- “Suscristo...” - Entrega as flores.
- “Nhã, D. Breginata mandou essas fulô
do quintar dela,
mandou falá
se vassuncê consente qui Nhanhá Sinhaninha
vai passá o dia santo damenhã
cum Sinhá Lili...”
- “Que vassuncê num sincomode.
Que au de noite, au depois da purcissão
ela vem trazê...”
- “É pra passá o dia inteirinho...
Inhá Lili mandou pidi”.

Lá dentro, consultas demoradas,
Depois: - “Sim... Pois não...
Sinhazinha vai com muito gosto.
Fala pra D. Breginata pra abri o portão
que Sinhazinha vai ao depois da missa da madrugada”.

Estas e outras visitas se faziam
passando pelo portão.
Andar pelas ruas. Atravessar pontes e largos,
as moças daquele tempo eram muito acanhadas.
Tinham vergonha de ser vistas de “todo o mundo”...

“Todo o mundo...”
Expressão pejorativa muito expressiva.
Muito goiana. Muito Brasil
colonial, imperial, republicano.

Era comum portador com este recado:

- “Vai lá na prima Iaiá, fala pra ela mandar abrir o portão, depois do almoço, que vou fazer visita pra ela...”

Costume estabelecido:

Levar buquê de flores.

Dar lembrança, dar recado.

Visitas com aviso prévio.

Mulheres entrarem pelo portão.

Saírem pelo portão.

Darem voltas, passarem por detrás.

Evitarem as ruas do centro,

serem vistas de todo o mundo.

Em colaboração com tais hábitos havia o xaile.

Indumentária lusitana,

incorporada ao estatuto da família.

Xaile escuro, de preferência.

Liso, florado, barrado, de listras.

Quadrado. Franjas torcidas. Tecido fofo de lã.

De casimira, de sarja, baetilha, seda,

lã e seda, alpaca, baeta.

Dobrado em triângulo. Passado pela cabeça.

Bico puxado na testa.

Pontas certas, caídas na cacunda.

Pontas cruzadas na frente,

enrolando, dissimulando o busto, as formas,

a idade, a mulher.

Durante um século prevaleceu o xaile.

Substituiu o mantéu e o bioco.

Contava minha bisavó, do primeiro xaile

- novidade - aparecido em Goiás e bem aceito.

Depois, não havia loja que não tivesse xaile.

Xaile preto. Xaile branco.

Azul-escuro, avinhado, havana, cinzento.

Xaile verde.

Era ótimo presente de aniversário.

Muito estimado e de longa duração.

Ajudava o velho estatuto

das mulheres se resguardarem,

embuçadas, disfarçadas.

Olharem na tabuleta.

Entrarem pelo portão.

Passarem por detrás.

Justificando o antigo brocardo português:

“Mulheres, querem-nas resguardadas e a sete chaves...”

A moça, quando casava, já sabia:

levava no enxoval um xaile,

de preferência escuro.

E quando a cegonha dava sinal,

era de decência e compostura

- bata ancha. Anágua de baeta.

Saia comprida se arrastando,
e ritual - o xaile,
embonando tudo.

E o primeiro agasalho do nascituro
era um xaile encarnado de baeta.
Felpas vermelhas de baeta, arrancadas do cueiro,
molhadas no cuspo, coladas na testa,
era porrete pra soluço.
Não havia espasmo de criança
que resistisse à velha pajelança.

O BECO DA ESCOLA ³¹⁰

Um corricho, de passagem,
um dos muitos vasos comunicantes
onde circula a vida humilde da cidade.
Um bequinho de brinquedo, miudinho.
Chamado no meu tempo de menina
- beco da escola.

Uma braça de largura, mal medida.
Cinquenta metros de comprido... avaliado.
Bem alinhado. Direitinho.
Beco da escola...
Escola de velhos tempos.
Tempos de velhas mestras.
Mestra Lili. Mestra Silvina. Mestra Inhola.
Outras mais, esquecidas mestras de Goiás.

Mestra Lili... o seu perfil:
Miudinha, magrinha.
Boa sobretudo. Força moral.
Energia concentrada. Espírito forte.
O hábito de ensinar, ralhar, levantar a palmatória,
Afeiçoara-lhe o conjunto
- enérgico, varonil.
A escola da mestra Lili
era mesmo naquela esquina.
Casa velha - ainda hoje a casa é velha.
Janelas abertas para o beco.
Sala grande. A mesa da mestra.
Bancos compridos, sem encosto.
Mesa enorme dos meninos escreverem
lições de escrita.
De ruas distantes a gente ouvia,
quartas e sábados, cantada em alto coro
a velha tabuada.

O bequinho da escola
lembra mestra Lili.

³¹⁰ CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e Estórias mais**. 5. ed. Mariana: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1984. p.117-120.

Lembra mestra Inhola.

Lembra mestra Silvina.
Sá Mônica. Mestra Quina. Mestra Ciriáca.

Esquecidas mestras de Goiás.
Elas todas - donzelas,
sem as emoções da juventude.
Passavam a mocidade esquecidas de casamento,
atarefadas com crianças.
Ensinando o bê-a-bá às gerações.

O beco da escola é uma transição.
Um lapso urbanístico
entre a Vila Rica e a Rua do Carmo.
Tem janelas.
Uma casinha triste de degraus.
Velhos portões fechados, carcomidos.
Lixo pobre.
Aqui, ali, amparadas no muro,
umas aventureiras e interessantes flores de monturo.

Velhas mestras... Velhas infâncias...
Reminiscências vagas...

O bequinho da escola brinca de esconder.
Corre da Vila Rica - espia a Rua do Carmo.
É um dos mais singulares e autênticos becos de Goiás.
Tem a marca indisfarçada dos séculos
e a pátina escura do Tempo.
Beco recomendado a quem busca o Passado.
Recomendado - sobretudo -
aos poetas existencialistas,
pintores, a Frei Nazareno.
Tem portões vestidos de velhice. Tem bueiro.
Tem muros encarquilhados,
rebuçadinhos de telhas.
São de velhas donas credenciadas
de velhas descendências
- guerreiros do Paraguai.
Bem estreito e sujo
como compete a um beco genuíno.
Esquecido e abandonado,
no destino resumido dos becos,
no desamor da gente da cidade.

Poetas e pintores
românticos, surrealistas, concretistas, cubistas,
eu vos conclamo.
Vinde todos cantar, rimar em versos,
bizarros, coloridos,
os becos da minha terra.
Ao meio-dia desce sobre eles,
vertical,
um pincel de luz,
rabiscando de ouro seu lixo pobre,
criando rimas imprevistas nos seus monturos.

De noite... noite de quarto,
a cidade vazia se recolhe
num silêncio avaro, severo.
Horas antigas do passado.
- Concentração.
Almas penadas doutro mundo.
Procissão das almas
vai saindo da porta fechada das igrejas.
Vem vindo pelas ruas.
Desaparecem pelas esquinas.

Responsam pelos becos.
Altas visagens: assombração...
O diabo no corpo...
Lobisomem...

Simbolismo dos velhos avatares.

CASA VELHA DA PONTE ³¹¹

CASA VELHA DA PONTE...

Olho e vejo tua ancianidade vigorosa e sã.

Revejo teu corpo patinado pelo tempo, marcado das escaras da velhice. Desde quando ficaste assim?

Eu era menina e você já era a mesma, de paredes toscas, de beiradão desusado e feio, onde em dias de chuva se encolhiam as cabras soltas da cidade. Portais imensos para suas paredes rudes de barrotins e enchimento em lances sobrepostos salientes.

Folhas de portas pesadas de árvores fortes descomuns serradas a mão, unidas e aparelhadas, levantadas para a entrada e saída de gigantes homens ferros, duros restos de bandeira. Fechaduras anacrônicas, chavões de broca, gonzos rangentes de feitio estranho e pregos quadrados.

MINHA CASA VELHA DA PONTE... assim a vejo e conto, sem datas e sem assentos. Assim a conheci e canto com minhas pobres letras. Desde sempre. Algum dia cerimonial foste casa nova, num tempo perdido do passado, quando mãos escravas te levantaram em pedra, madeirante e barro. Esquadrejam tua ossadura bronca, traçaram teus barrotões na cava certa e profunda dos esteios altos, encaixaram teus alinhamentos, cumeeiras, pontaletes, freixais, arrojantes e empenas, duras aroeiras, lavradas a machado, com cheiro de florestas, arrastadas em carretões de bois. Vieram os barrotins das taipas e os caibros linheiros, tirados em santa lua. Os envarados de taquara, amarrados com tiras de couro cru em permanência secular. Enchimentos lacrados com viscoso barro goiano, argila de boa loiça que se lacrou para sempre, ao tempo e ao sol, indestrutível casa velha, assentada em pedras brutas e cernes de lei. O capim-musgo viça e cresce nos beirais encachoeirados; celebra em cada advento tua veneranda idade, teu corpo encurvado, marcado de escaras carecido de reparos que ninguém mais faz. Todo o calendário de chuvas repetem-se tuas goteiras lacrimosas e se abrem novas em complicada cadência de gotas indefinidas, e é apenas um rotineiro afastar de cadeiras e malas desusadas para a liberdade de variados pingos, com suas variações de locações diversas a cada chuva de vento forte e renitente. Faz medo subir no velho telha-vã, abrir caminho no encaibrado escuro, no ripado frágil, afastar as telhas coladas pelo tempo na desconfiança de que mais goteiras se abrirão. Com o sol tudo se recompõe. Os móveis voltam aos seus lugares, esquecidos a lástima e o choro manso das pingueiras.

CASA VELHA DA PONTE...

Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas. Gerações de rolinhas fogo-pagô descantam teus anos jubilares, desfilando nas altas cumeeiras, aninham-se nas

³¹¹ CORALINA, Cora. **Estórias da casa velha da ponte**. 3. ed. São Paulo: Global distribuidora de Livros e Revistas G.B DE Oliveira & Cia Ltda, 1986. p.7-11.

mangueiras rotundas e mariscam suas coisinhas, sementinhas de capim na areia limpa do quintal. Geriarcas lagartixas, eternas inquilinas dos velhos muros e paredes brechadas se aquecem ao sol balançando sempre a cabecinha astuta.

Minha bisavó falava de seus antigos ancestrais.

O primeiro lembrado de outra bisavó – um certo Thebas Ruiz, recebedor dos quintos reais, antes de morrer enterrou no porão da casa ouro avultado, grossas barras, moedas e mais lavrados. Para não seguir preso para Portugal, prevaricador da Real Coroa, sonegador e esbanjador dos Quintos de El-Rei, bebeu seu copo de veneno, tendo antes feito beber ao seu antigo escravo de confiança, que muito sabia e podia contar.

Depois veio um Sargento-mor, bisavô de muitos, português colonial. Um Cônego Couto, liberal e dono de moedas, montes de ouro, prataria. Contava minha bisavó que esse senhor Cônego, feito suas Humanidades em Coimbra, só almoçava sua gorda feijoada goiana em pratos e talheres de ouro. Um capitão da guarda nacional, que dragonou milhares de homens felizes e analfabetos, capitães, majores e coronéis, enfeitados com galões dourados e vitalícios sem percalços de reforma. Um desembargador da Monarquia – meu pai -, minha mãe viúva. Minhas irmãs, eu afinal a última sobrevivente de gerações passadas.

Estórias, fantasias de “enterro de ouro”, muito ouro que se pesava às arrobas, se encompridavam em barras e arredondavam em moedas e se laboravam em adornos. Escravos escavando em busca dos filões, veeiros que aprofundavam terra adentro, vigiados de feitores, esfalfando-se em trabalho muscular, nas lavras de um tal Vai-Vem que ainda hoje tem esse nome de terceiros, perto de Goiás. E assim se criou a mística do “enterro de ouro” na Casa Velha da Ponte.

Vultos negros no escuro se buscando, se agarrando, na sombra dos muros e tapumes, atacadados num cio vigoroso e animal. De noite, subia das senzalas e dos quadrados um fartum de sexo e de sêmen. Nasciam crioulinhos e as senzalas eram o celeiro e a garantia da sobrevivência dos escravos que se arrebatavam no serviço bruto dos senhores.

Contava minha bisavó de certo Lourenço, jovem crioulo escravo, que um dia, ameaçado de castigo, rasgou o ventre num desvão da escada. Foi achado, quando Capitão-do-Mato já ia à sua procura, caído, morto, rasgado a faca, com suas mãos duras, agarradas aos caracóis do próprio intestino, roto e derramado. Depois de muito tempo, a negrada livre. Abolida a escravidão, as famílias empobrecidas, o serviço desorganizado na cidade e nos campos. A miséria das senzalas aos poucos se desfazendo, retiradas as telhas de valia. As taipas desprotegidas e abjetas. A decadência lenta, inexorável, mais a mais, dia a dia, tempo a tempo. O pauperismo geral. A melancolia dos senhores definhando-se no saudosismo estéril de negras submissas e amedrontadas, de negros animalizados e crioulinhos regrados a palmatória. Os relhos dependurados, os açoites inúteis, as palmatórias ociosas. O sadismo sem mais onde cevar.

Velhos muros socados, perdendo sua altura senhorial, caindo lance a lance, num desmoroamento vagaroso e constante até o raso dos alicerces de pedras grossas. Tudo pela falta de uma ou duas telhas que ninguém mais repunha; uns, por estarem perto e outros, por estarem longe. A lástima, a solidão.

A falsa aparência de uma casa grande. Morada de gente envelhecida, injustiçada, incapaz de reagir, empobrecida, triste, cevando um masoquismo inconsciente e mazombo. Cerradas portas e janelas, resguardando de olhar estranho o desmazelo e a pobreza que se instalavam.

A busca aos gravetos do quintal, sempre generosos, para o primeiro fogo, o café da manhã. O pau de lenha. A xícara de sal, a compra resumida de um celamim de arroz...

A batida ansiosa entre velhos e crianças, a intera de vintém de cobre para alcançar o valor de um verde e cheiroso quilo de café.

Os grandes inventos da pobreza disfarçada...Belgroegas...Um esparregado de folhas tenras de tomateiro. Mata-compadre de pé de muro. Ora-pro-nóbis, folhas grossas e macias, catadas das ramas espinhentas de um moiteiro de fundo de quintal. Refogados, gosmentos, comidos com angu de farinha e pimenta-de-cheiro, que tudo melhorava, estimulando glândulas vorazes de subalimentados.

O grande quintal gerador de abóboras, pepinos, quiabos e mandioca, abandonado ao mato invasor, na falta do braço escravo. Mangueiras, jabuticabeiras. Goiabas pelas pontas. Frutas no tempo certo. No tempo certo, vermelhas açucenas surgindo, místicas e solitárias, no seu caule esguio, entre as pedras calcinadas na aridez da terra cascalhenta.

Neste meio me criei e me fiz jovem. Meus anseios extravasaram a velha casa. Arrombaram portas e janelas, e eu me fiz ao largo da vida. Andei por mundo ignotos e cavalguei o corcel branco do sonho. Pobre, vestida de cabelos brancos, voltei à velha CASA DA PONTE, barco centenário encalhado no Rio Vermelho, contemporânea do Brasil Colônia, de monarcas e adventos. Ancorada na ponte, não quiseste partir rio abaixo, agarrada às pedras. Nem mesmo o rio pôde te arrastar, raivoso, transbordante, lavando tuas raízes profundas a cada cheia bravia, velha casa de tantos que se foram.

Ainda vive e pulsa aqui teu coração imortal, testemunha vigilante do passado. Humilde, pequenina e ofertante, a biquinha d'água, generosa, indiferente à decadência, a biquinha anciã de águas puras de ignota mina. Cantante e fria, correndo sempre menina na sua calha aroeira. Biquinha, és banho e refrigério, copo de água cristalina e azul para a sede de quem fez longa caminhada às vertentes do passado e volta vazia às origens da sua própria vida.

CASA VELHA DA PONTE, és para o meu cântico ancestral uma